

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

ANA MARIA DE CARVALHO

MULHERES CONDUTORAS DE ÔNIBUS: tabus, conquistas e desafios

DISSERTAÇÃO

**CURITIBA
2017**

ANA MARIA DE CARVALHO

MULHERES CONDUTORAS DE ÔNIBUS: tabus, conquistas e desafios

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Tecnologia e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (Mestrado) em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Linha de pesquisa: Tecnologia e Trabalho.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Lindamir Salete Casagrande.

CURITIBA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C331m Carvalho, Ana Maria de
2017 Mulheres condutoras de ônibus : tabus, conquistas e desafios /
Ana Maria de Carvalho.-- 2017.
107 f. : il. ; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês
Disponível também via World Wide Web
Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal
do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Socie-
dade, Curitiba, 2017
Bibliografia: f. 97-101

1. Motoristas de ônibus – Mulheres – Curitiba, PR. 2. Discrimi-
nação de sexo contra as mulheres. 3. Relações de gênero. 4.
Transporte urbano – Curitiba, PR. 5. Relações homem-mulher. 6.
Tecnologia – Dissertações. I. Casagrande, Lindamir Salete. II.
Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-
graduação em Tecnologia Sociedade. III. Título.

CDD: Ed. 23 – 600

Biblioteca Central da UTFPR, Câmpus Curitiba
Bibliotecário: Adriano Lopes CRB9/1429



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria Geral do *Campus* Curitiba
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e
Sociedade



TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 503

A Dissertação de Mestrado intitulada **MULHERES CONDUTORAS DE ÔNIBUS: tabus, conquistas e desafios** defendida em sessão pública pelo(a) candidato(a) **Ana Maria de Carvalho** no dia **11 de dezembro de 2017**, foi julgada para a obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Tecnologia e Trabalho e aprovada em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade.

Profª. Drª. Marília Gomes de Carvalho - (UTFPR)
Profª. Drª. Silvana Maria Escorsim - (UFPR)
Profª. Drª. Cíntia de Souza Batista Tortato - (IFPR)
Profª. Drª. Lindamir Salete Casagrande - (UTFPR) - *Orientadora*

Curitiba, **11 de dezembro de 2017.**

Profª. Drª. Nanci Stancki da Luz
Coordenadora do PPGTE



DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória de meu pai Francisco e minha mãe Irene, meus exemplos de vida e responsáveis por minhas vitórias.

À minha filha Lais que possa se espelhar em minhas melhores ações.

Às mulheres trabalhadoras que rompem padrões se inserindo em campos profissionais com predomínio masculino, em especial as mulheres motoristas de ônibus participantes da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Nossa Senhora - minha mãe do céu, pelas infinitas bênçãos em minha vida.

Aos meus familiares, em especial minha irmã Maria, que se fez presente em todo esse processo com muito carinho e comidinhas.

Às amigas Natália, Clélia, Clotilde, Monica, Maristela pelo incentivo e a Gal Portes por estar ao meu lado nos momentos importantes.

A minha amiga Tânia Incerti por ter despertado em mim a possibilidade em concorrer a uma vaga num Programa de Pós Graduação tão bem conceituado.

À querida Professora Lindamir Salete Casagrande, por ter me aceito como uma orientanda a mais em seu time e por ter conduzido o trabalho com leveza, disponibilidade e afeto.

Às professoras Marilia Gomes de Carvalho, Silvana Escorsim, Betina Lima pelas valiosas contribuições na banca de qualificação e à professora Cintia Tortato por aceitar o convite para compor a banca examinadora de defesa da dissertação.

Aos/as docentes do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da UTFPR.

Aos/as colegas do Núcleo de Gênero e Tecnologia (GeTec) do PPGTE que ao trazer discussões sobre gênero, me conduziram nesse árduo e lindo caminho sem volta.

Aos diretores/as do Campus Curitiba – IFPR: Adriano Willian e Sheila Freitas que oportunizaram minha participação na Pós Graduação.

À minha chefia imediata Jusane Dalmonico pelo apoio, confiança, torcida e amizade.

Aos melhores Assistentes Sociais do IFPR, Tânia Incerti e Leandro Araújo pelo companheirismo, amizade em todas as horas e ao Lê pelos esclarecimentos marxistas.

Aos colegas da Seção Pedagógica e Assuntos Estudantis, especialmente ao Ricardo pelas contribuições nas apresentações e à Érica com seu incentivo.

Aos colegas mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da UTFPR, que tive a grata satisfação em conhecer, em especial aos companheiros das viagens para Congressos: Kaciane, Lucas, Michel, Ricardo, Glacieli, Marttem, Talita e também aos colegas dos debates externos: Lelo, Cleisson, Egre, Luciane, Mauren, Ricardo, Henrique, Guilherme, Oengredi, Alexandre, Priscila, Gabriela, Ana, Nabyla.

Por fim quero deixar meu especial agradecimento ao Michel Ferreira, meu guru intelectual pelo apoio, troca de experiências e auxílio na formatação desta dissertação. Obrigada Jay!

RESUMO

CARVALHO, Ana Maria de. **Mulheres Conductoras de Ônibus: Tabus, Conquistas e Desafios.** 2017 Dissertação (Mestrado em tecnologia e sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2017.

A função de conduzir ônibus é exercida majoritariamente por homens. Porém, cada vez mais, mulheres adentram nessa profissão e ali sentem os tabus, os desafios e as alegrias da profissão. Desta forma o objetivo desta pesquisa foi analisar as condições de acesso e permanência das mulheres como condutoras de ônibus em Curitiba e Região Metropolitana, com olhar voltado às conquistas, dificuldades, limites, desafios que estas mulheres enfrentam para acessar e permanecer na profissão. Como metodologia de pesquisa se adotou a qualitativa, utilizando como técnica de pesquisa a entrevista semiestruturada, na qual foram entrevistadas 20 mulheres condutoras de ônibus, atuantes em Curitiba e Região Metropolitana. As entrevistas ocorreram nos meses de maio e junho de 2017. Para análise dos dados utilizamos o método de Análise de Conteúdo, no qual observamos que a inserção e permanência nessa profissão é permeada por contradições, e, embora seja perceptível o alto grau de empoderamento das motoristas, elas ainda são submetidas a inúmeros desafios no que tange as relações de poder praticadas pelos motoristas do sexo masculino. Há relatos de situações em que as motoristas se utilizam de estratégias para relevar ou ficar indiferente às investidas discriminatórias como forma de não se indispor no trabalho. Outrossim demonstram ter, na atuação profissional, a igualdade de capacidade para condução dos veículos e bem desempenhar a profissão. Os resultados desta pesquisa poderão possibilitar ações para maior inserção das mulheres nesta profissão.

Palavras-Chave: Divisão Sexual do Trabalho; Desigualdades de Gênero; Mulheres Motoristas de Ônibus.

ABSTRACT

Carvalho, Ana Maria de. *Women Bus Drivers: Taboos, Achievements and Challenges*. 2017 Dissertation (Master in Technology and Society) - Graduate Program in Technology and Society, Federal Technological University of Paraná, Curitiba, 2017.

The function of driving a bus is exercised mainly by men. However, more and more, women enter this profession and there feel the taboos, challenges and joys of the profession. In this way the objective of this research was to analyze the conditions of access and permanence of women as bus drivers in Curitiba and Metropolitan Region, with a view to the achievements, difficulties, limits, challenges that these women face to access and remain in the profession. As a research methodology, a qualitative approach was adopted, using as a research technique the semi-structured interview, in which 20 bus drivers, who worked in Curitiba and Metropolitan area, were interviewed. The interviews took place in May and June of 2017. In order to analyze the data we used the Content Analysis method, in which we observed that the insertion and permanence in this profession is permeated by contradictions, and although the high degree of empowerment of drivers, they are still subjected to numerous challenges regarding the power relations practiced by male drivers. There are reports of situations in which drivers use strategies to relieve or be indifferent to discriminatory assaults as a way of not being upset at work. In addition, they demonstrate that they have the same level of capacity to drive their vehicles and perform their profession. The results of this research may enable actions to increase the insertion of women in this profession.

Keywords: Sexual Division of Labor; Gender Inequalities; Women bus drivers.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil das motoristas de ônibus	24
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Influência para obtenção da CNH D ou E	26
Gráfico 2 – Motivações para escolha da profissão	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA	11
1.2 EMBASAMENTO TEÓRICO.....	11
1.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	13
1.4 ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	13
2 METODOLOGIA	15
2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOMÉTRICO.....	17
2.2 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	20
2.2.1 Materialização das entrevistas.....	21
2.2.2 Descrição dos locais das entrevistas.....	22
2.2.3 Quem são estas mulheres.....	23
2.2.4 A busca pela habilitação e pela escolha profissional	25
3 REFERENCIAL TEÓRICO	28
3.1 TRABALHO.....	28
3.1.1 Fundamentos ontológicos do trabalho.....	29
3.1.2 Transformações e precarização no mundo do trabalho.....	31
3.1.3 Relações entre classe e gênero no mundo do trabalho.....	34
3.1.4 Setor terciário ou setor de serviço.....	36
3.2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	39
3.2.1 Cuidado.....	46
3.3 GÊNERO.....	50
3.3.1 Estereótipo de gênero	62
4 INTERPRETAÇÕES E ANÁLISES	70
4.1 SER MULHER, SER MOTORISTA DE ÔNIBUS?.....	70
4.2 CAPACIDADE, CORAGEM e ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	73
4.3 PAPÉIS FEMININOS, PAPÉIS MASCULINOS.....	77
4.4 DIREÇÃO e CUIDADO.....	81
4.4.1 Espaço doméstico e o cuidado por elas.....	83
4.5 ASSÉDIO MORAL	86
4.6 PRECONCEITO SEM DISFARCES.....	88
4.7 CONQUISTAS E DESAFIOS	90
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	97

APÊNDICE I: NORMAS PARA TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS GRAVADAS.....	102
APÊNDICE II: ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	104
APÊNDICE III: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.....	105

1 INTRODUÇÃO

A motivação para o aprofundamento no debate em tela está pautada na atuação como Assistente Social, que no fazer profissional se depara com as diversas expressões da questão social e injustiças que estão enraizadas na contradição capital x trabalho.

Partindo do posicionamento a favor da equidade, justiça social e eliminação de todas as formas de preconceito, nos suscita a reflexão de como ocorre a inserção de mulheres em campos de trabalho ocupados majoritariamente por homens.

E ao contemplar as trabalhadoras motoristas de veículos de grande porte, em especial as condutoras dos ônibus que compõem o transporte coletivo de Curitiba do qual sou usuária e, embora sejam poucas essas motoristas nos despertam curiosidade e admiração; curiosidade em conhecer como se dá a rotina de trabalho em profissão com predomínio de profissionais masculinos e admiração ao observar a maestria com que os veículos são conduzidos por elas.

Estas observações, atreladas às discussões de gênero da qual sou participante junto ao Núcleo de Gênero e Tecnologia (GETEC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e somado ao mundo em que vivemos permeado por ideários machistas, reacionários, misóginos¹ e repleto de desigualdade social os quais também se refletem na divisão sexual do trabalho, suscitou-nos o interesse em analisar a percepção das mulheres motoristas de ônibus acerca de sua atuação no Transporte Coletivo de Curitiba e Região Metropolitana, desvelando eventuais tabus, desafios, conquistas e experiências no exercício da profissão.

Conhecer a realidade das mulheres que exercem a função de motoristas de ônibus no transporte coletivo de Curitiba e Região Metropolitana, profissão marcadamente ocupada pelos homens em virtude das determinações de gênero, subsidiará a análise das relações de trabalho entre homens e mulheres, relações de gênero, divisão sexual do trabalho.

Destarte analisar as condições de acesso e permanência, eventuais tabus, conquistas desafios na operacionalização do trabalho pelas mulheres motoristas de ônibus no transporte coletivo urbano em Curitiba e Região Metropolitana, com olhar voltado às dificuldades, possibilidades, limites e desafios enfrentados para o acesso e permanência na profissão será o pano de fundo para a discussão das relações de gênero e divisão sexual do trabalho que envolve essas mulheres.

Partilhamos o pensamento de Betina Stefanello Lima (2013) sobre a existência do

¹ Misoginia se manifesta em forma de piadas, pornografias e violências, etc. Está relacionada a desvalorização do feminino e, em sua versão mais radical, ao ódio ou desprezo ao feminino.

labirinto de cristal, que representa as dificuldades e obstáculos enfrentados pelas mulheres no exercício profissional, uma vez que se assemelham com paredes transparentes que passam despercebidos pela maioria das pessoas, mas que são fortemente sentidos pelas mulheres, de modo especial quando adentram em profissões predominantemente masculinas.

Vivemos em uma sociedade marcada pelo modo de produção capitalista, na qual as relações de trabalho entre homens e mulheres conforme Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) são definidas pela divisão sexual do trabalho em dois princípios²: separação o qual distingue modalidades de trabalho para os homens e modalidades de trabalho para as mulheres e hierarquia que valoriza mais o trabalho do homem, que o trabalho da mulher.

Para Hirata (2002) na lógica hierárquica o trabalho masculino é mais valorizado e melhor remunerado do que o trabalho da mulher e nessa perspectiva da separação a sociedade estabelece carreiras masculinas e outras femininas.

Nesta concepção, infere-se que a carreira de motorista de ônibus é considerada um reduto masculino e as mulheres que adentram neste universo podem enfrentar dificuldades para além do conhecimento técnico, podendo sofrer preconceitos com base no gênero.

Hirata (2007) assevera que a participação das mulheres no mercado de trabalho, faz com que estas passem a cumprir jornada dupla de trabalho, ou seja, acabam por desenvolver o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo e não se dão conta das possibilidades de novas negociações para minimizar o fardo que carregam pela dupla jornada.

A motivação para analisarmos a condição das mulheres que exercem a profissão de motorista de ônibus, se deu pela disparidade entre a quantidade de motoristas de ônibus do sexo masculino em comparação com a quantidade de motoristas de ônibus do sexo feminino, de acordo com dados obtidos em 2015³ havia 83 mulheres exercendo a função de condutora de ônibus para um universo de 4.059 condutores do sexo masculino atuantes no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana.

Para corroborar a pesquisa realizamos levantamento bibliométrico com recorte temporal de 2010 a 2016, para verificação de produções teóricas acerca da atuação das mulheres motoristas de ônibus, a qual resultou numa única dissertação com aderência ao proposto nesta pesquisa.

No que se refere a atuação da **mulher motorista de ônibus** os resultados obtidos evidenciam se tratar de uma temática pouco estudada no cenário brasileiro, uma vez que após

² Para Hirata e Kergoat os princípios: 'separação' e 'hierárquico' legitimam a ideologia naturalista ao rebaixar o gênero ao sexo biológico.

³ Sindicato das Empresas de Ônibus de Curitiba e Região Metropolitana (SETRANSP)

o levantamento identificamos em duas das três bases de dados analisadas, uma única dissertação com aderência ao tema desta pesquisa.

A quantidade inexpressiva de pesquisas acerca da atuação de mulheres na profissão de motorista de ônibus denota que, até o momento, poucos/as pesquisadores/as se interessaram pela temática.

O desenvolvimento desta pesquisa poderá levar a compreender a dinâmica que perpassa a atuação profissional das mulheres participantes deste estudo.

Desvelar, pela perspectiva das mulheres, as condições enfrentadas para sua admissão e permanência na profissão de motoristas de ônibus no transporte coletivo de Curitiba será o pano de fundo para análise da existência de tabus, conquistas e desafios enfrentados no exercício profissional. Sendo assim, a pergunta que norteou esta pesquisa foi: Qual a percepção das motoristas de ônibus frente as condições de acesso e permanência, os tabus, as conquistas e os desafios do exercício profissional no Transporte Coletivo Urbano de Curitiba e Região Metropolitana?

1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo Geral:

Analisar a percepção das motoristas de ônibus frente as condições de acesso e permanência, os tabus, as conquistas e os desafios do exercício profissional no Transporte Coletivo Urbano de Curitiba e Região Metropolitana.

Objetivos Específicos:

- Investigar as razões pelas quais as condutoras de ônibus no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana buscaram a profissão;
- Avaliar se os critérios postos para o processo de contratação dos/as motoristas de ônibus, são excludentes com relação ao gênero dos/as candidatos/as ao cargo;
- Identificar qual o posicionamento/postura da mulher condutora de ônibus, frente às possíveis situações de discriminação por gênero/sexo, no desempenho da função.

1.2 EMBASAMENTO TEÓRICO

A análise da dinâmica que perpassa a atuação das mulheres condutoras de ônibus no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana foi realizada à luz das conceituações sobre: divisão sexual do trabalho e as desigualdades de gênero, por serem categorias e conceitos que darão suporte teórico para interpretar as inquietações expostas na

presente dissertação.

Como aportes teóricos nos embasarão as obras de: Betina Stefanello Lima (2013), Helena Hirata (2002) e Danièle Kergoat (2007), Guacira Lopes Louro (1992, 1997), Joan Scott (1995), Londa Schiebinger (2001), Heleieth Saffioti (2011), Marília Gomes de Carvalho e Lindamir Salete Casagrande (2011), Marília Pinto de Carvalho (1999), Cristina Bruschini (2000), Maria Rosa Lombardi (2006), dentre outras.

A base conceitual adotada acerca da categoria gênero converge para a perspectiva de Scott (1995) cuja definição se caracteriza pela análise relacional e social imprescindível na discussão sobre as relações de poder na sociedade. Para a autora “[...] o Gênero é uma forma primária de significar às relações de poder” e também “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [...]” (SCOTT, 1995, p. 89).

Referente às questões de desigualdade nas relações sociais entre homens e mulheres, Bruschini (2000) problematiza que tais desigualdades foram historicamente construídas pela cultura patriarcal de dominação e subordinação acerca do trabalho na esfera doméstica e familiar.

Adotamos como referencial da divisão sexual do trabalho, os estudos desenvolvidos sobre as relações desiguais motivadas pela diferenciação sexual no trabalho, em que as autoras Hirata e Kergoat (2007) mostram que a forma de divisão do trabalho social é decorrente das relações sociais entre os sexos e, ainda mais importante, trata-se de fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos.

A percepção das mulheres motoristas de ônibus acerca das relações sociais existentes em profissão com predomínio de motoristas do sexo masculino foi analisada à luz das reflexões sobre as relações de poder entre homens e mulheres, relações de dominação, exploração, opressão dos homens sobre as mulheres, conforme Louro (1997).

Concordamos com Saffioti (2011) que pondera não se tratar de que uns/umas sejam melhores que outros/as, e sim há existência de disputa de poder exercida pelo patriarcado que transforma o equilíbrio de relações de igualdade, para o controle e dominação. Destarte nossa abordagem não tratará da prevalência de uns/umas sobre os/as outras outros/as e sim analisará se há disputa pelo poder e dominação.

No caminho profissional das mulheres ocorrem diversos obstáculos, muitas vezes imperceptíveis, caracterizado por Lima (2013) de **labirinto de cristal** caminho sinuoso, com paredes transparentes que passam despercebidos pela maioria das pessoas, mas são fortemente sentidos pelas mulheres, quando adentram em profissões com predomínio masculino.

1.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Para corroborar a pesquisa e atribuir mais consistência no embasamento teórico e cientificidade ao proposto, realizamos levantamento bibliométrico para verificação de produções teóricas acerca da atuação da mulher motorista de ônibus, o qual foi desenvolvido em 03 bases de dados propositadamente nacionais, vez que a pretensa área de pesquisa está focada no cotidiano brasileiro, cujo objeto de pesquisa está inserido em sistema de transporte público peculiar com uso exclusivo de frotas de ônibus ao invés de outras modalidades de transporte coletivo urbano: que seriam metrô, trem, dentre outros.

A pesquisa é de cunho qualitativo que enfatiza a qualidade e riqueza de informações ao buscar captar a percepção das mulheres motoristas de ônibus acerca dos avanços e desafios para sua inserção e permanência nestes postos de trabalho.

Como instrumento para a realização da coleta de dados, adotamos a entrevista semiestruturada a qual permite aos/às entrevistados/as se expressarem livremente.

Entrevistamos 20 mulheres condutoras de ônibus atuantes no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana. A escolha das entrevistadas ocorreu de forma aleatória e as entrevistas foram realizadas fora do horário de trabalho em locais sugeridos pelas motoristas.

Como método para a análise dos dados, optamos pela Análise de Conteúdo a qual será iluminada pelos preceitos e fundamentação teórica adotados na pesquisa.

1.4 ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está sistematizada em cinco capítulos com a seguinte disposição:

- Capítulo 1 - Refere-se a esta introdução. Iniciamos com problematização da pesquisa e objetivos, embasamento teórico e pressupostos metodológicos.
- Capítulo 2 - Procedimentos Metodológicos: com a descrição completa de cada etapa de pesquisa, cuja composição será: pesquisa bibliográfica, qualitativa, entrevista semiestruturada, análise de dados por intermédio da análise de conteúdo.
- Capítulo 3 - Referencial Teórico estruturado de acordo com assuntos e conceituações correlatas, que serão desenvolvidos a partir do posicionamento de autores clássicos e atuais. A fundamentação teórica perpassará os conceitos de trabalho, divisão sexual do trabalho, gênero e demais categorias e conceitos que darão suporte teórico para interpretação das inquietações expostas nesta pesquisa.
- Capítulo 4 - Realização da interpretação e análise dos resultados obtidos.

- Capítulo 5 - Considerações Finais: contemplando a avaliação do objetivo geral, apresentação de resposta ao problema inicial da pesquisa, redação da interpretação dos resultados obtidos pela análise de dados. Apontamento das principais contribuições do trabalho, ineditismo, limitações e por fim apontando recomendações para trabalhos futuros.
- Finalização com apresentação das referências bibliográficas, apêndices, anexos.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa teve a pretensão de conhecer a percepção das mulheres⁴ que exercem a função de motoristas de ônibus no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana, por se tratar de profissão marcada pela presença masculina provavelmente em virtude das desigualdades nas relações de gênero e trouxe subsídios para analisar as relações de trabalho entre homens e mulheres, relações de gênero e divisão sexual do trabalho.

Como metodologia de pesquisa para compor a fundamentação teórica adotamos a pesquisa bibliográfica, que propicia a análise nas mais variadas vertentes acerca de um problema. Para Antonio Carlos Gil (1999, p. 71) a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Para que cumprir a finalidade da pesquisa, trouxemos abordagens acerca do: trabalho; divisão sexual do trabalho; gênero; desigualdades de gênero; estereótipos de gênero e cuidado.

Quanto à forma de abordagem para essa pesquisa utilizamos a pesquisa qualitativa, que busca o entendimento de fenômenos sem considerar os aspectos numéricos.

A “[...] pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação” (MOREIRA; CALEFE, 2008, p.73).

Para Maria Cecília de Souza Minayo (2001, p. 21-22) a pesquisa qualitativa é voltada para questões mais específicas se atendo a pontos da realidade que não são quantificáveis “[...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Como instrumento de coleta de dados optamos pela entrevista semiestruturada. A entrevista permite aos/às entrevistados/as se expressarem mais livremente, para Gil (1999, p. 120), “[...] o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto”.

As entrevistas não podem ser um fim em si mesmo, nas palavras de Roberto Jarry Richardson (1999, p 218) “Cada entrevista em profundidade proporciona um riquíssimo material de análise.”

Para Otávio Cruz Neto (2001, p. 57) a entrevista

⁴ Ressaltamos não haver interesse nesta pesquisa em buscar o posicionamento dos gestores das empresas de ônibus que compõem o transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana, visto que o foco é a percepção das motoristas de ônibus do sexo feminino.

[...] é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

Para Neto (2001, p. 58) em geral as entrevistas são classificadas em estruturadas ou não estruturadas, pelo fato de serem mais ou menos dirigidas. “[...] torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas.”

No entanto Neto (2001, p. 58) aponta que de acordo com a modalidade de entrevista, como nesse caso, é possível articular “[...] essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semiestruturadas”.

Para essa dissertação entrevistamos 20 mulheres que trabalham na função de motoristas de ônibus do transporte coletivo urbano no município de Curitiba e região metropolitana. A escolha das entrevistadas se deu de forma aleatória e as entrevistas foram realizadas em ambientes escolhidos por elas, tal qual: terminais de ônibus, padarias, praças na região central de Curitiba ou em suas residências. Ressaltamos que os horários para entrevista foram escolhidos pelas trabalhadoras, sempre fora do horário de trabalho. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

O procedimento utilizado para a análise das entrevistas foi a Análise de Conteúdo. Segundo Richardson (1999, p. 222) estudar os símbolos e características da comunicação humana é a base para compreensão da história, anseios, instituições, “[...] a análise de conteúdo é um tema central para todas as ciências humanas e com o transcurso do tempo tem-se transformado em um instrumento importante para o estudo da interação entre os indivíduos”.

Conforme Laurence Bardin (1979) ao se realizar a análise de conteúdo em abordagem qualitativa será considerado a presença ou ausência de determinadas características num determinado fragmento da mensagem, onde o/a analista buscará categorizar as unidades do texto.

Acerca da análise de conteúdo, Richardson (1999, p. 223) afirma que “[...] as diversas definições coincidem em que a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa e, como tal, tem determinadas características metodológicas: objetividade, sistematização e inferência.”

Para Bardin (1979) a análise de conteúdo é o conjunto de técnicas de análises, que dentre outras possibilidades, permite ao/a pesquisador/a desenvolver sua análise, por meio do método de dedução frequencial ou análise por categorias temáticas.

[...] a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 1979, p. 31)

Em termos gerais, devido a sua natureza científica a análise de conteúdo deve estar pautada com rigor e precisão. A análise de conteúdo permite

[...] compreender melhor um discurso, de aprofundar suas características (gramaticais, fonológicas, cognitivas, ideológicas etc.) e extrair os momentos mais importantes. Portanto, deve basear-se em teorias relevantes que sirvam de marco de aplicação para as descobertas do pesquisador. (RICHARDSON, 1999, p. 224)

A codificação e a categorização compõem a análise de conteúdo, de acordo com Rita Aquino Caregnato e Regina Mutti (2006) a composição da análise de conteúdo se dá em três etapas: pré-análise - fase em que se utilizam procedimentos para organização, tais como, leituras flutuantes, hipóteses, objetivos, indicadores para fundamentar a interpretação; exploração do material - se dá a codificação a partir das unidades de registros; tratamentos dos resultados e interpretação - momento da categorização é quando se classifica os elementos devido as semelhanças ou diferenças.

2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOMÉTRICO

Para atribuição de embasamento teórico mais consistente e cientificidade ao proposto na presente pesquisa, realizou-se levantamento bibliométrico em três bases de dados e/ou plataformas, propositadamente nacionais, quais sejam: Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Plataforma do Google Acadêmico e Base de Dados do Portal Scielo Brasil,

O levantamento bibliométrico teve início em setembro de 2016 junto à 1ª base de dados: Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) por ser considerada uma das bases com maior relevância e completude a nível mundial ao abrigar toda a construção científica de pesquisadores/as brasileiros/as nas

mais diversas áreas.

O levantamento inicial constatou quantidade inexpressiva de produções teóricas acerca do termo “mulheres motoristas de ônibus”, desta forma houve a inclusão dos termos: inserção da mulher em profissões predominantemente masculinas; motoristas de ônibus do sexo feminino; gênero; divisão sexual do trabalho.

Com a inserção de novas palavras chave, apesar do refinamento da busca com eliminação na plataforma CAPES dos conteúdos voltados aos programas de Educação, Direito, Administração, Engenharia Elétrica e Química, a busca resultou em 676.351 registros encontrados, os quais em um primeiro momento não apresentavam aderência à proposta de pesquisa.

Devido à inexistência de tempo hábil para verificação dos milhares de trabalhos e se ter identificado previamente que muitas propostas não apresentavam aderência com os elementos pretendidos, optou-se por amostragem com publicações no período compreendido entre os anos de 2010 a 2016. O referido recorte de análise apresentou o montante de 9.000 publicações, após a seleção dos títulos com maior aproximação à área de interesse. Ao término da busca houve a compilação de 45 produções científicas.

Dentre as 45 produções selecionadas com abordagem acerca da inserção da mulher em profissões predominantemente masculinas; motoristas de ônibus; gênero; divisão sexual do trabalho se identificou apenas 01 produção científica intitulada *Mulher ao volante uma análise de gênero, saúde e trabalho em mulheres motoristas de ônibus na cidade do Rio de Janeiro* de autoria de Danielle Pires Marques Vellozo (Dissertação de Mestrado – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca), com aderência ao tema desta dissertação.

A segunda busca em Base de Dados para levantamento bibliométrico ocorreu na Plataforma - Google Acadêmico em virtude da capacidade de armazenamento de produções científicas atualizadas em todas as categorias nacionais e internacionais.

O levantamento bibliométrico aconteceu em setembro de 2016, buscando pelos mesmos termos: mulheres em profissões predominantemente masculinas; motoristas de ônibus do sexo feminino, com resultado preliminar de aproximadamente 3.070 títulos, após o filtro inicial restaram 660 artigos para verificação e após análise dos resumos resultaram em 14 produções.

Ao término de análises mais aprofundadas nas 14 produções, constatou-se a existência de 01 produção com aderência a temática e se intitulava *Mulher ao volante uma análise de gênero, saúde e trabalho em mulheres motoristas de ônibus na cidade do Rio de Janeiro* de autoria de Danielle Pires Marques Vellozo (Dissertação de Mestrado – Escola

Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca), ou seja, a mesma encontrada na outra base de dados.

A terceira Base de Dados submetida ao levantamento bibliométrico foi a Base de Dados do Portal Scielo Brasil, devido concentrar um vasto armazenamento de produções científicas em todas as categorias.

O levantamento bibliográfico também foi realizado em setembro de 2016 buscando os mesmos termos, o qual não apresentou nenhum resultado no final da busca.

Ao final do levantamento bibliométrico nas três bases de dados fica evidenciada quantidade inexpressiva de produções científicas que tratam da inserção e atuação das mulheres na área do transporte em geral e tampouco na profissão de condutoras de ônibus no transporte coletivo urbano.

Destacamos que em todo o processo de levantamento bibliométrico foi identificada uma única produção científica com aderência à proposta de pesquisa, a qual foi apontada em duas, das três bases de dados pesquisadas.

Em virtude da escassez de produções teóricas com a abordagem motoristas de ônibus do sexo feminino, consideramos relevante apresentar as demais temáticas de pesquisa localizadas com o enfoque: presença de mulheres em profissões majoritariamente masculinas, que foram obtidas pelo levantamento bibliométrico junto a CAPES excetuando da plataforma os programas de Educação, Direito, Administração, Engenharia Elétrica e Química, no intuito de comparar com a demais áreas de interesse de pesquisadores/as com o mesmo enfoque, presença de mulheres em profissões majoritariamente masculinas nas carreiras mais populares, ou seja menos elitizadas.

Verificamos que as demais pesquisas com abordagem sobre o ingresso de mulheres em profissões tradicionalmente ocupadas por homens, se concentraram nas seguintes áreas:

- 07 produções teóricas - Inserção e atuação da mulher em cargos políticos;
- 07 produções teóricas - Inserção e atuação da mulher em órgãos da segurança pública;
- 04 produções teóricas - Atuação da mulher na construção civil;
- 02 produções teóricas - Atuação da mulher trabalhadora em indústrias;
- 01 produção teórica - Atuação da mulher trabalhadora na mineração;
- 01 produção teórica - Atuação da mulher trabalhadora na área rural;
- 01 produção teórica - Atuação da mulher trabalhadora em área hospitalar;
- 01 produção teórica - Atuação da mulher encarcerada e sua capacidade laborativa.

A quantidade inexpressiva de pesquisas acerca da atuação da mulher na profissão de motorista de ônibus, indica uma área a ser explorada pelos/as pesquisadoras/es quanto à

atuação das mulheres nesta profissão, a qual proporcionará visibilidade à participação feminina nesta carreira.

Fica também evidenciado o ineditismo do estudo, vez que as pesquisas existentes não têm como foco a **mulher motorista de ônibus**.

2.2 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Nesta seção apresentaremos algumas informações e dados quantitativos referente a dinâmica que envolve o Transporte Coletivo Urbano de Curitiba e Região Metropolitana, bem como mostraremos as fases que antecederam as entrevistas, as estratégias para a busca e formalização do convite para as participantes, descrição dos locais onde ocorreram as entrevistas, apresentação das mulheres entrevistadas – doravante denominadas com o pseudônimo de flores para a garantia da confidencialidade e sigilo, apresentação do perfil sócio econômico das mulheres entrevistadas e as interpretações preliminares e quadro demonstrativo das influências que as levaram a buscar a profissão de motorista de ônibus.

Dados obtidos junto à Companhia de Urbanização de Curitiba – URBS⁵ - gestora e responsável pela administração do sistema de transporte coletivo aponta que as empresas de ônibus que operam o Sistema de Transporte Coletivo Urbano de Curitiba são: Auto Viação Mercês; Auto Viação Redentor; Auto Viação Santo Antônio; Auto Viação São José dos Pinhais; CCD Transporte Coletivo (Empresa Cristo Rei); Transporte Coletivo Glória; Viação Cidade Sorriso; Viação Tamandaré; Araucária Transporte Coletivo; Expresso Azul. As quais constituem a frota de ônibus que opera o Sistema de Transporte Coletivo de Curitiba no montante de 1.290 veículos, sendo que a demanda de usuários atendidos perfaz o montante de 1.511.743 passageiros/dia útil.

De acordo com informações disponibilizadas no ano de 2015 pelo Sindicato das Empresas de Ônibus de Curitiba e Região Metropolitana (SETRANSP)⁶ o quantitativo de trabalhadores e trabalhadoras motoristas dos ônibus que atuavam no Sistema de Transporte Coletivo Urbano de Curitiba e Região Metropolitana naquele ano mostrou que havia 83 mulheres exercendo a função de condutora de ônibus naquele ano, para um universo de 4.059 condutores do sexo masculino.

No que se refere aos critérios para contratação de motoristas de ônibus para atuar no Transporte Coletivo Urbano de Curitiba e Região Metropolitana, nos foi informado por um

⁵ Companhia de Urbanização de Curitiba – URBS.

⁶ Sindicato das Empresas de Ônibus de Curitiba e Região Metropolitana - SETRANSP

dirigente do SETRANSP⁷ que cada empresa possui exigências particulares, porém basicamente é necessário que o/a candidato/a possua experiência como motorista de ônibus ou caminhão, possua Carteira Nacional de Habilitação - CNH D ou E com EAR⁸ e o Curso de Capacitação para Transporte Coletivo. Sendo necessário realizar o teste de legislação, ser submetido a avaliação psicológica; teste prático e treinamento prático com os instrutores da empresa⁹ e por fim passar por treinamento teórico sobre normas da empresa.

Concernente à jornada de trabalho e salários dos/as motoristas e cobradores/as de ônibus obtivemos informações junto a um dirigente do SINDIMOC¹⁰ de que a jornada de trabalho é de seis horas e que não há diferenciação nos salários dos homens e mulheres trabalhadores/as no transporte Coletivo Urbano de Curitiba e Região Metropolitana e que após o reajuste salarial da categoria em 2017, o salário base do/a cobrador/a ficou em R\$ 1.321,00 e o salário base do/a motorista de ônibus ficou em R\$ 2.300,00.

2.2.1 Materialização das entrevistas

Para que as 20 entrevistas pretendidas se concretizassem adotamos a estratégia de abordar informalmente algumas trabalhadoras em seus postos de trabalho para levantar seus contatos telefônicos, ocasião em que fornecemos as informações preliminares acerca da pesquisa.

Após o fornecimento dos contatos telefônicos pelas próprias motoristas de ônibus iniciamos a apresentação da proposta da pesquisa e convite para participação da entrevista via *Whatsapp*¹¹ junto às 5 motoristas que já havíamos abordado e repassado as informações preliminares acerca da pesquisa e dessa forma ocorreu o início dos agendamentos e realizações das entrevistas com as participantes.

Após a realização da primeira entrevista e somado aos contatos iniciais e algumas abordagens junto aos pares motoristas de ônibus do sexo masculino, se formou uma rede colaborativa na qual as mulheres entrevistadas também indicavam outras colegas de profissão para participar da pesquisa.

⁷ Sindicato das Empresas de Ônibus de Curitiba e Região Metropolitana

⁸ EAR - Exerce Atividade Remunerada

⁹ Algumas motoristas no decorrer da pesquisa citam passagem pela **escolinha**, que seria **oportunidade** ao funcionário/a que manifestar interesse de participar do curso para treinamento e teste para promoção ao cargo de motorista de ônibus, desde que já possua a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) com classificação D ou E. Na referida escolinha as empresas de transporte oferecem o curso nos moldes de Escola de Formação em horário contrário ao do expediente dos/as funcionários/as interessados/as na formação.

¹⁰ SINDIMOC - Sindicato dos Motoristas e Cobradores de Ônibus de Curitiba e Região Metropolitana

¹¹ *Whatsapp* - é um software para *smartphones* utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a internet.

Realizamos 45 intervenções via *Whatsapp* e 02 via *Messenger*¹²- *Facebook*¹³ para formalizar os convites de participação.

As abordagens, agendamento e realização das entrevistas ocorreram nos meses de maio e junho de 2017, sendo que dentre os agendamentos efetivados houve 3 situações de cancelamento da entrevista por questões pessoais: primeira situação - por motivo de doença do pai; segunda situação - passou mal e foi hospitalizada e a terceira situação - foi acompanhar o parto da filha na maternidade.

O tempo da gravação das 20 entrevistas contabilizou 156 minutos, sem contar o tempo de preparação da entrevista com as participantes que consistiu em explicar o processo da Pós-Graduação /Mestrado junto ao PPGTE da UTFPR na linha de pesquisa Tecnologia e Trabalho, contar como se deu a escolha do objeto de pesquisa, os dados obtidos junto a URBS sobre o quantitativo de trabalhadores e de trabalhadoras, leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Na explicação do TCLE enfatizamos a questão da confidencialidade e sigilo com a identidade das participantes, para que se sentissem a vontade ao oferecer seus relatos, também ficaram cientes que na apresentação dos resultados e análises de dados seus nomes seriam substituídos.

Após a leitura do TCLE as motoristas assinaram o termo em duas vias, ficando em posse de uma das vias.

A realização da coleta de dados ocorreu através de entrevista semiestruturada as quais foram gravadas e posteriormente transcritas, cuja transcrição se manteve fiel às falas das entrevistadas, sendo desconsiderada a norma culta da Língua Portuguesa no ato das transcrições.

2.2.2 Descrição dos locais das entrevistas

Embora grande parte dos locais escolhidos pelas entrevistadas não oferecessem privacidade, todo o clima construído para preparação da entrevista, a prancheta, o gravador, a entrevistadora e as entrevistadas, fizeram com que o desenvolvimento da entrevista fluísse como se não houvesse nenhuma interferência externa de ruídos, transeuntes ou qualquer outro tipo de constrangimento.

As entrevistas ocorreram nos meses de maio e junho de 2017 em locais escolhidos pelas próprias mulheres, dentre os locais:

¹² *Messenger* - programa que permite conversas instantâneas entre usuários conectados à Internet.

¹³ *Facebook* - é uma rede social que permite interação entre usuários conectados à Internet

- Uma entrevista ocorreu no carro do namorado da motorista;
- Treze entrevistas foram realizadas em Terminais de Ônibus de Curitiba;
- Duas entrevistas foram realizadas no domicílio das motoristas;
- Três entrevistas foram realizadas em Panificadoras enquanto se tomava um café;
- Uma entrevista foi realizada no interior de 1 ônibus durante o intervalo.

2.2.3 Quem são estas mulheres

Considerando a premissa da confidencialidade exigida para preservação das participantes, optamos em substituir seus nomes por nomes de flores por toda a simbologia que representam à pesquisadora e pela impressão que cada participante causou em virtude do posicionamento na vida profissional.

A analogia que tecemos com as flores, se dá pela forma com que a maioria dessas trabalhadoras se expressam no mundo, com toda a beleza dentro da singularidade de cada mulher, nas variadas cores, estilos, delicadeza, rusticidade e por apresentar resistência às adversidades, pois uma flor, se plantada em solo fértil e em meio aberto, dificilmente se abalará pelas intempéries do mal tempo.

No quadro 1 trazemos o perfil das mulheres entrevistadas.

Quadro 1 - Perfil das motoristas de ônibus

Nome	Declaração de Cor	Idade	Estado Civil	Composição Familiar	Renda Pessoal	Renda Familiar	Atuação no Transporte Coletivo
Violeta	Branca	40	Divorciada	(3) Ela e 2 filhos	R\$ 2.300	R\$ 2.300	2 anos
Camélia	Branca	40	Casada	(2) Ela e esposo	R\$ 2.300	R\$ 5.000	3 anos
Rosa	Branca	44	Divorciada	(1)	R\$ 2.500	R\$ 2.500	5 anos
Margarida	Branca	36	Solteira	(4) Ela, 2 filhos e a mãe	R\$ 2.300	R\$ 2.300	2 anos e meio
Cravo	Branca	35	Solteira	(4) Ela, 2 filhos e a mãe	R\$ 2.300	R\$ 3.300	6 anos
Tulipa	Morena	26	Solteira	(3) Ela, irmão e cunhada	R\$ 2.300	R\$ 6.000	2 anos
Girassol	Branca	46	Casada	(5) Ela, esposo, 2 filhos, 1 neto	R\$ 2.500	R\$ 5.000	10 anos
Antúrio	Branca	44	Casada	(5) Ela, esposo, 2 filhos, 1 neto	R\$ 2.500	R\$ 5.000	10 anos
Amarílis	Branca	40	Divorciada	(1)	R\$ 2.400	R\$ 2.400	5 anos e meio
Flor de Lis	Branca	31	União Estável	(3) ela, esposo, 01 filha	R\$ 2.300	R\$ 4.600	4 anos e meio
Gardênia	Branca	40	Divorciada	(3) ela, 02 filhos	R\$ 2.300	R\$ 3.200	5 anos
Begônia	Morena	43	União Estável	(07), ela, esposo, 04 filhos e sua mãe	R\$ 2.300	R\$ 5.537	3 anos
Jasmim	Branca	50	Casada	(2) ela e o esposo	R\$ 2.300	R\$ 3.300	5 anos
Palma	Branca	36	Casada	(2) ela e o esposo	R\$ 2.300	R\$ 4.600	5 anos
Lírio	Morena	36	União Estável	(4) casal + 02 filhos	R\$ 2.300	R\$ 3.500	2 anos e quatro meses
Crisântemo	Branca	45	Casada	(3) ela, esposo, (pai doente)	R\$ 2.300	R\$ 5.000	5 anos
Gérbera	Branca	36	Divorciada	(3) ela, 02 filhos	R\$ 2.300	R\$ 2.300	6 meses
Dália	Branca	40	Casada	(4) casal + 02 filhos	R\$ 2.300	R\$ 4.000	10 anos
Magnólia	Branca	45	Divorciada	(1)	R\$ 2.300	R\$ 2.300	2 anos
Petúnia	Parda	31	Solteira	(05) pai, mãe, 02 irmãos	R\$ 2.300	R\$ 3.500	2 anos

Fonte: Entrevistas (Elaboração própria, 2017)

Verificamos que dentre as participantes, 11 delas têm idade entre 40 a 46 anos, 7 das mulheres possuem idade entre 31 a 36 anos, 1 tem 26 anos e 1 tem 50 anos.

No que se refere à cor/raça auto declarada pelas motoristas, 16 delas se declaram de cor branca, 3 se declaram de cor morena e 1 se declara de cor parda.

Se compararmos os dados de cor/raça auto declarado pelas entrevistadas com os dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no qual (16,9%) população de Curitiba se declara parda e 2,8% se declaram pretos, verifica-se similaridade percentual entre ambas. Ainda que as mulheres entrevistadas tenham se declarado de cor morena e parda, diferentemente das categorias de cor propostas pelo IBGE que são pretos ou pardos, a estatística em ambas é de aproximadamente 20%, conforme os dados estatísticos do censo da população Curitibana apresentadas pelo IBGE.

Com relação ao estado civil das entrevistadas, 5 delas declaram estar casadas ou em união estável com filhos; 2 delas declaram estar casadas com filhos e netos na composição familiar; 5 delas são solteiras ou divorciadas, provedoras da família e únicas responsáveis pelos filhos, 2 delas se declaram solteiras e moram com familiares; 3 delas se declaram casadas e sem filhos na composição familiar e 3 delas se declaram divorciadas e sem filhos na composição familiar.

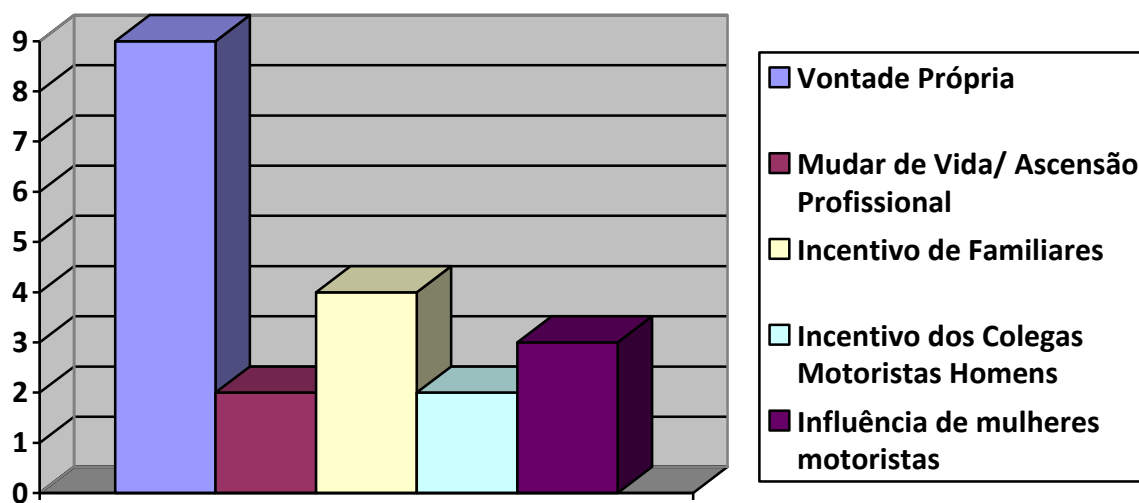
Com relação ao tempo de atuação como motoristas no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana 3 motoristas declararam possuir 10 anos de profissão, 2 declararam possuir de 5,5 a 6 anos na profissão e 15 delas declararam possuir de 06 meses a 5 anos de exercício profissional.

O fato de que 75% das mulheres possuam de 06 meses a 5 anos de atuação profissional, denota que a abertura às mulheres na profissão de motoristas de ônibus no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana é recente.

2.2.4 A busca pela habilitação e escolha da profissão

No gráfico 1 apresentamos as eventuais influências recebidas pelas entrevistadas para fazer a CNH D ou E.

Gráfico 1 – Influência para obtenção da CNH D ou E



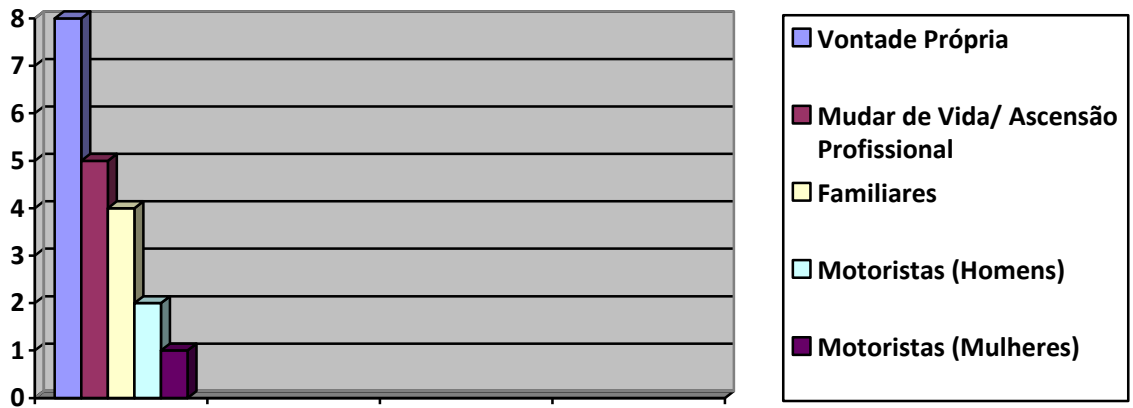
Fonte: Entrevistas (Elaboração própria, 2017)

Ao perguntarmos às motoristas a respeito de eventuais influências para conquistar a habilitação na categoria D, 9 mulheres relataram não ter sido influenciadas por ninguém e sim por vontade própria, 2 mulheres relataram que mudar de vida foi o que as influenciou a conquistar a CNH D, 4 mulheres relataram ter recebido influências de familiares, 2 mulheres relataram ter recebido influências dos colegas motoristas do sexo masculino e 3 mulheres relataram receber influência de motoristas do sexo feminino.

No que se refere à questão de quem ou quais foram as motivações para que a entrevistadas escolhessem a profissão de motorista de ônibus, 8 mulheres relataram não ter sido motivadas por ninguém e sim optaram por vontade própria, 5 mulheres relataram que a motivação foi para melhorar de vida ou ascensão profissional, 4 mulheres relataram motivação de familiares, 2 mulheres relataram que foram motivadas pelos colegas motoristas do sexo masculino para a escolha da profissão e 1 relatou ser motivada pelas motoristas do sexo feminino para escolher a profissão.

Ficando evidenciado que em ambos quesitos, 70% das entrevistadas optaram em fazer a habilitação na categoria D e escolher a profissão por motivações pessoais e não por terceiros/as.

Gráfico 2 – Motivações para a escolha da profissão



Fonte: Entrevistas (Elaboração própria, 2017)

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo discorreremos acerca de fundamentações teóricas acerca do trabalho, por se tratar de categoria fundante do ser social. Trataremos do conceito divisão sexual do trabalho cuja discussão versa sobre as desvantagem suportadas pelas mulheres em face da sociedade hierarquizar e legitimar o sistema de gênero. Discorreremos acerca do cuidado cuja noção se embasará na perspectiva da mulher motorista de ônibus. Abordaremos a questão de gênero e estereótipo de gênero com vistas a identificarmos práticas sexistas despercebidas ou naturalizadas.

O referido arcabouço teórico contribuirá com a análise acerca das questões que permeiam o universo das mulheres que trabalham na função de motoristas de ônibus no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana.

3.1 TRABALHO

O trabalho no século XIX e XX é conceituado por pensadores clássicos das mais variadas vertentes. Nesta pesquisa o embasamento teórico acerca do trabalho estará sob a luz da perspectiva marxista, que não reduz o trabalho numa atividade laborativa ou emprego e sim o permeia em todas as dimensões do ser homem e mulher.

Gaudêncio Frigotto (2007) enfatiza que a transformação que o ser humano exerce sobre a natureza e sobre outros homens e mulheres são classificadas como trabalho, cujos objetivos coletivos humanos são fundamentais para a concepção de práxis¹⁴, estando a práxis na não separação da arte de pensar da prática, onde o pensamento ganha vida no momento em que algo é executado.

Na concepção trazida por Frigotto (2007), a história do trabalho humano efetivou-se até o presente sob a cisão do gênero humano em classes sociais, desde as sociedades escravocratas até a atual forma de trabalho alienado sob o capitalismo, sendo o trabalho alienado percebido como algo exterior ao trabalhador, adquirindo uma consciência falsa do mundo em que vive.

¹⁴ Práxis. [...] A palavra é de origem grega e, de acordo com Lobkowitz, “refere-se a quase todos os tipos de atividade que o homem livre tem possibilidade de realizar; em particular, a todos os tipos de empreendimentos e de atividades políticas” [...] (PETROVIC, 1983, p 292-6)

3.1.1 Fundamentos ontológicos do trabalho

Categorizar o trabalho na perspectiva ontológica consiste em considerar a mediação entre o ser humano e a natureza para o atendimento de suas necessidades básicas.

A existência humana é atrelada às condições que os sujeitos possuem para suprir necessidades tais quais: alimentação, vestimenta, abrigo, que são fundamentais para a sobrevivência e construção de suas próprias histórias. Em *A ideologia alemã*, Karl Marx e Friedrich Engels (1998, p. 21) enfatizam que “[...] o primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material”.

Através desse sistema natural, na perspectiva ontológica, homens e mulheres possuem necessidades historicamente determinadas e para satisfazê-las trabalham e produzem seus meios de trabalho.

[...] os indivíduos devem reproduzir sua existência por meio de funções primárias de mediações, estabelecidas entre eles e no intercâmbio e interação com a natureza, dadas pela ontologia singularmente humana do trabalho, pelo qual a autoprodução e a reprodução societal se desenvolvem. (ANTUNES, 2009, p. 22)

A produção das condições materiais e subjetivas de vida para a subsistência da existência humana se deu pela via do trabalho¹⁵.

Desta forma a transformação da natureza ocorre pelo trabalho partindo da exploração das potencialidades que o ser humano possui em decorrência de sua força e elaboração de instrumentos nas formas mais primitivas ou evoluídas. Nas palavras de Marx (1996, p. 282), o trabalho é o:

[...] processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida.

A capacidade de transformação exercida pelo ser humano advém das necessidades cujas satisfações se iniciam com a elaboração de ideias, que, para Hiago Trindade (2015, p. 74), são “[...] suposições formuladas em sua mente, por deter a capacidade teleológica, isto é,

¹⁵ Foi necessário, seguramente, que transcorressem centenas de anos [...] antes que a sociedade humana surgisse daquelas manadas de macacos que trepavam pelas árvores. Mas, afinal, surgiu. E que voltamos a encontrar como sinal distintivo entre a manada de macacos e a sociedade humana? Outra vez, o trabalho. (Engels, 1876, *online*)

a aptidão de projetar na imaginação (na esfera das abstrações), o que deseja, antes de materializar, de fato”.

A transformação do mundo natural em social ocorre pela interferência do ser humano e posterior objetivação via trabalho, “[...] quanto mais observamos o desenvolvimento das forças produtivas, maior é a complexificação desse processo e as relações sociais que se conformam”. (TRINDADE, 2015, p. 75)

Ao executar o trabalho o ser humano tem opção de escolher entre alternativas concretas, a qual se entende como liberdade de escolhas, ou seja, capacidade dos sujeitos avaliarem opções e caminhos que atendam suas finalidades.

Ao assumir dimensão humano-genérica, passa a refletir em possibilidades e interferências que seus atos podem ocasionar em outros indivíduos ou grupos. “A liberdade, portanto, em sua dimensão ontológica, diverge da configuração que ganha no marco da sociedade capitalista, pela qual tem sua significação restrita à liberdade de venda da força de trabalho.” (TRINDADE, 2015, p. 76)

Na concepção de Ricardo Luis Coltro Antunes (2009) atribuir ao/à trabalhador/a o sentimento de expropriação e a ausência de reconhecimento no que produz provocará o estranhamento, no qual o/a trabalhador/a não se reconhecerá em sua produção:

Uma vida cheia de sentido, capaz de possibilitar o afloramento de uma subjetividade autêntica, é uma luta contra esse sistema de metabolismo social, é ação de classe do trabalho contra o capital. A mesma condição que molda as distintas formas de estranhamento, para uma vida desprovida de sentido no trabalho, oferece as condições para o afloramento de uma subjetividade autêntica e capaz de construir uma vida dotada de sentido. (ANTUNES, 2009, p. 110)

O trabalho exerce papel fundante para o ser social na medida em que está diretamente ligado ao desenvolvimento do ser humano e da sociedade.

A centralidade do trabalho se dá pela forma com que homens e mulheres ao longo do tempo e em cada sociedade desenvolvem mecanismos para garantir seus meios de vida. Nas palavras de Marx (1989, p. 204) o caráter histórico das relações sociais e dos modos de produção determina a forma de ser do trabalho, no que tange aos modos de exploração desde a produção de excedente até a acumulação de riquezas “o que distingue as diferentes épocas econômicas não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz”.

3.1.2 Transformação e precarização no mundo do trabalho

Antunes (2005) salienta que na contemporaneidade o trabalho se manifesta como expressão do trabalho social, podendo o capital sofrer reduções, porém sem suprimir o trabalho vivo do processo criativo.

A questão do trabalho na análise de Antunes (2005) contrapõe-se à influência Weberiana¹⁶ que carrega em seu ideário a ética positiva do trabalho, vez que essa lógica não faz sentido em uma sociedade cujo capital é regido pelo trabalho fetichizado e assalariado.

Antunes (2005) argumenta que desde 1844 nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de Karl Marx a discussão acerca do trabalho alienado, ou seja, a expropriação da riqueza produzida pelo/a trabalhador/a enquanto processo com viés no plano econômico, faz com que o/a trabalhador/a produza e seja expropriado/a do que produziu.

Contrapondo-se às vertentes contrárias ao fim do trabalho, Antunes (2005, p. 25) as contextualiza na qualidade de novas expressões do trabalho:

[...] enquanto se opera no plano gnosiológico a desconstrução ontológica do trabalho, paralelamente, no mundo real, este se reconverte em uma das mais explosivas questões da contemporaneidade. Trabalho e desemprego, trabalho e precarização, trabalho e gênero, trabalho e etnia, trabalho e nacionalidade, trabalho e ecologia, trabalho e corte geracional, trabalho e materialidade, trabalho e imaterialidade, trabalho e qualificação, trabalho e desqualificação; muitos são os exemplos da transversalidade, da vigência e, acrescentemos, da centralidade da forma social *trabalho* no mundo contemporâneo.

Em contrapartida o capital incrementará maior tecnologia como estratégia de ampliar o trabalho morto, intensificando a extração da mais valia.

A transferência de capacidades intelectuais para a maquinaria informatizada, que se converte em linguagem da máquina própria da fase informacional, por meio dos computadores, acentua a tendência (apontada por Marx, no Livro I de *O Capital*¹⁷) de redução e transformação do trabalho vivo em trabalho morto (ANTUNES, 2009, p. 124)

O mecanismo de mais valia é a acumulação do capital, que resulta do trabalho não pago ao/a trabalhador/a. A mais valia se apresenta em duas formas: absoluta e relativa.

Segundo Marx (1989), a mais valia absoluta ocorre quando se aumenta o lucro do capital a partir do aumento de horas trabalhadas pelo/a operário/a sem que haja aumento do

¹⁶ “o mais importante é que o trabalho constitui, antes de mais nada, a própria finalidade da vida” (WEBER, 1967, p. 113)

¹⁷ MARX, Karl. (1971) *O Capital*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Livro I , vol. 1.

salário. E a mais valia relativa ocorre ao se incrementar as tecnologias que aumentarão o lucro dos/as detentores/as dos meios de produção em menor espaço de tempo.

Para Antunes (2006, p. 27, grifos do autor) os efeitos da diminuição do proletariado taylorizado, após a “[...] ampliação do ‘trabalho intelectual’ [...] e a ampliação generalizada dos novos proletários precarizados e terceirizados da ‘era da empresa enxuta’”, corroboram a tese contrária à extinção do trabalho vivo¹⁸, porém, aumenta significativamente o trabalho morto¹⁹, que produz a intensificação da produção de mais valia relativa.

A extração de mais valia relativa, produz efeitos perversos no mundo do trabalho, Antunes (2006) argumenta que a lógica devastadora do capital e suas fórmulas de acumulação e valorização se solidificam quando rejeitam ou tornam supérfluos trabalhadores/as em todo mundo, transformando cerca de 1 bilhão e 200 milhões de trabalhadores/as em desempregados/as ou absorvidos/as em trabalhos precarizados.

No contexto brasileiro a análise de Frigotto (2007) aponta a existência de um processo de industrialização tardio e um processo de desenvolvimento do capitalismo dependente e o Estado sempre subordinado aos interesses das classes dominantes e favorecendo a ampliação e concentração de capital e renda em detrimento da desigualdade social entre as classes.

O pensamento neoliberal assumido pela classe dominante brasileira e pelo Estado, direcionado pela tese do ajuste mediante a reforma do estado, por privatizações do patrimônio público ampliando o poder do capital sobre o trabalho e diminuindo os direitos trabalhistas e internacionalização da economia sob o domínio monetarista e fiscal em nome do pagamento dos serviços da dívida externa.

No que se refere aos países de capitalismo avançado, na década de 1980 houve profundas transformações no mundo do trabalho, cujas esferas produtivas e de representação sindical e política atingiram as relações de trabalho e de produção de capital.

Foram tão intensas as modificações, que se pode mesmo afirmar que a classe que vive do trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser. (ANTUNES, 2006, p. 23)

Os processos produtivos dominantes até então: fordista²⁰ e taylorista²¹ tornam-se

¹⁸Trabalho vivo - trabalho executado pela mão de obra do/a trabalhador/a.

¹⁹ trabalho morto - trabalho executado sob a forma de máquinas.

²⁰ Fordismo – forma pela qual a indústria consolidou o processo de trabalho pela produção em massa, através da

obsoletos e em diversas situações foram substituídos pelo toyotismo²², com vistas a atender as novas determinações da lógica do mercado, devendo se adequar aos padrões de gestão da força de trabalho, em detrimento das conquistas históricas do/a trabalhador/a, os quais passam a ser submetidos/as a subcontratações ou trabalhos temporários sempre à mercê das condições de mercado.

Sobre a desregulamentação do trabalho:

Estes são desregulamentados, são flexibilizados, de modo a dotar o capital do instrumental necessário para adequar-se a sua nova fase. Direitos e conquistas históricas dos trabalhadores são substituídos e eliminados do mundo da produção. (ANTUNES, 2006, p. 24)

A crítica que se faz aos modelos de produção em especial ao modelo toyotista é proveniente da alienação do/a trabalhador/a, vez que o mesmo não se reconhece no trabalho que produz.

A desidentidade entre indivíduo e gênero humano, constatada por Marx nos Manuscritos, encontra-se presente e até mesmo intensificada em muitos segmentos da classe trabalhadora japonesa e não estamos mencionando aqui as consequências nefastas da toyotização, em franco processo de expansão em tantos outros contingentes de trabalhadores em diversos países. (ANTUNES, 2006, p. 41)

Independente de sua dimensão, as transformações ocorridas nas relações de trabalho, estarão sempre atreladas às condições econômicas, sociais, políticas, etc., que atingirão o/a trabalhador/a das indústrias tradicionais, causando o que Antunes (2006, p. 42) denomina “[...] metamorfoses no ser do trabalho”. Este cenário de crise atinge também a subjetividade do trabalho e suas formas de representação, levando ao distanciamento dos sindicatos classistas:

Distanciam-se crescentemente do sindicalismo e dos movimentos sociais classistas dos anos 60/70, que propugnavam pelo controle social da produção, aderindo ao acrítico sindicalismo de participação e de negociação, que em geral aceita a ordem do capital e do mercado, só questionando aspectos fenomênicos desta mesma ordem. (ANTUNES, 2006, p. 43)

linha de montagem e produtos homogêneos.

²¹ Taylorismo – aumento do processo de produção através do controle dos movimentos das máquinas e dos homens cujo tempo dos movimentos são cronometrados.

²² Toyotismo - modelo de produção industrial que visa o princípio da acumulação flexível, aumento da produção sem aumentar o número de trabalhadores.

Antunes (2006) assevera que as transformações no mundo do trabalho, deixam as diversas formas de resistência da classe trabalhadora sem perspectivas, ao se depararem com a inexistência de opção de modos de produção além do capital.

3.1.3 Relações entre classe e gênero no mundo do trabalho

A discussão acerca das relações assimétricas de gênero e a divisão sexual do trabalho a partir da atuação das mulheres motoristas de ônibus no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana, ocorre ao desconsiderar uma divisão sexual do trabalho equânime e por naturalizar o processo de diferenciação no trabalho desenvolvido por homens e mulheres.

Na concepção de Antunes (2009) na lógica do sistema capitalista, as relações de classe além de se tornarem fonte de expropriação do trabalho mediante a apropriação da mais valia, não prima por uma divisão sexual do trabalho com justiça e equidade.

Antunes (2009) aponta as estratégias de mediações do sistema capitalista e as formas de subordinar todas as funções reprodutivas sociais, desde as relações de gênero familiares até à produção material. E, ao contrário de vertentes que afirmam o enfraquecimento analítico da noção de classe, apresenta um novo sentido e forma de ser da classe trabalhadora e a denomina de **classe que vive do trabalho** representado por todas as modalidades de trabalho, desde o trabalho rural, o precarizado, o terceirizado, o assalariado, o informal e inclusive o desempregado, ou seja, engloba todos e todas que vendem sua força de trabalho para o capital.

Portanto, ao contrário dos autores que defendem o fim das classes sociais, o fim da classe trabalhadora, ou até mesmo o fim do trabalho, a expressão classe-que-vive-do-trabalho pretende dar contemporaneidade e amplitude ao ser social que trabalha, à classe trabalhadora hoje, apreender sua efetividade sua processualidade e concretude (ANTUNES, 2009, p. 101)

Ao problematizar a questão do aumento da absorção do trabalho feminino pelo capital, que atingiu 40% da força do trabalho em países avançados, Antunes (2009, p. 105) aponta que:

[...] esta expansão do trabalho feminino tem, entretanto, significado inverso quando se trata da temática salarial, terreno em que a desigualdade salarial das mulheres contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho. Seu percentual de remuneração é bem menor do que aquele auferido pelo trabalho masculino. O mesmo frequentemente ocorre no que concerne aos direitos e condições de trabalho.

Antunes (2009, p. 105) mostra que na operacionalização da divisão sexual do trabalho pelo capital nos espaços fabris e nos demais espaços, as atividades com mais destaque são destinadas aos homens e as menos valorizadas cabem às mulheres. Para o autor, a ascensão nas últimas décadas do trabalho feminino.

[...] tem desenhado uma (nova) divisão sexual do trabalho em que, salvo raras exceções, ao trabalho feminino têm sido reservadas as áreas de trabalho intensivo, com níveis ainda mais intensificados de exploração do trabalho, enquanto aquelas áreas caracterizadas como de capital intensivo, dotadas de maior desenvolvimento tecnológico, permanecem reservadas ao trabalho masculino. (ANTUNES, 2009, p. 108)

A desigualdade na divisão sexual do trabalho é fruto das reproduções sociais existentes nas relações entre gênero construídas no interior familiar e escolar e conseqüentemente refletirá na classe do mundo produtivo e reprodutivo.

A desvalorização e a falta de reconhecimento do potencial das mulheres na execução de qualquer tipo de trabalho ocorrem pela desproporcionalidade de homens e mulheres na sua realização, também pela formalização incipiente, pela precarização e desigualdade no pagamento do salário em relação ao salário pago aos homens e, principalmente vem marcado pela realização de jornadas mais prolongadas pelas mulheres. Nas palavras de Antunes (2009, p. 108):

Acrescente-se a isso outro elemento decisivo, quando se tematiza a questão do gênero no trabalho, articulando-a, portanto, com as questões de classe. A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou, se quisermos, dentro e fora da fábrica. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer, no espaço público, seu trabalho produtivo no âmbito fabril. Mas, no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria.

A desvantagem histórica de invisibilização e silenciamento carregados pelas mulheres tanto nas ações do universo exterior ao doméstico, quanto no mundo do trabalho reprodutivo, são para Antunes (2009, p. 110) o que “[...] era um momento efetivo – ainda que limitado – de emancipação parcial das mulheres frente à exploração do capital e à opressão masculina, o capital converte em uma fonte que intensifica a desigualdade”.

O sistema capitalista após assimilar a condição de opressão do homem sobre a mulher aproveita para dominá-la e torná-la subordinada.

[...] a luta das mulheres por sua emancipação é também – e decisivamente – uma ação contra as formas histórico-sociais da opressão masculina. Nesse domínio, a luta feminista emancipatória é pré-capitalista, encontra vigência sob o domínio do capital; será também pós-capitalista, pois o fim da sociedade de classes não significa direta e imediatamente o fim da opressão de gênero. (ANTUNES, 2009, p. 110)

Nas palavras de Antunes (2009) eliminar as formas de opressão de classe, ocasionadas pelo capitalismo e gerar sociedades livres, autodeterminadas e emancipadas, não possibilitará direta e imediatamente relações sociais igualitárias.

3.1.4 Setor terciário ou setor de serviço

Para contextualizar a profissão motorista de ônibus no sistema produtivo, trataremos alguns apontamentos acerca de sua classificação setorial na perspectiva econômica contemporânea, bem como algumas reflexões do campo sociológico.

A atividade de condutores/as está vinculada ao transporte, que por sua vez compõe o setor de serviços ou setor terciário, referida denominação se dá às atividades econômicas não consideradas atividades industriais ou agrícolas.

Na concepção de Claus Offe (1991) o setor terciário ou setor de serviços é definido por algumas vertentes literárias como ‘um não conceito’ em virtude da negação por parte da economia do trabalho, que o tratam como categoria que concentra os trabalhos residuais, ou seja, aquelas atividades que não são enquadradas no setor primário (extrativista) ou setor secundário (produtivo), mas que ao mesmo tempo são classificadas trabalho face ocorrer de forma contratual e remunerada.

Logo que se deixa de lado o plano das atividades, das organizações e das profissões individuais e o trabalho no setor de serviços é tratado globalmente, encontramos – nos casos onde são explicitamente indicadas as características do trabalho em serviços – quase tão somente predicados negativos: o resultado do trabalho em serviços não é material, não pode ser transportado nem armazenado; o trabalho em serviços não é suscetível de racionalização técnica e organizatória ou não é tão suscetível quanto o trabalho produtivo; a sua produtividade não pode ser medida e, por conseguinte, não se pode controlar a sua observância das normas de produtividade; o trabalho no setor de serviços (no sentido da economia política clássica, inclusive a de Marx) não é “produtivo”. (OFFE, 1991, p. 81)

Ricardo Azevedo Silva (2009, p. 01) corrobora a existência de três macro setores (Indústria, Agricultura e Serviços), no que tange ao setor de serviços, o autor indica que “[...] os segmentos do macro setor serviços trata-se de atividades que englobam mais de um ramo

como o turismo que envolve o ramo alojamento e alimentação e os setores de transportes, comércio e aluguéis”.

No que tange ao setor de serviços no cenário econômico brasileiro, para Silva (2009, p. 02)

[...] o macro-setor Serviços vem ganhando participação no Valor Adicionado da economia e, principalmente, no total das ocupações nas últimas décadas dado o profundo reordenamento da economia nacional cujas bases foram solidificadas na década de 1990, na qual ficou mais nítida a recente reestruturação produtiva em curso desde a década de 1980.

Na concepção de Silva (2009) houve evolução na metodologia para classificação setorial das tipologias baseadas na produção: primário – agricultura; secundário – indústria e terciário – serviços.

Não obstante para análise econômica pretendida em sua tese, Silva (2009, p. 32) adota a classificação de Browning & Singelman²³ (1978, p. 481 grifo do autor), que classificam:

[...] a atividade econômica em seis categorias: **Primário** 1) Atividades extrativas (Agropecuária e Mineração); **Secundário** 2) Atividades Transformativas (Indústria de Transformação, Construção Civil e Serviços de Utilidade Pública); **Terciário** 3) Serviços às empresas (financeiros, profissionais técnicos ou burocráticos, etc.); 4) Serviços distributivos (transporte, comunicação e comércio: atacadista e varejista exceto restaurantes, lanchonetes, etc); 5) Serviços Pessoais (alimentação, hotéis, lazer, cuidados pessoais, etc.); 6) Serviços Sociais (administração pública, saúde, educação e defesa).

Segundo Silva (2009, p. 33) as dificuldades em se realizar análises econômicas baseadas nos três macro setores, são provenientes da complexidade existente em suas inter-relações setoriais [...] “a necessidade de uma uniformidade metodológica buscada pelas instituições nacionais e internacionais, apesar dos limites, esta tripla divisão ainda resiste como forma de compatibilizar os dados de produto, renda e emprego”.

Na concepção de Offe (1991, p. 39) o setor de serviço é imprescindível para a organização da vida social, vez que:

[...] os serviços estão reflexivamente voltados para a manutenção das estruturas

²³ BROWNING, H. C., SINGELMANN, J. (1978) The transformation of the US Labour Force: the interaction of industry and occupation. *Politics and Society*. Springfield: v. 8, n. 3-4, p. 481-509.

formais e das condições culturais, políticas e organizacionais da vida social, eles não são de nenhum modo “prescindíveis”, na medida em que sua geração torne-se impossível segundo a rentabilidade que rege a oferta econômica.

Para Offe (1991) a supressão da prestação de um serviço em virtude de gastos ou dificuldades financeiras orçamentárias, só seria aceitável, mediante a redefinição de alternativas para substituir a referida demanda.

[...] a “demanda” por serviços não pode ser negligenciada apenas por não se expressar através de um consumo monetariamente rentável. Por isto, os serviços não podem sucumbir como mercadorias que se tornaram obsoletas por razões técnico-econômicas. Por sua natureza social, os serviços estão duplamente determinados: pelos critérios econômicos empresariais ou orçamentários (que os geram) e pela sistematicidade da demanda de sustentação do ordenamento. (OFFE, 1991, p. 40)

Alice Itani (1996) também atribui dificuldade na mensuração da rentabilidade de atividades do setor terciário ou de serviços, e utiliza como exemplo o trabalho no transporte em virtude da controversa classificação e nomenclatura entre as diferentes vertentes teóricas que consideram a imaterialidade de seu produto (mobilidade espacial das pessoas) e/ou demais tipos e modos de transporte (demais artefatos).

Destarte, Itani (1996, p. 163) indaga a dificuldade na classificação do serviço prestado pelos/as operadores/as no setor do transporte:

O que fazem esses operadores que, utilizando de sua competência física e mental, aliam conhecimentos e habilidades, para impor sua capacidade de trabalho e assegurar a prestação de um serviço de deslocamento? Pode-se utilizar de artefatos numéricos, tais como o da quantidade de quilometragem rodada para designar um elemento concreto da produção, ou dados de tempo e distância de deslocamento. Da mesma forma, pode-se utilizar da quantidade de passageiros transportados para mostrar o resultado do trabalho de produção desse serviço.

No entanto além de aspectos numéricos que dinamizam a economia e fundamentam os processos de geração de valor na economia, compartilhamos o pensamento de Itani (1996, p. 163) “A esse profissional, atribui-se a responsabilidade de deslocar os cidadãos, de um lugar para outro, em tempo de paz e em tempo de guerra”.

A contextualização do setor de serviços ou setor terciário, vinculado ao setor de transporte, mais precisamente na profissão do/a motorista de ônibus, suscita o grau de relevância da atividade e ao mesmo tempo a falta de reconhecimento aos profissionais, que, por vezes, são negligenciados/as por fatores econômicos em detrimento da qualidade do serviço oferecido pelos/as profissionais aos/as usuários/as do transporte coletivo.

3.2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A desproporcionalidade entre o quantitativo do sexo feminino e masculino que exercem a profissão de motoristas de ônibus no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana foi o que motivou a desenvolver esta dissertação. De acordo com dados obtidos em 2015²⁴ a quantidade de mulheres que ocupavam o cargo de motoristas de ônibus naquele momento não ultrapassava 2,5%, do total de motoristas atuantes em Curitiba e Região Metropolitana.

Sendo assim, torna-se relevante entender como se dá a inserção e permanência das mulheres nesta profissão que se mostra como um reduto masculino. Para tal, se faz necessário refletir sobre a divisão sexual do trabalho.

Acerca da conceituação da divisão sexual do trabalho, as referências nos estudos desenvolvidos sobre as relações desiguais motivadas pela diferenciação sexual no trabalho são Hirata e Kergoat (2007) cuja crítica mostra que a forma de divisão do trabalho social é decorrente das relações sociais entre os sexos e sua importância se efetiva ao considerar o trabalho social enquanto fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos.

Para as autoras Hirata e Kergoat (2007) a discussão da divisão sexual do trabalho deve considerar dois aspectos distintos: 1) A diferenciação na distribuição de ofícios e profissões e as variações na distribuição de tempo e espaço no mercado do trabalho entre homens e mulheres, bem como a diferenciação exposta no mercado do trabalho estar associada à divisão desigual do trabalho doméstico entre os homens e mulheres. 2) As desigualdades na divisão sexual do trabalho devem ser interpretadas como sistemáticas, devendo-se articular a descrição do real com a consideração de que o processo de diferenciação utilizado pela sociedade hierarquizada e acaba legitimando um sistema de gênero.

As autoras Hirata e Kergoat (2007) apontam que as proposições sobre a divisão sexual do trabalho foram promovidas por um movimento de mulheres feministas francesas no início da década de 1970, tendo como discussão apontar além das desigualdades entre homens e mulheres e sim criar novas possibilidades para repensar o trabalho.

A autora Guacira Lopes Louro atribui ao ano de 1968 o marco das contestações e das transformações onde a luta feminista conquista um aspecto que vai além dos grupos de conscientização das passeatas e marchas, vez que as militantes feministas participantes do mundo acadêmico trazem para suas discussões a visibilidade da mulher, denunciam a

²⁴ Sindicato das Empresas de Ônibus de Curitiba e Região Metropolitana - SETRANSP.

ocultação do trabalho doméstico desenvolvido pela mulher e da mesma forma, demonstram e denunciam a ausência feminina nas ciências, nas letras, nas artes. Para a autora

[...] essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, "de apoio", de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação. (LOURO, 1997, p. 17, grifo da autora).

Para Hirata e Kergoat (2007, p. 596) a hierarquização do trabalho era gerada a partir da diferenciação do trabalho de acordo com o sexo de cada sujeito e acaba por desencadear o sistema de gênero no qual “O ponto de ancoragem dessa ambição era a ideia de que o trabalho doméstico era um ‘trabalho’ e que, portanto, a definição deste deveria obrigatoriamente incluir aquele”.

Para as autoras a compreensão do conceito de trabalho deve ser ampliada, incluindo-se nele o trabalho doméstico, o trabalho informal e o trabalho não remunerado. Tornando visíveis muitas atividades realizadas por mulheres e chamando-nos a atenção para a dimensão sexuada do trabalho, a qual é delimitada social e historicamente. Ademais a conceituação da divisão sexual do trabalho, se originou pela:

[...] tomada de consciência de uma ‘opressão’ específica que teve início o movimento das mulheres: torna-se então coletivamente ‘evidente’ que uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho é invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 597, grifo das autoras)

As autoras apontam que o trabalho doméstico já foi considerado atividade de trabalho, tanto quanto o trabalho profissional, sendo que esta simultaneidade possibilitou se pensar na divisão sexual de trabalho. Contudo “essa noção de articulação logo se mostra insuficiente, o que nos levou a um segundo nível de análise: a conceitualização dessa relação social recorrente entre o grupo dos homens e o das mulheres” (HIRATA; KERGOAT, 2007), originando-se daí a noção de relações sociais de sexo.

As novas maneiras de se pensar o trabalho desconstruíram também o sentido da

família:

[...] ‘a família’, na forma de entidade natural, biológica, se esfacelou para ressurgir prioritariamente como lugar de exercício de um trabalho, foi a vez de implodir a esfera do trabalho assalariado, pensado até então apenas em torno do trabalho produtivo e da figura do trabalhador masculino, qualificado, branco. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 597, grifo das autoras)

A busca pela desmistificação e promoção de um novo olhar a respeito do trabalho, impulsiona análises e articulam a divisão sexual do trabalho em duas esferas que:

[...] passaram a abordar o trabalho doméstico como atividade de trabalho tanto quanto o trabalho profissional. Isso permitiu considerar ‘simultaneamente’ as atividades desenvolvidas na esfera doméstica e na esfera profissional, o que abriu caminho para se pensar em termos de ‘divisão sexual do trabalho’. (KERGOAT; HIRATA, 2007, p. 597-598, grifos das autoras)

As pesquisadoras Marília Gomes de Carvalho e Lindamir Salete Casagrande (2011, p. 27) argumentam que a divisão sexual do trabalho interfere nas possibilidades das mulheres desenvolverem e produzirem conhecimentos externos à esfera privada. Para as autoras a:

[...] divisão sexual do trabalho que estabelece o trabalho da esfera pública aos homens e os da esfera privada às mulheres. Quando elas deixaram suas casas e suas atividades domésticas para dedicarem-se à ciência foram criticadas e discriminadas por não estarem cumprindo seu papel de mulher estabelecido pela sociedade.

As autoras Hirata e Kergoat (2007) apontam o paradoxo existente na conceituação da divisão sexual do trabalho, que apesar de toda construção teórica e poder subversivo contra a diferenciação de trabalho de acordo com o sexo, atualmente está usual no ambiente acadêmico, porém carente de conotação conceitual e desvinculada do caráter original, que seria questionar o trabalho doméstico à expensas das mulheres sendo substituído por “[...] termos como ‘dupla jornada’, ‘acúmulo’ ou ‘conciliação de tarefas’, como se fosse apenas um apêndice do trabalho assalariado” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599, grifos das autoras)

A tônica da divisão sexual do trabalho se caracteriza pela priorização “[...] dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599)

Na concepção de Carvalho e Casagrande (2011, p. 27) a posição das mulheres na divisão sexual do trabalho está em desvantagem. As autoras afirmam que:

[...] se houve um movimento das mulheres para o mercado de trabalho e para a produção científica na esfera pública, não houve um movimento dos homens para dentro da esfera privada, no âmbito dos cuidados com os filhos, doentes, idosos e a realização dos trabalhos domésticos.

É nessa perspectiva que Hirata e Kergoat (2007, p. 599, grifos das autoras) distinguem a divisão sexual do trabalho em dois princípios²⁵: separação e hierárquico, porém sem desconsiderar a distância existente entre os dois sexos “separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem ‘vale’ mais que um trabalho de mulher).”

Para as autoras Hirata e Kergoat (2007, p. 600, grifo das autoras) ainda que os princípios da divisão sexual do trabalho, possuam variações no tempo, no espaço e na modalidade de trabalho, o que se mantém sempre estável é a distância entre os grupos de homens e mulheres “[...] esta análise deve tratar dessa distância, assim como das ‘condições’, pois, se é inegável que a condição feminina melhorou, pelo menos na sociedade francesa, a distância continua insuperável”.

Para Carvalho e Casagrande (2011) a diferenciação de atividades entre homens e mulheres provenientes da divisão sexual do trabalho vem passando por transformações na sociedade contemporânea, porém no que tange a uma divisão mais igualitária, essas se dão lentamente.

Nas culturas ocidentais as mulheres conquistaram espaço no mercado de trabalho e hoje estão presentes em inúmeras atividades, inclusive na ciência. Mas é importante ressaltar que esta conquista representou para elas um acúmulo de trabalho que os homens nunca enfrentaram (CARVALHO; CASAGRANDE, 2011, p. 28)

Hirata e Kergoat (2007) resgatam e fazem a crítica à noção da divisão sexual do trabalho sob a perspectiva funcionalista da complementaridade de papéis, cuja classificação se deu de acordo com as situações de relação entre os sexos nas esferas doméstica e profissional, sendo que sua essência, vínculo social, respaldou o estatuto de política europeia.

Para as autoras o embasamento de conciliação entre vida familiar e vida profissional, destinava-se implicitamente somente à mulher ser agente conciliadora e reafirmava que homens e mulheres não são iguais perante o trabalho profissional.

Ainda dentro da perspectiva funcionalista da complementaridade de papéis, Hirata e Kergoat (2007, p. 603, grifos das autoras) definem a existência do:

²⁵ Para Hirata e Kergoat esses princípios: ‘separação’ e ‘hierárquico’ legitimam a ideologia naturalista ao rebaixar o gênero ao sexo biológico.

[...] ‘vínculo social’ pelos conteúdos de suas noções (solidariedade orgânica, conciliação, coordenação, parceria, especialização e divisão de tarefas). Cujas abordagens em termos de ‘complementaridade’ é coerente com a ideia de uma divisão entre mulheres e homens do trabalho profissional e doméstico e, dentro do trabalho profissional, a divisão entre tipos e modalidades de empregos que possibilitam a reprodução dos papéis sexuais.

Hirata e Kergoat (2007, p. 604, grifos das autoras) declaram que na França o distanciamento da realidade suscitou fortes críticas ao modelo de conciliação, dessa maneira “pesquisadores propõem substituir ‘conciliação’, ou mesmo ‘articulação’, por ‘conflito’, ‘tensão’, ‘contradição’ para evidenciar a natureza fundamentalmente conflituosa da incumbência simultânea de responsabilidades profissionais e familiares às mulheres”.

As pesquisadoras Marília Gomes de Carvalho e Nanci Stanki da Silva (2003) corroboram a ideia de divisão sexual do trabalho na sociedade capitalista, realçadas pelas relações de poder entre os gêneros, subjugando as mulheres na execução do trabalho de acordo com classificação regida por determinantes de ordem biológica “A mulher tinha prioridade de contratação caso a tarefa a ser desempenhada exigisse paciência, perseverança, delicadeza e agilidade. Por outro lado, as tarefas que exigissem força muscular, era prioridade masculina.” (CARVALHO; SILVA, 2003, p. 47).

A autora Cristina Bruschini (2000) problematiza a questão da desigualdade nas relações sociais entre homens e mulheres, tal como foram historicamente construídas pela cultura patriarcal de dominação e subordinação acerca do trabalho na esfera doméstica e familiar:

Se a persistência da responsabilidade das mulheres pelos cuidados com a casa e a família é um dos fatores determinantes da posição secundária ocupada por elas no mercado de trabalho, a maternidade é, sem dúvida, o que mais interfere no trabalho feminino quando os filhos são pequenos. A responsabilidade pela guarda, cuidado e educação dos filhos na família limita a saída da mulher para o trabalho remunerado, sobretudo se os rendimentos obtidos forem insuficientes para cobrir custos com formas remuneradas de cuidado infantil. (BRUSCHINI, 2000, p. 19)

Nas relações de trabalho e na divisão sexual do trabalho, estão explícitas as relações de poder entre homens e mulheres, relações de dominação, exploração, opressão dos homens sobre as mulheres. Louro (1997, p. 151) afirma “[...] que as vidas das mulheres - em qualquer instância que as examinemos - sempre estarão envolvidas em relações de poder e serão partícipes dessas relações”.

No que concerne às relações sociais de sexo as características que as definem também são permeadas por tensões e antagonismos ao redor do desafio do trabalho.

[...] embora a relação social de sexo tenha a mesma natureza que as outras relações sociais (elas são consubstanciais), ela tem suas características próprias: perpassa a totalidade do espaço-tempo conhecido e as segregações que opera têm formas particulares. (KERGOAT, 2002, p. 49, 50)

O fio condutor dos desafios postos às relações sociais de sexo provém do trabalho que é classificado por Kergoat (2002) para além do trabalho assalariado ou profissional e sim o trabalho baseado em ‘produção de vivência’, que possui e é composto pelo plano coletivo: inclui o trabalho produtivo e reprodutivo e o plano individual: que considera a subjetividade, nele o trabalho resulta a produção de si.

Kergoat (2002) aponta os princípios regentes da divisão sexual do trabalho, que são a separação e a hierarquia os quais ainda que organizados e legitimados pela ideologia naturalista em todas as sociedades, não significa ser um dado estático “[...] pelo contrário, suas modalidades concretas variam muito no tempo e no espaço como demonstraram etnólogos/as e historiadores/as.” (KERGOAT, 2002, p. 50)

As diferentes formas da divisão sexual do trabalho permitem pensar os “fenômenos de reprodução social quanto os deslocamentos e rupturas desta e, portanto, a emergência de novas configurações que podem tender a questionar a própria existência dessa divisão.” (KERGOAT, 2002, p. 51).

Na concepção de Londa Schiebinger (2001, p. 74), na era da sociedade moderna industrial fatores como a “[...] divisão de trabalho entre emprego e lar permanecem um obstáculo ao ingresso das mulheres nas profissões”.

A questão da inserção das mulheres em postos de trabalho predominantemente masculinos e as barreiras invisíveis impostas para a permanência e ascensão destas mulheres nos postos de trabalho, as quais passam por várias situações e às vezes não percebem estar sendo alvo de exclusão ou preconceito, é denominada por Lima (2013) pela metáfora **teto de vidro** cujas barreiras e obstáculos são invisíveis, porém concretos e impeditivos à ascensão da mulher em posições de destaque.

Lima (2013, p. 886, grifos da autora) também argumenta que ao longo da trajetória acadêmica a mulher é submetida ao que ela denominou de labirinto de cristal que “[...] indica que os obstáculos encontrados pelas mulheres, simplesmente por pertencerem à categoria ‘mulher’” se fazem presentes durante toda a trajetória acadêmica e profissional.

A autora observa através de sua pesquisa de campo alguns obstáculos que compõem o labirinto de cristal, dentre eles o drible da dor, onde as mulheres cientistas na área da Física, para receberem visibilidade e ascensão profissional, criam manobras numa lógica de negação

aos obstáculos de gêneros impostos ao longo da carreira por meio das representações sociais: conquistam o *status* de supermulheres e ou inteligências descorporificadas, aderindo aos ditames da meritocracia e distanciamento das discussões sobre gênero e feminismo.

Lima (2013, p. 888) também aponta o sexismo como obstáculo do labirinto, cuja constituição se dá por valores culturais definidos para cada sexo, onde o “[...] gênero constrói o sexo enquanto binário, oposto e complementar”. O sexismo se constrói numa perspectiva relacional, porém fundamentada na hierarquia patriarcal e é neste contexto que a ciência é fundamentada por valores masculinos, cujo direcionamento para o desempenho dos papéis são pré-definidos de acordo com o papel de cada sexo.

Outro obstáculo levantado pela autora sob o labirinto é o conflito gerado entre o antagonismo em ser mulher ou ser cientista de acordo com as determinações heteronormativas.

Por fim, o ultimo entrave que constitui o labirinto de cristal é a desorganização e dificuldade entre as cientistas para se aliançarem politicamente com seus pares como forma de se desvencilharem das múltiplas jornadas de trabalho.

A discussão trazida por Lima (2013) se refere às mulheres cientistas da Física, porém pode ser contextualizada em qualquer área que envolva as relações de gênero, e nessa pesquisa norteará as análises das relações de trabalho provenientes das desigualdades nas relações sociais de gênero na vida profissional das mulheres motoristas de ônibus.

De acordo com Schiebinger (2001, p. 74), algumas dicotomias, como “responsabilidades domésticas *versus* profissionais, o relógio da carreira acadêmica *versus* o relógio biológico, têm raízes históricas profundas”, são enfrentadas por mulheres na ciência sendo que algo similar ocorre com as mulheres participantes desta pesquisa.

Concernente à crítica acerca da perspectiva funcionalista da complementaridade de papéis, Hirata e Kergoat (2007, p. 607) asseveram que na conciliação não é possível desconsiderar a servidão doméstica já naturalizada onde a “[...] permanência da atribuição do trabalho doméstico às mulheres, mesmo no contexto da reconfiguração das relações sociais de sexo a que se assiste hoje, continua sendo um dos problemas mais importantes na análise das relações sociais de sexo/gênero”.

Ainda que as autoras Kergoat e Hirata (2007) reconheçam os avanços conquistados pelas mulheres, não obstante apontam que a distância entre as conquistas das mulheres continuam um paradoxo se comparada com as dos homens.

3.2.1 Cuidado

A discussão do cuidado do qual tratamos neste subcapítulo foi motivada pela recorrência nas falas das entrevistadas e está embasada na perspectiva destas mulheres enquanto trabalhadoras do transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana, no que tange ao cuidado executado no bojo da profissão na esfera pública concomitante ao cuidado prestado também na vida privada.

Diferentemente das demais atividades que possuem fundamentação teórica acerca do cuidado: cuidado na área da saúde; trabalho doméstico; cuidado familiar; educação, as relações do cuidado impressas nos apontamentos das motoristas de ônibus é uma dimensão pouco explorada.

No que se refere ao cuidado despendido na área da educação, Marília Pinto de Carvalho (1999) problematiza as relações entre o trabalho de ensinar com a noção de cuidado por intermédio de análise no campo educacional brasileiro.

Para Carvalho (1999) as ações que hoje são denominadas de ‘cuidado’ são frutos de construções históricas de acordo com cada tempo e espaço e para evidenciar as variadas formas que se articulam ao trabalho da/o professor/a nas séries iniciais, a autora vem “[...] destacar que essas práticas não fazem parte da essência de uma pretensa feminilidade, da natureza da maternidade ou de necessidades intrínsecas das crianças.” (CARVALHO, 1999, p. 66)

Para Carvalho (1999) o trabalho de ensinar relaciona-se com o cuidado e se dá em seu reconhecimento enquanto parte intrínseca do ensino.

No entanto Carvalho (1999) recomenda o reconhecimento de qualificação necessária para o exercício do cuidado, vez que o cuidado não é instintivo, as mulheres não são necessariamente maternas, indubitavelmente não basta saber cuidar de crianças para ensinar é preciso aprender formas de se lidar com elas.

A abordagem acerca do conceito do cuidado trazido por Luz Gabriela Arango (2016, p. 224) “[...] compreende disposições pessoais que remetem à responsabilidade que temos com os outros e à nossa capacidade de identificar suas necessidades”

Na visão de Elma Lourdes Campos Pavone Zoboli (2004) a disseminação da noção de cuidado ao longo da história foi influenciada por ideários filosóficos, religiosos, psicológicos, teológicos que influenciaram comportamentos morais e orientações éticas.

Disto decorrem distintas estruturas explicativas para a ética do cuidado, incluindo sua compreensão como ética evolucionária, ética da virtude, ética do desenvolvimento, ética da responsabilidade e ética do dever. Os aspectos históricos revelam que não há uma ideia única de cuidado, mas um conjunto de noções de cuidado que se unem por alguns sentimentos básicos, por algumas narrativas formativas, cuja influência perdura através dos tempos e por diversos temas recorrentes. (ZOBOLI, 2004, p. 27)

Destarte Zoboli (2004) expõe a constituição do cuidado dentro da visão positiva de Carol Gilligan (1982), que para compreensão da ética do cuidado, reconhece a responsabilidade de uns pelos outros, entendendo a moralidade como consequência da concepção desse relacionamento e com a convicção de que a comunicação é capaz de resolver conflitos.

No entanto as autoras Helena Hirata e Guita Grin Debert (2016, p. 8) contestam essa visão essencialista de Gilligan que atribui à “[...] personalidade feminina como se definindo muito mais em relação ao outro que a dos homens, e a afirmação da existência de uma ‘moral de proximidade’ das mulheres”

Zoboli (2004) indica que a caracterização de uma ética do cuidado deve distinguir as diferenças de raciocínio ético entre homens e mulheres e chama especial atenção às caracterizações descritas por Carol Gilligan (1982) e Nel Noddings (1984), que diferenciam as definições de ética feminina ou ética do feminino e ética feminista, na qual:

O interesse primário das éticas femininas está em descrever as experiências morais e as intuições das mulheres, apontando como as abordagens éticas tradicionais têm negligenciado a inclusão desta perspectiva. Por outro lado, as éticas feministas têm como propósito principal repudiar e por fim à opressão sofrida pelas mulheres e outros grupos historicamente oprimidos, estando, portanto, muito mais preocupadas do que as primeiras em provocar transformações político-sociais. (ZOBOLI, 2004, p. 27)

A autora Zoboli (2004) fomenta o receio de que o feminismo possa ser destruído pela ética feminina, mesmo que sem intenção, ao atribuir qualidades aos homens e às mulheres embasadas numa cultura sexista. Para a autora enfatizar o cuidado feminino como virtude pode reforçar a situação da mulher em posição vulnerável nas relações de gênero.

Segundo Zoboli (2004) ainda que as diferenças acerca das abordagens da ética do cuidado trazidas por Gilligan (1982) e Noddings (1984), causem desconfortos, ambas as abordagens são pertinentes em muitos aspectos, haja vista que:

O estudo detalhado da vida e do raciocínio ético das mulheres feito pelas éticas femininas pode contribuir, substancialmente, para dismantelar hábitos de

pensamento e práticas favorecedores da opressão ao gênero feminino. Ambas compartilham do objetivo de incluir a voz e as perspectivas das mulheres nos vários campos dos estudos acadêmicos. (ZOBOLI, 2004, p. 27)

Hirata e Guita Grin Debert (2016) baseadas em Berenice Fisher e Joan Tronto (1990)²⁶ mostram três modelos de cuidador/a que indicam as principais abordagens das feministas ligadas à questão do cuidado: o/a cuidador/a egoísta, o/a cuidador/a andrógino/a e o/a cuidador/a visível. Definem que:

Cuidador/a Egoísta - Perspectiva influenciada tanto pela vertente liberal quanto pela vertente marxista, vê no cuidado um peso às mulheres que deveriam escapar e priorizar as próprias necessidades. Atribuem ao cuidado a marca central de opressão da mulher, em que as habilidades para os afazeres e cuidados dos entes familiares aparecem como instintivos, tornando os valores econômicos e sociais ignorados. A inserção no mundo do trabalho remunerado seria libertária para as mulheres, lhes garantindo tanto a autonomia financeira quanto a social com a participação ativa nos sindicatos e organizações políticas.

Cuidador/a Andrógino/a - Propõe a integração do homem no trabalho do cuidado em virtude da visão de que o cuidado enquanto atividade feminina é desvalorizada, visa atribuir visibilidade às práticas estigmatizadas por serem unicamente femininas. Porém tal incorporação elevaria o aperfeiçoamento das tarefas, promovendo-as ao patamar dos demais tipos de trabalho. As críticas a essa visão apontam que o cuidado está arraigado no sistema sexo/gênero como atividade feminina e que a divisão social do trabalho não sofreria alteração sem uma intensa alteração nas construções de gênero. Destarte apontam que a integração masculina no trabalho do cuidado criaria novos modelos de dominação hierárquica ao trabalho das mulheres.

Cuidador/a Visível - Almeja a valorização do trabalho de cuidado, sem o intento de dividi-lo com os homens e sim atribuir reconhecimento pelas tarefas realizadas com dedicação, vínculo emocional, carinho, amor, compaixão ao/à assistido/a, enquanto um modo de trabalho. Nessa perspectiva a qualidade de vida seria prejudicada pela determinação da racionalidade mercantil ao transformar o cuidado em trabalho. Criticam os movimentos que lutam por emancipação, mas reproduzem as práticas de dominação pelas quais reivindicam, recusam a organização de gênero de uma sociedade capitalista, porém reproduzem os valores determinantes. Refutam a mercantilização do cuidado na medida em que é classificado como trabalho assalariado e se encaminham para mercantilização do cuidado incluindo as mulheres

²⁶ TRONTO, J. C.; FISHER, B. Toward a Feminist Theory of Caring. In: ABEL, E.; NELSON, M. (Eds.). *Circles of Care*. Albany, NY, SUNY Press, 1990, pp.36-54.

em um conjunto de valores competitivos e em consequência invalidando os valores próprios da ética feminina do cuidado, desencadeando a **nova economia do care**.

Para Tronto (1997) a incumbência dos cuidados somente às mulheres é contestada, visto que esta tradição privilegiaria aos homens ocupar as tarefas consideradas mais importantes.

Tronto (1997, p. 187) recomenda que as feministas sejam cautelosas com relação a análise a esse respeito, sob pena de adotar postura pró-feminina acrítica “seja o que for que as mulheres façam, é ótimo só porque é feito por elas, precisamos analisar mais detidamente a questão”.

A autora propõe separar os aspectos femininos e feministas acerca do cuidado, o qual se dá de acordo com cada sociedade e tempo, nessa abordagem se deterá a compreensão de como o cuidar no ocidente contesta as noções contemporâneas na teoria moral sobre o que é desejável.

Para Tronto (1997) há coincidências em ambos os aspectos, porém em análise final é na perspectiva feminista que ocorrem os aspectos transformadores dos **cuidados** e do **cuidar** os quais só podem ser reconhecidos se reformularmos a visão do contexto político em que se apresentam como fenômeno moral.

A autora elenca expressões do cuidar nas mais variadas profissões e destaca que o cuidar denota responsabilidade e compromisso.

Tronto (1997) enfatiza o aspecto relacional do cuidar e faz distinções entre o cuidar de acordo com a relevância e concretude do objeto a ser cuidado, quer seja: para objetos menos concretos faz-se uso do **cuidado com**, por outro lado o **cuidar de** denota um objeto específico, ou seja, o centro dos cuidados.

Para a autora ainda que os limites entre ambas as modalidades do cuidar não sejam claros como definidos no parágrafo anterior, são úteis para mostrar como o cuidado é entendido numa sociedade, onde as determinações do cuidado são definidas com relação ao gênero por intermédio das mais variadas práticas sociais de acordo com cada sociedade.

Nas palavras de Tronto (1997, p. 189, grifos da autora) o cuidar é uma ação determinada pelo gênero tanto no âmbito doméstico como no âmbito do mercado.

As ocupações das mulheres são geralmente aquelas que envolvem cuidados e elas realizam um montante desproporcional de atividades de cuidados no ambiente doméstico privado. Para colocar a questão claramente, os papéis tradicionais de gênero em nossa sociedade implicam que os homens tenham ‘cuidado com’ e as mulheres ‘cuidem de’.

Para Tronto (1997, p. 189, grifos da autora) o caráter moral não se faz presente em toda modalidade de cuidado e o distingue “[...] entre ter ‘cuidado com’ (preocupar-se) e ‘cuidar de’ torna-se óbvia. Quando queremos saber se ‘ter cuidado com’ (preocupar-se) é uma atividade, indagamos sobre a natureza do objeto do cuidado.”

A autora generaliza o cuidar em nossa sociedade no viés feminista “[...] os homens tem cuidado com (preocupam-se com); as mulheres cuidam de [...]” (TRONTO, 1997, p. 199). Ao passo que o cuidar em abordagem da feminidade, particulariza o cuidar de outros e se opõe às apreensões mais públicas “Essa abordagem ‘feminina’ do cuidar não pode, então, servir de ponto de partida para um questionamento mais amplo do papel adequado do cuidar na sociedade” (TRONTO, 1997, p. 200, grifos da autora)

Zoboli (2004) reforça o entendimento acerca da multiplicidade de definições sobre a noção do cuidado, cuja afinidade entre esse grupos de definições se perpetuam e desestimulam a influência na ética, provavelmente porque o cuidado está comparando e provocando:

[...] os sistemas de pensamento racionalistas, abstratos, impessoais e detentores de abrangente ascendência social, ética, política e religiosa, apoiando sua visão da condição humana na capacidade das pessoas importarem-se com os outros, com as coisas, com a comunidade, com uma trajetória de vida ou consigo próprias (ZOBOLI, 2004, p. 27)

Dessa maneira a ética do cuidado se coloca em papel de questionamento e rejeição às convenções impostas.

As discussões sobre cuidado corroboram a atividade da mulher condutora de ônibus na medida em que no cotidiano das mesmas está impresso o cuidado feminino tanto nas relações familiares quanto no exercício profissional.

3.3 GÊNERO

A categoria gênero irá compor a base conceitual da pesquisa para subsidiar a análise referente às condições de acesso e permanência das mulheres como motoristas de ônibus no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana, numa perspectiva voltada às dificuldades, limites, desafios que estas mulheres eventualmente enfrentem para acessar e permanecer na profissão.

Em concordância com Regina Beatriz Vargas (2014, p. 24, grifos da autora) analisar a condição das mulheres na perspectiva da categoria gênero consiste em “[...] lançar luzes sobre práticas sexistas não percebidas, aceitas como naturais/normais; sobre a ‘cegueira de

gênero' das políticas e das instituições, que tendem a excluir, ignorar, inviabilizar e/ou silenciar as mulheres gerando uma ordem social desigual e discriminatória.”

Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (2011, p. 44-45) apresenta a multiplicidade de definições do conceito de gênero e argumenta que gênero “[...] não se resume a uma categoria de análise, como muitas estudiosas pensam”, a autora também assevera que gênero “também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual”.

Saffioti (2011, p. 45) faz o resgate histórico das concepções de gênero sob o olhar de algumas autoras:

[...] como aparelho semiótico (LAURETIS, 1978²⁷); como símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva (SCOTT, 1988²⁸); como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades (FLAX, 1987²⁹); como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também relações homem-homem e relações mulher-mulher (SAFFIOTI, 1992³⁰, 1997B³¹; SAFFIOTI e ALMEIDA, 1995³²) etc.

Nas palavras da autora, ainda que não haja consenso para o conceito de gênero, onde cada pesquisador/a valorize determinados aspectos, nos é apontado a existência de “[...] um campo ainda que limitado de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2011, p. 45).

Scott (1995) tem como premissa a igualdade para além de uma expressão meramente numérica, possuindo um grau semelhante de uma qualidade ou atributo especificado ou implícito; estando no mesmo nível em termos de posição, dignidade, poder, habilidade, realização ou excelência; tendo os mesmos direitos ou privilégios.

Guacira Lopes Louro (1992, p. 57) suscita a reflexão sobre a interpretação que as pessoas elaboram das diferenças sexuais, bem como quais as consequências disso nos

²⁷ LAURETIS, Teresa de (1987). The technology of gender. In: LAURETIS, T. de. *Technologies of gender*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, p. 1- 30

²⁸ SCOTT, Joan Wallach. (1986) Gender: A Useful Category of Historical Analysis, *American Historical Review*, Vol. 91, n ° 5.

²⁹ FLAX, Jane. (1987) “Postmodernism and gender relations in feminist theory”. *Signs*. Chicago, The University of Chicago, v. 12, n. 4, Summer 1987, p. 621- 43.

³⁰ SAFFIOTI, H. I. B. (1992) “Rearticulando gênero e classe social”. In: COSTA, A. de O. e BRUSCHINI, C. (orgs) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 183 – 215.

³¹ SAFFIOTI, H. I. B. (1997b) No caminho de um novo paradigma. Paper apresentado na Mesa Redonda *Análise de gênero construíram paradigmas metodológicos?*, no XXI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, outubro/97.

³² SAFFIOTI, H. I. B. e ALMEIDA, Suely Souza de (1995) *Violência de gênero – Poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter.

diversos contextos da vida social: família, trabalho, dentre outras:

Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de práticas sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia [sic] de que homens e mulheres constroem-se no processo de relação.

Para melhor compreensão acerca do movimento das mulheres lançaremos mão da construção histórica elaborada por Louro (1997) que aponta o feminismo, enquanto movimento social organizado que entra em evidência no Ocidente no século XIX, tendo o movimento sufragista marcado a luta pela extensão do direito ao voto às mulheres, recebendo a intitulação de primeira onda do feminismo ocidental.

Louro (1997) destaca que a segunda onda do movimento feminista ocorreu no final da década de 1960 com lutas além das preocupações sociais e políticas, na qual as estudiosas feministas passaram a denunciar a ocultação do trabalho doméstico desenvolvido pela mulher, da mesma forma demonstraram e denunciaram a ausência feminina nas ciências, nas letras, nas artes.

Os estudos sobre as vidas femininas passam a ser construídos a partir de inúmeras vertentes, tais como teoria marxista e Psicanálise, Louro (1997) aponta algumas críticas que surgiram ao emprego dessas teorias, devido à impossibilidade de realizar análises embasadas em teorias com viés androcêntrico, não havendo consenso entre as filiações teóricas que reconheçam a causa central para a opressão feminina.

Louro (1997, p. 20-21) destaca uma vertente de estudiosas que atribuem a distinção biológica entre mulheres e homens à responsabilidade pelas desigualdades sociais entre eles/elas.

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e justificar — a desigualdade social.

Para Louro (1997) as rejeições às formulações com viés biológico se devem ao fato de não serem as características sexuais e sim a forma com que essas características são representadas ou valorizadas que concebem o masculino ou feminino em uma dada sociedade e momento histórico. Onde a compreensão das relações entre homens e mulheres se dá a partir da observação sobre a construção social do sexo do homem e da mulher e não de forma engessada a partir das características sexuais e biológicas.

A autora mostra que as feministas anglo-saxãs, passaram a se referir a *gender* com distinção de *sex* com vistas a rejeitar a herança do determinismo biológico na utilização de termos como sexo ou diferença sexual, e se remete à ênfase dada à linguagem por Scott (1995, p. 72) “[...] o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”.

Nessa perspectiva gênero se insere como conceito fundamental passando a servir como ferramenta analítica e ao mesmo tempo política, porém apesar de sua concepção estar fundamentada nas relações sociais não tem pretensão de negar a construção biológica que se constitui com ou sobre corpos sexuados e sim enfatizar “[...] a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997, p. 22).

A autora destaca o aspecto relacional e das representações sociais no debate de gênero, devido ser nessa esfera que se “[...] constroem e reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos” (LOURO, 1997, p. 22).

As concepções de gênero se diferem não só a partir de uma dada sociedade ou momento histórico e sim ao se considerar os diversos grupos (étnicos, raciais, classe) que a constituem. Louro (1997) aponta que os estudos de gênero passam a abordar também os homens e tentam afastar as proposições essencialistas, destacando o processo de construção dos gêneros, inclusive das masculinidades.

O emprego da palavra gênero transcende aos papéis sociais, enfatiza as múltiplas formas de assumir as feminilidades e masculinidades. “O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (LOURO, 1997, p. 23).

Embora a característica fundamental do conceito de gênero seja social e relacional, não deve ser interpretado como construção de papéis masculinos e femininos:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (LOURO, 1997, p. 24)

A autora enfatiza que uma discussão engessada sobre aprendizagem entre os papéis masculinos e femininos, resultaria numa análise redutora e simplista, pois desconsideraria as múltiplas formas que se dão as masculinidades e as feminilidades e promoveria a hierarquização entre os gêneros por intermédio das formas com que as redes de poder atuam.

Destarte Scott (1995) critica os/as historiadores/as que desenvolveram teorias sobre gênero se atendo aos referenciais teóricos tradicionais das ciências sociais, em virtude das limitações ocorridas pelas generalizações redutivas ou simplistas.

A autora elenca abordagens utilizadas pela maioria dos/as historiadores/as, dentre essas, há a descritiva que “[...] se refere à existência de fenômenos ou de realidades, sem interpretar, explicar ou atribuir uma causalidade” e a outra abordagem que “é de ordem causal e teoriza sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando compreender como e porque eles tomam as formas que têm” (SCOTT, 1995, p. 74).

Scott (1995) destaca que gênero em utilizações menos elaboradas é sinônimo de mulheres e cita que em determinada época, os livros e artigos que tratavam da história das mulheres, substituíram nos títulos, o termo mulheres por gênero como forma de receber reconhecimento político e acadêmico nesse campo de pesquisa, visto apresentar mais objetividade e neutralidade que o termo mulheres.

Dentre as ponderações de Scott (1995, p. 75)

‘Gênero’ parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se assim, da política (supostamente ruidosa) do feminismo. Nessa utilização, o termo ‘gênero’ não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível). Enquanto o termo “história das mulheres” proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente as práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo ‘gênero’ inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. Esse uso do termo ‘gênero’ constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca legítima acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80.

Scott (1995, p. 75) enfatiza a importância de o termo gênero englobar os homens nas informações que retratam as mulheres, pois “[...] qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro [...]”, pelo fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens. E nessa perspectiva, rejeitando a ideia de se estudar o mundo das mulheres como se estivesse isolado ou se pouco ou nada tivesse em comum com o sexo masculino.

Outro aspecto apontado por Scott (1995, p. 75, grifos da autora) é a utilização do termo gênero para determinar as relações sociais entre os sexos, rejeitando explicações

biológicas que tendem a naturalizar diversas formas de subordinação feminina aos homens, ao contrário, “[...] o termo ‘gênero’ tornou-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.”

Para Scott (1995, p. 75) o termo gênero é uma forma de especificar as origens sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres e de acordo com essa declaração “[...] uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.”

De acordo com a autora, o crescimento de estudos sobre sexo e sexualidade, atribui ao termo gênero *status* de “[...] palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens.” (SCOTT, 1995, p. 75)

Conforme Scott (1995, p. 76, grifos da autora) “[...] o uso de ‘gênero’ enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade.”

Destarte, na medida em que o uso do termo gênero se detém apenas aos objetos de estudos com temas voltados às mulheres, crianças, famílias, ideologias de gênero, sua aplicação acaba restrita aos estudos das relações entre os sexos e conseqüentemente aquelas questões ligadas à política e ao poder, perdem aplicabilidade devido à irrelevância atribuída pelos/as pesquisadores/as, vez que “[...] a adesão a uma certa visão funcionalista, fundamentada, em última análise, na biologia e na perpetuação da ideia de esferas separadas na escrita da história (sexualidade ou política, família ou nação, mulheres ou homens)” (SCOTT, 1995, p. 76).

Scott (1995) ressalta que contextualizar a questão do gênero é fruto da reivindicação de feministas contemporâneas para construir teorias que explicassem as insistentes desigualdades entre mulheres e homens.

Para a autora foi no posicionamento crítico frente às ciências pós-estruturalistas que algumas feministas encontravam espaço, voz e teoria própria “[...] para articular o gênero como categoria analítica [...]” (SCOTT, 1995, p. 85).

A autora assevera sua definição de gênero pautada em:

[...] (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder mas a mudança não é unidirecional. (SCOTT, 1995, p. 86)

Scott (1995) recomenda que a construção do gênero transcenda o sistema do parentesco levando em consideração que nas sociedades modernas, estão agregadas as organizações políticas que são amplamente operadas independentes de parentesco.

Destarte a autora enfatiza a necessidade da ampliação do uso do termo gênero para além do recorte binário (homem X mulher) e do sistema de parentesco pautado no lar e na família que, para alguns teóricos é a sustentação da base de uma organização social.

[...] que inclua não somente o parentesco mas também (especialmente para as complexas sociedades modernas) o mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção de gênero), a educação (as instituições de educação somente masculina, não mistas ou de coeducação fazem parte do mesmo processo), o sistema político (o sufrágio universal masculino faz parte do processo de construção do gênero) (SCOTT, 1995, p. 87)

No que se refere a construção de gênero, para Saffioti (2011, p. 56) desconsiderar a dominação masculina exercida sobre as mulheres vem de encontro com a ideologia patriarcal e acaba naturalizando essa dominação/exploração:

Ainda que muitas(os) teóricas(os) adeptas(os) do uso exclusivo do conceito de gênero denunciem a naturalização do domínio dos homens sobre as mulheres, muitas vezes, inconscientemente, invisibilizam este processo por meio, por exemplo, da apresentação de dados. À medida que as(os) teóricas(os) feministas forem se desvincilhando das categorias patriarcais, não apenas adquirirão poder para nomear de patriarcado o regime atual de relações homem – mulher, como também abandonarão a acepção de poder paterno do direito patriarcal e entenderão como direito sexual.

Carole Pateman (1993, p. 39, grifos da autora) aponta que o modelo patriarcal da sociedade se reproduz nas relações sociais e faz crítica às formas de poder político que adquiriu, as quais foram ignoradas pelos teóricos políticos ao longo do século XX.

Houve várias discussões entre as feministas sobre o significado de ‘patriarcado’ e sobre questões tais como: se em nossa sociedade o termo deve ser usado em sentido literal de governo paterno; se o patriarcado é uma característica humana universal ou se ele é histórica e culturalmente variável; se o matriarcado ou a igualdade sexual existiram alguma vez, e, caso tenha existido, como aconteceu a ‘derrota mundial e histórica do sexo feminino’ (para utilizar a dramática formulação de Engels); se as relações patriarcais estão essencialmente estabelecidas na família ou se a vida social, como um todo, está estruturada pelo poder patriarcal; e quais as relações existentes entre patriarcado, ou dominação sexual, e capitalismo, ou dominação de classe. Não existe um consenso acerca de nenhuma dessas questões e as feministas utilizam o termo ‘patriarcado’ em muitos sentidos.

Assim como Louro (1997) não tem a pretensão de negar a construção biológica que se constitui com ou sobre corpos sexuados e sim enfatizar as relações sociais que se constroem na perspectiva de gênero, também para Pateman (1993) a dominação patriarcal não sofre influência do sexo biológico e sim são provenientes da cultura que vivem, ou seja, das relações sociais.

Saffioti (2011, p. 45) corrobora o argumento de que a primazia masculina perdura desde o passado remoto, logo a manutenção da desigualdade existente entre homens e mulheres carregam vestígios do patriarcado longínquo, o qual não se extingue e sim se renova “[...] de fato, como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado está em permanente transformação.”

No que se refere aos estudos sobre o conceito de gênero, Schiebinger (2001, p. 44, grifos da autora) nos mostra que na década de 1970 o termo gênero entra para combater ao determinismo biológico com suas formas culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade de sexo biológico. “A popularidade do termo ‘gênero’ contudo, resultou em sua expropriação. Gênero, hoje, é com frequência [sic] usado impropriamente como uma palavra de código para ‘sexo’, ‘mulher’, ou ‘feminista’.”

E para a correta utilização do termo a autora argumenta que “Ele é mais propriamente usado para referir um sistema de signos e símbolos denotando relações de poder e hierarquia entre os sexos. Ele pode também referir-se a relações de poder e modos de expressão no interior de relações do mesmo sexo”. (SCHIEBINGER, 2001, p. 44)

A autora apresenta outras características e interpretações sobre gênero, quais sejam: ideologia de gênero, identidade de gênero e sexo. No que concerne a ideologia de gênero as mesmas são específicas a cada região, religião, idade, classe, etnia e assim por diante:

Ideologias de gênero prescrevem características e comportamentos aceitáveis para homens e mulheres. Europeus e americanos, desde pelo menos o século XVIII, por exemplo, foram hipnotizados pela noção de mulheres modestas e delicadas, protegidas por homens robustos e valentes. (SCHIEBINGER, 2001, p. 46)

A abordagem trazida a respeito da identidade de gênero exprime como um homem ou mulher individual “[...] apropria aspectos de ideologias de gênero como parte de seu senso de eu. As identidades dos indivíduos podem mudar de acordo com o contexto, ambiente e época.” (SCHIEBINGER, 2001, p. 46)

Para a autora, de forma geral, a interpretação de gênero “[...] denota entendimentos multidimensionais e mutáveis do que significa ser um homem ou uma mulher no interior de

um determinado ambiente social” (SCHIEBINGER, 2001, p. 46).

E por fim, a autora apresenta sua conceituação de sexo:

‘Sexo’, em contraste funciona dentro dos estudos de gênero para designar aspectos menos maleáveis da biologia (embora hoje em dia haja uma crescente apreciação da mutabilidade de sexo, como por exemplo, quando ovos de tartaruga e cágado incubados a 16-23 graus Celsius, produzem machos, enquanto aqueles incubados a 32 graus ou mais produzem fêmeas (SCHIEBINGER, 2001, p. 46)

Claudia de Lima Costa (1994), por sua vez, discorre sobre as conceituações de gênero e suas influências nas interpretações das práticas sociais e discursos culturais. A autora classifica o conceito de gênero em 5 correntes de interpretação que são:

Variável binária: Fruto da tradição positivista, o/a pesquisador/a classificava as diferenças sexuais usando o gênero do/a interlocutor/a como variável binária não problemática, como sexo biológico dele ou dela, como categoria dicotômica de gênero, ou nas características linguísticas na qual isolavam as dimensões da fala que diferenciavam os homens das mulheres.

A ausência de diferenciação linguística entre o discurso do homem e da mulher afasta o interesse dos/as pesquisadores/as das conceitualizações estáticas e os direciona às descrições das relações entre os/as interlocutores/as com receptividade ao gênero nos mais variados contextos e identidades sociais.

Quando o/a pesquisador/a se detém nas dicotomias estáticas no seu campo de investigação ao invés das complexidades que ocorrem no cotidiano das interações, suas análises se enfraquecem e reduzem o gênero a ferramentas de análises de duas categorias imutáveis, que devido estarem coladas às pressuposições biológicas e culturais sobre categorias sexuais, acabam por limitar a visão dos mecanismos estruturais e sociais que limitam as divisões entre homens e mulheres.

Papéis dicotomizados: Paradigma dos papéis enfatiza o caráter social do gênero ao invés de abrangê-los como opostos dicotomizados ou individuais, definindo-os como papéis assumidos na sociedade pelos indivíduos. Essa vertente defende que é pela socialização que homens e mulheres assimilam e incorporam identidades específicas ao desenvolver determinados papéis, no qual o masculino e feminino são internalizados por intermédio das representações de papéis assim como ocorre quando um ator ou atriz ensaiam suas falas através de um roteiro designado pela ordem social com recompensa aos/as que seguem os roteiros previamente estabelecidos e punições aqueles/as que fogem às regras impostas.

Para Costa (1994) ainda que haja avanço nessa vertente se comparada com o paradigma da diferença sexual, há ocorrência de falha grave ao limitar a maternidade e ser esposa aos papéis femininos.

A autora aponta críticas no sentido de que em alguns casos não clarifica a quem os papéis masculinos e femininos se referem ou os referem a ideais normativos de comportamento; ou referem a estereótipos de papéis do homem ou da mulher. Demais críticas versam a falta de relatos sobre as mudanças sociais, desconsiderando as questões do poder, desigualdades e ideologias que oprimem ao fazer distinções rígidas entre homens e mulheres, sendo que o dualismo afasta a atenção das complexidades das relações sociais.

Variável psicológica: Vertente oriunda de pesquisadores/as da psicologia que conceituam gênero como orientação ou força da personalidade, por meio de um instrumento construído para mensurar a diferença entre masculinidade e feminilidade, o instrumento classifica os coeficientes de alta masculinidade e alta feminilidade nos extremos da escala, com a representação da androginia representando o ápice da pontuação tanto na masculinidade quanto na feminilidade, nessa classificação uma pessoa andrógina apresentaria traços femininos e masculinos.

Para Costa (1994) as críticas a essa escala ocorrem por sua inexatidão nas mensurações e incapacidade de determinar as significações. Há críticas também no sentido de que as escalas de mensuração tinham como parâmetro estereótipos do masculino e do feminino. Essa proposta ao invés de dissolver as noções tradicionais de masculinidade e feminilidade serviu para fortalecê-los pelo fato de se colocar como força ou orientação psicológica.

Sistemas culturais: Teoria influenciada pelo feminismo culturalista e discurso da diferença, tem na conceituação de gênero dois sistemas impossíveis de se mensurar, Costa (1994, p. 153) enfatiza “[...] as experiências da mulher como aquelas que cuidam, alimentam e pacificam, permitiu-lhes criar uma cultura diferente e articular diferentes epistemologias, como também valores culturais e estéticos alternativos.”

Nessa vertente, a diferença passa a exprimir que as mulheres possuem expressões e experiências de amor diferente; baseada na cooperação, participação e sensibilidade da mulher no atendimento às necessidades do outro a distinguindo do homem. Também no aspecto sociolinguístico a diferença entre homens e mulheres são frutos da separação de meninas e meninos na infância para o exercício da comunicação, na qual as regras para interação, modos de discursos e diferenças no direito e dever de falar e ouvir não foram bem sucedidos devido a desigualdade.

Nessa perspectiva a rotulação do discurso da mulher como desprovido de poder, ineficaz e incerto mostra a forma como os homens desvirtuam e silenciam as expressões do modo alternativo das mulheres se expressarem com e no mundo.

As críticas se remetem: à ênfase dada à diferença a qual desconsidera as significativas semelhanças existentes entre os seres humanos; e a generalização da voz e cultura feminina a qual deve considerar a multiplicidade de vozes femininas, vez que as estratificações de classe e relações de gênero das mulheres não são homogêneas.

Por fim há crítica ao idealizar o mundo das mulheres de forma a romantizar a opressão. As falhas apontadas são no sentido de que a celebração da diferença por meio das dualidades e contrastes, contribui para a subordinação e práticas institucionais discriminatórias.

Relacional: Considerado por Costa (1994) o paradigma mais promissor não somente para o estudo da linguagem e gênero, mas todas as interações sociais. Seu fundamento está no sistema social de relacionamentos entre seus interlocutores. Trata-se de abordagem embasada na análise de como o trabalho, poder e práticas sexuais formam as relações de gênero, permitindo desenvolver a concepção de masculinidades e feminilidades como estruturas de relações sociais dadas pelo sistema sexo/gênero.

Nessa vertente as análises não incorrem em explicações únicas e gerais de gênero para compreender as relações dos indivíduos com o trabalho; tem nas experiências particulares de gênero a consideração de períodos históricos específicos; não há representações ideológicas de gênero. Essa conceituação permite compreender diversas masculinidades e feminilidades ao invés de uma visão homogênea de homem e mulher indefinidos entre si. Permite analisar o gênero na perspectiva das práticas e experiências sociais no cotidiano dos indivíduos e entender como os gêneros são manipulados pela economia semiótica da diferença sexual.

Para Costa (1994) a reprodução do gênero enquanto relacional, contextual abriu novas possibilidades para o estudo de linguagem. A teorização da relação entre a linguagem e gênero começa com a descoberta de como as escolhas linguísticas e práticas comunicativas posicionam os interlocutores nas tramas das relações sociais.

Pós-Estruturalismo e Gênero: Para Costa (1994) na perspectiva pós-estruturalista entende-se gênero enquanto significação cultural do corpo sexuado ao acolher a existência das múltiplas interpretações para esse corpo em acordo com as lógicas culturais. Destarte pode-se deduzir que a descontinuidade entre sexo e gênero, ainda que os sexos demonstrem ser

binários na estrutura morfológica, não há precedentes para conclusões que os gêneros se limitem a dois.

Apresentamos as diferentes vertentes que conceitualizam gênero, porém para esta dissertação adotamos a concepção de gênero fundamentada por Joan Scott (1995, p. 73), pois a partir dessa abordagem com propriedade analítica, se tem a possibilidade de analisar não só “a relação entre a experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas também da conexão entre a história passada e a prática histórica presente”, sobretudo possibilitará analisar a questão do gênero nas relações sociais humanas.

Na medida em que Scott (1995) apresenta a reflexão do gênero enquanto categoria de análise das relações sociais e institucionais, cujas práticas não ocorriam de forma sistemática e precisa.

O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. Como tal, esta parte da definição poderia aparentemente pertencer à seção normativa de meu argumento, mas isso não ocorre, pois os conceitos de poder, embora se baseie no gênero, nem sempre se referem literalmente ao gênero em si mesmo. (SCOTT, 1995, p. 88)

Desta maneira aborda algumas significações de pesquisadores/as referentes ao conceito de gênero enquanto possibilidade de estabelecer: diferenciações sexuais enquanto forma primária das distinções, definições específicas de oposição entre masculino e feminino na exploração agrícola, na ordem social, no comportamento religioso, possibilitando “melhor compreender as formas pelas quais esses conceitos orientam a política das instituições monásticas e as crenças individuais” (SCOTT, 1995, p. 89).

O conceito de gênero pode ser analisado nas mais variadas áreas de interação humana, sendo que para Scott (1995) a política vem a ser mais uma área em que o gênero pode ser utilizado para análise histórica.

Por fim assevera a autora que havendo o reconhecimento que

[...] ‘homens’ e ‘mulheres’ são, ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não tem nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contem dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas. (SCOTT, 1995, p. 93)

Contudo pelo fato da história estar em constante movimento, há de se ter cautela com as formas dos debates que abordam gênero, as posições de como são reinscritas ou invocadas as compreensões de gênero para assegurar:

Qual é relação entre as leis sobre as mulheres e o poder do estado? Por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, ainda que saibamos que elas participaram de grandes e pequenos eventos da história humana? O gênero legitimou a emergência de carreiras profissionais? (SCOTT, 1995 p. 93)

A abordagem da análise de gênero construída por Scott (1995) possibilitará dar visibilidade às mulheres enquanto partícipes ativas na compreensão e reflexão da linguagem fixa do passado com a atualidade.

Nessa perspectiva há a possibilidade de reflexão sobre as atuais políticas sobre as mulheres com proposição de reestruturação sob o viés de igualdade política e inclusiva para além do sexo, pois abarcará a classe e raça.

3.3.1 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Para contribuir com a análise acerca da percepção das mulheres motoristas de ônibus diante de eventuais tabus e desafios enfrentados para a inserção e permanência neste posto de trabalho ocupado predominantemente por motoristas do sexo masculino, abordaremos a questão das relações de gênero e estereótipos de gênero.

A produção e a apropriação das conceituações sobre gênero são o grande mote para a desconstrução de estereótipos ligados a essência feminina. Essa dissertação destacará o aporte teórico apresentado por Lindamir Salete Casagrande, Marília Gomes de Carvalho, Maria Rosa Lombardi, Claudia de Lima Costa, Danièle Kergoat, dentre outras.

Para Costa (1994) a desconstrução da racionalidade humana motivada pelas discussões que versam sobre o fim do projeto de modernidade despertou nas pensadoras feministas a necessidade de desconstruir também categorias tradicionais do ocidente: a razão, o sujeito, a verdade. E é nesse processo de renovação que se possibilita novos modos de pensamento, oportunizando novas visões às teorias feministas.

A mudança de perspectiva dos pontos de vista dos homens para os das mulheres alterou radicalmente a matriz intelectual e cultural que dá forma à auto-compreensão das mulheres. Isto vem ocorrendo através da desconstrução de, entre outras coisas, duas das mais resilientes categorias dicotômicas do pensamento ocidental: objetivismo e subjetivismo; masculino e feminino (COSTA, 1994, p. 142).

As críticas feministas possibilitaram a geração de novas epistemologias que fizeram oposição à polaridade masculina/feminina e demais formas que criavam as relações de gêneros.

A crítica da autora se dá no sentido de que “[...] objetivismo e à oposição entre os gêneros como diferença sócio-hierárquica não se dão separadamente” (COSTA, 1994, p. 142), e rever estas polaridades de gênero que são historicamente impostos, são maneiras de tentar ultrapassar todas as formas de dominação e opressão.

Para Costa (1994) ainda que haja diferenças entre as posições pós-estruturalistas a respeito das análises de gênero, o que há em comum é a visão do outro não como limitante e sim constituindo as premissas do próprio ser.

A discussão sobre as construções sociais dos gêneros e estereótipos pelo olhar de Carvalho (2015) aponta que tanto a divisão sexual do trabalho como a construção social dos homens e mulheres são estratégias que servem para atender as necessidades do mercado.

No que se refere a quebra de padrões de gênero problematizada por Lombardi (2006) pela inserção das mulheres nos cursos de engenharias, mostra que a maior presença dessas mulheres contribuiu para desconstruir a imagem que os estudantes masculinos faziam das mulheres no campo acadêmico e posteriormente no mercado de trabalho. Dentre as reflexões trazidas por Lombardi, tem-se que nas profissões em que a masculino é dominante a realização do trabalho pelas mulheres é uma forma de se fazer gênero.

A autora ressalta que determinados estereótipos de gênero contribuíram para segregar as mulheres das engenharias:

As concepções de gênero e a divisão sexual do trabalho que delas resultam, presentes na sociedade brasileira em geral e em algumas especialidades da engenharia em particular, tiveram influência nas possibilidades de inserção profissional das engenheiras e no desenvolvimento das suas carreiras. (LOMBARDI, 2006, p. 200)

A discussão trazida por Lombardi ainda que trate da questão das mulheres na engenharia pode ser aplicada em qualquer posto de trabalho em que a mulher esteja inserida e corrobora a análise das relações de gênero no interior das profissões, em especial às que contam com o predomínio masculino.

Conforme Kergoat (2002) a análise das relações sociais de sexo deve considerar e estar imbricada com todas as relações sociais presentes na coexistência entre homens e mulheres na sociedade, sendo que as relações entre homens e mulheres, independente da nomenclatura, relações sociais de sexo; gênero ou relações de gênero, ficam sempre à margem do campo epistemológico da sociologia. Ainda que homens e mulheres convivam juntos e juntas.

[...] a teoria do laço social está longe de conseguir dar conta, por si só, do real observável: as violências (físicas e simbólicas) são cotidianas, o grupo dos homens legisla, em nome do universal, a vida do grupo das mulheres, explora seu trabalho profissional e ainda extorque delas trabalho extra (o trabalho doméstico). O fato de que, nesse último ponto, muitas mulheres cedam "por amor" nada muda à dura realidade dos fatos. (KERGOAT, 2002, p. 49)

Para Kergoat (2002, p. 49) a relação social pode ser compreendida por permear a sociedade pelas tensões que se instauram na produção ou reprodução de novos modos de viver em sociedade, desta maneira os confrontos são permanentes entre os homens e mulheres.

[...] as relações sociais são múltiplas e nenhuma delas determina a totalidade do campo que estrutura. Juntas tecem a trama da sociedade e impulsionam sua dinâmica: elas são consubstanciais. Logo, a noção de relação social remete ao mesmo tempo a um princípio de geração (as relações sociais produzem e reproduzem, pela mediação dos desafios, as práticas sociais que, por sua vez, agem sobre as tensões que são as relações sociais) e a um princípio heurístico (as relações sociais servem para compreender as práticas observadas).

Para a autora se desprender das divisões binárias de sexo formuladas aos moldes das teorias da complementaridade dos papéis contra a guerra dos sexos, retira a posição das mulheres da problemática da dominação e reprodução das relações sociais dominadoras.

[...] independentemente do ponto de vista que adotarmos, pensar em termos de 'guerra dos sexos' não faz sentido: os dominantes - os homens, no caso - não 'lutam' (embora isto tenha acontecido) contra as mulheres; o que fazem, é dirigir, remodelar incessantemente, em favor de seus interesses, as relações sociais de sexo por meio de seu desafio, a divisão sexual do trabalho (como atestam amplamente [...], os reajustes constantes, ao longo da história, das políticas sociais e familiares). (KERGOAT, 2002, p. 51, grifos da autora)

Kergoat (2002) discute o deslocamento das tensões que permeiam as relações sociais para o campo da qualificação que é um dos campos do trabalho, sendo a qualificação/competência uma das controvérsias do trabalho.

A desconstrução da controversa da qualificação pelo viés da relação social de sexo mostra que a construção individual e coletiva da qualificação se dá de forma distinta aos homens, a qual só pode ser compreendida com a intervenção da subjetividade que destrói a distinção política entre público e privado. “[..]essa abordagem implica uma reviravolta radical das fronteiras disciplinares e das categorias tradicionais do pensamento político” (KERGOAT, 2002, p. 51)

Nas palavras da autora o conceito de trabalho se originou atrelado a virilidade, ambos coexistem “[...] o trabalho em geral e a qualificação em particular podem desembocar na constituição de coletivos. Não dizemos aqui que isto seja fácil mas apenas que não há solução de continuidade entre grupo dos homens/trabalho/qualificação/virilidade.” (KERGOAT, 2002, p. 51)

No que se refere à qualificação ao grupo das mulheres, Kergoat (2002, p. 51, grifos da autora) afirma que “[...] auto definir-se e mostrar-se, individual e coletivamente, como ‘qualificadas’ é um processo extremamente complexo”.

Conforme Kergoat (2002, p. 52, grifos da autora) as qualidades classificadas como naturais são dispares entre homens e mulheres “[...] umas são muito mais valorizadas (senso da competição, agressividade, vontade de poder, força física...) do que outras (senso das relações, meiguice, ‘instinto’ materno, dedicação, minúcia...)”

Carvalho (2015, p. 16) aponta que “Aos homens foram delegadas as atividades produtivas, voltadas para o mercado de trabalho e de produtos e às mulheres caberiam as atividades reprodutivas, voltadas aos cuidados da prole e ao trabalho doméstico.” Na concepção de Carvalho (2015) a produção capitalista com primazia econômica e mercantil, desenvolveu ideologias de gênero baseadas em características e estereótipos dicotômicos, ao masculino presume-se o desenvolvimento de personalidade racional, lhes sendo atribuída a objetividade, universalidade, neutralidade, dominação, cérebro, controle, conhecimento.

A partir destas demandas eles passam a ser socializados desde a infância e deles são cobradas atitudes condizentes com tais estereótipos em todas as instâncias da vida social seja na família, na escola, no mercado de trabalho, na vida política, em suas relações pessoais. (Carvalho, 2015, p. 17)

Já as mulheres eram insufladas a desenvolver maior controle emocional, sensibilidade e submissão, lhes sendo reprimida a competitividade e agressividade. No geral ao feminino caberiam desenvolver características opostas às masculinas, ademais as atividades a elas destinadas não sairiam de dentro do lar, da esfera privada.

No processo de socialização as meninas, desde o nascimento, são educadas e formadas para manifestarem tais estereótipos e, da mesma forma que dos homens, delas são cobrados comportamentos e atitudes que os reproduzem em suas vidas pessoais, como na família, escola, trabalho, lazer e em todas as suas relações sociais. (CARVALHO, 2015, p. 17)

A autora salienta não haver ligação entre as diferenças biológicas de sexo com os estereótipos masculinos ou femininos, desta maneira são suscetíveis a manifestações e transformações independentemente de ser mulher ou homem.

Os estereótipos são marcados pela ação generalizante ao desconsiderarem as especificidades que ocorrem em qualquer grupo social, desta maneira a uniformidade de comportamento nos seres humanos fica prejudicada.

Em que pesem todas as transformações sociais que vêm ocorrendo na sociedade atual, assim como as mudanças de comportamento entre homens e mulheres e nas relações de gênero em geral, ainda hoje estes estereótipos permanecem como referência para a vida social. Pode-se dizer mesmo que em certos aspectos ocorre um recrudescimento da dicotomia masculino/feminino. (CARVALHO, 2015, p. 18)

Para Carvalho (2015) a separação entre homens e mulheres é uma construção histórica que se perpetua de modo inflexível no que tange ao estabelecimento de certos atributos ao homem e à mulher e quando estes fogem as regras pré-determinadas, podem ser vítimas de preconceito e discriminação em ambientes conservadores.

Não obstante ao fato da sociedade estar em constante transformação, os padrões estabelecidos pela ordem social, relacionados à produção de estereótipos dicotômicos de gênero também passam por modificações.

Basta falar das alterações na família, no papel das mulheres, hoje efetivamente envolvidas nas atividades da esfera pública, na demanda por uma participação concreta e real dos homens na esfera do lar, fenômenos que inviabilizam a reprodução dos estereótipos dicotômicos de gênero, rigidamente marcados. (CARVALHO, 2015, p. 18)

Para a autora um fator relevante para a saída da mulher do âmbito privado foi a necessidade de aumentar a renda financeira familiar para dar conta de adquirir toda a gama de bens de consumo produzida pelo apelo publicitário. A autonomia financeira contribuiu para a libertação da mulher da dominação financeira e para se manifestar contrária às dicotomias de gêneros constituídas.

Há ainda a ampliação das possibilidades para o trabalho feminino no mercado de trabalho, pelo aumento da procura e também pelo aumento da escolaridade entre as mulheres. Estes fatos podem torná-las mais qualificadas que os homens e lhes darem a possibilidade de melhor remuneração, apesar de, ainda hoje, as mulheres ganharem 30% menos que os homens pelo mesmo trabalho, o que está relacionado aos estereótipos tradicionais de gênero. (CARVALHO, 2015, p. 20)

A autora aponta que mesmo nos campos mais conservadores da sociedade está havendo o debate acerca das características de gênero, o que pode acarretar a desconstrução das dicotomias.

No entanto a autora esclarece que em nossa sociedade a dicotomia de gênero é subentendida pela desigualdade entre homens e mulheres, a qual se manifesta num modelo hierárquico estereotipado em que o masculino é mais valorizado e o feminino é socialmente inferior.

A objetividade, o uso da razão, a prática da dominação e da competitividade representam valores mais importantes, sob a ótica de uma sociedade de mercado, do que a emotividade, a fragilidade e o comportamento passivo, considerados femininos, e sempre vistos como características de menor valor e importância social. (CARVALHO, 2015, p. 20)

A autora problematiza as desigualdades produzidas, que ao mesmo tempo em que inferiorizam as mulheres dão superioridade aos homens. Essas práticas são frutos de uma sociedade androcêntrica alicerçada em modelos masculinos.

Na concepção da autora, pensar gênero como uma variável binária entre homem e mulher está ultrapassada, devido a perda de sua aplicabilidade em virtude da complexidade das sociedades de classe. Deve-se ponderar a interlocução entre as pessoas das diferentes classes, desde a econômica, racial, profissional e social existente entre os homens, mulheres e demais expressões de gênero.

Como modelos, os estereótipos dicotômicos que estamos analisando nem sempre se realizam na prática social, pois vimos que tanto há homens que vivenciam os femininos, quanto há mulheres que assumem os estabelecidos como masculinos. Vimos também que estas características dicotômicas de gênero estão em transformação e em desconstrução, porém a desigualdade entre homens e mulheres, historicamente construída e culturalmente vivida, pode ser percebida nas mais diversas dimensões da vida social, seja na família, mercado de trabalho, política, educação, religião, ciência, tecnologia, vida profissional, saúde, sexualidade, padrões morais, só para citar algumas. (CARVALHO, 2015, p. 21)

As desigualdades de gênero se manifestam nas mais variadas instâncias da vida social, algumas demonstrações são carregadas de opressão e violência em virtude da desvalorização da mulher e do machismo, é nessa lógica que se avolumam as estatísticas de violência doméstica contra as mulheres e crianças. Na constatação de Carvalho (2015, p. 21) “As mulheres são vistas como propriedade dos homens que se apropriam de seus corpos, sentimentos e mentes a ponto de eliminá-las quando não atendem às suas exigências e

necessidades”.

É no interior da família que se observam as questões da desigualdade de gênero no que tange o trabalho doméstico e o cuidado que ficam as expensas da mulher, pois é comum a resistência dos homens para sua realização. Independe de a mulher estar em igualdade com o esposo no exercício de atividades remuneradas fora de casa, bem como na participação da manutenção da família, recai sobre a mulher a incumbência do trabalho doméstico e a responsabilidade sobre os filhos, os doentes, os idosos, os incapazes. Conforme Carvalho (2015, p. 22) “É o que se chama de a dupla ou tripla jornada de trabalho, o que sobrecarrega as mulheres e as coloca em posição de inferioridade no mercado de trabalho”.

Para a autora a desigualdade entre homens e mulheres também se faz presente no salário de ambos, sendo frequente a remuneração paga ao homem no exercício da mesma função ser superior ao valor pago à mulher. Inclusive há profissões caracterizadas pela maior quantidade feminina onde os salários são inferiores.

As oportunidades de emprego são maiores para os homens em várias profissões. Nas áreas científico-tecnológicas, onde há minoria de mulheres elas sofrem discriminação, têm dificuldade de inserção, não só no emprego, mas também nos cursos, onde o número delas não passa de 20%, por exemplo, nos cursos das engenharias. Consequência das dicotomias de gênero já analisadas, há uma ideia errônea de que as mulheres têm mais dificuldade para estudar matemática, disciplina básica dos cursos tecnológicos. (CARVALHO, 2015, p. 22)

É nessa perspectiva que os estudos de gênero, ciência e tecnologia dão visibilidade ao pôr em evidência o crescente número de mulheres que realizam pesquisas científicas em detrimento da visão androcêntrica que ainda se faz presente.

Para autora a criação de políticas públicas para incentivar a maior inserção das mulheres em carreiras científico-tecnológicas são estratégias que coíbem as históricas representações de estereótipos dicotômicos de gênero que estimulam o comportamento das meninas orientando-as para as áreas de letras e ciências humanas ao passo que aos meninos os estímulos são direcionados para as carreiras das ciências exatas e tecnológicas.

Carvalho e Casagrande (2011) afirmam, no que tange a construção de estereótipo de gêneros nas relações de trabalho produtivo e trabalho reprodutivo

Esta questão da divisão sexual do trabalho no âmbito das atividades do cuidado e trabalhos domésticos para as mulheres e o estabelecimento de que os homens, como provedores da família, devem se dedicar às atividades remuneradas no mercado de trabalho está sofrendo fortes transformações no mundo contemporâneo. (CARVALHO; CASAGRANDE, 2011, p. 28)

Para as autoras Carvalho e Casagrande (2011, p. 28) ainda que com toda a dificuldade sofrida pelas mulheres nas carreiras científicas, reflexão que pode ser aplicada às demais carreiras profissionais, “[...] Ao transgredirem as regras desta sociedade patriarcal e androcêntrica as mulheres cientistas conquistaram muitos espaços e foram abrindo caminhos para as futuras gerações.”

Partilhamos da concepção das autoras Carvalho e Casagrande (2011) ao enfatizar que a conquista pela igualdade de direitos das mulheres e os estudos de gêneros são a porta de entrada para o avanço e superação das mulheres dos velhos estereótipos dicotômicos de gênero, pois a medida que se compreende como se dão as situações de desigualdade, vêm à tona as modificações fundamentais para sua superação.

4 INTERPRETAÇÕES E ANÁLISES

Nesta seção buscaremos analisar a percepção das mulheres motoristas de ônibus acerca das condições de acesso e permanência, os tabus, os desafios e conquistas do exercício profissional no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana.

De acordo com informações referentes aos critérios postos para contratação de motoristas de ônibus para atuar no Transporte Coletivo Urbano de Curitiba e Região Metropolitana, é necessário que o/a candidato/a possua experiência como motorista de ônibus ou caminhão, possua Carteira Nacional de Habilitação - CNH D ou E com EAR e o Curso de Capacitação para Transporte Coletivo.

No que se refere a seleção dos/as candidatos/as, cada empresa possui exigências particulares, mas basicamente é necessário realizar o teste de legislação, ser submetido/a a avaliação psicológica; teste prático e treinamento prático com os instrutores da empresa, e por fim passar por treinamento teórico sobre normas da empresa.

Algumas motoristas no decorrer da pesquisa citam passagem pela **escolinha**, que seria **oportunidade** ao funcionário/a que manifestar interesse em participar do curso para treinamento e teste para promoção ao cargo de motorista de ônibus, desde que já possua a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) com classificação D ou E. Na referida escolinha as empresas de transporte oferecem o curso nos moldes de Escola de Formação em horário contrário ao do expediente dos/as funcionários/as interessados/as na formação.

As análises estão fundamentadas nas conceituações discutidas no referencial teórico e subsidiadas pela análise de conteúdo dos relatos, percepções e opiniões das mulheres entrevistadas.

No decorrer das análises identificamos as seguintes categorias: Ser Mulher, Ser Motorista de Ônibus?; Capacidade, Coragem e Atuação Profissional; Papéis Femininos e Papéis Masculinos; Direção e Cuidado; Espaço doméstico e o Cuidado por elas; Assédio Moral; Preconceito sem Disfarces e por último Conquistas e Desafios.

4.1 SER MULHER, SER MOTORISTA DE ÔNIBUS?

Mulheres trabalhando como motorista de ônibus, profissão marcada pela visão dicotômica e estereotipada de gênero, profissão que se enquadra no grupo de carreiras que, na visão de Kergoat (2002, p. 52), tratam-se de “[...] universo construído historicamente por e para os homens”, estando as mulheres, por muito tempo, afastadas desta ocupação. Surgindo daí o questionamento, ser mulher, ser motorista de ônibus?

Nas falas das entrevistadas sobre quais foram as influências para habilitar-se a dirigir veículos maiores e para a escolha da profissão, ficou evidenciado que não foram somente os homens que as inspiraram para conquistar a habilitação na categoria D ou E, bem como que a escolha profissional foi motivada por vontade própria ou ascensão profissional.

A³³: Foi influenciada para conquistar a Carteira Nacional de Habilitação D?

B³⁴: *Eu sempre gostei de dirigir né? Eu dirijo desde os dezoito anos né e meu irmão era motorista de... de ônibus e daí eu vi assim eu trabalhava num mercado né... no mercado Condor... e daí eu falei assim ah não eu vou crescer profissionalmente... e daí eu fiquei aí a seis anos dirigindo (Cravo)*³⁵

B: *Eu sempre tive desejo de ser motorista de caminhão... então corri atrás e troquei minha carteira... fui motorista de caminhão por um tempo e depois passei pro ônibus... sempre achei massa quem dirigia uma carreta... achava uma coisa.. sei lá.. de outro mundo assim... uma coisa tão grande e uma pessoa tão pequena conseguir levar aquilo lá... e assim foi meu objetivo de gostar mesmo (Jasmim)*

B: *Um desafio... Pra mim era um desafio... um desafio e uma admiração pela profissão né? Que me levou...a... buscar isso pra minha vida.... (Amarilis)*

O depoimento de Cravo evidencia que a busca pela profissão de condutora de ônibus representou a realização pessoal e o crescimento profissional. Para ela, esta era uma oportunidade de mudança de vida, de melhora das condições financeiras da família. Pode-se perceber que o irmão serviu de exemplo para que ela buscasse se inserir neste mercado de trabalho, embora ela não tenha falado isso de forma explícita. A fala de Jasmim converge para a argumentação de Cravo no que diz respeito a satisfação pessoal.

Por outro lado, Amarilis ressalta a questão do desafio pessoal, fato que também pode ser percebido nos depoimentos de Cravo e Jasmim. Para as três entrevistadas, a conquista da CNH D e E representou uma vitória.

No que se refere as eventuais influências na escolha profissional, Flor de Lis, Girassol e Rosa trazem em seus depoimentos, a importância de se ter modelos nos quais se inspirar para buscar a inserção no mercado de trabalho. O fato delas verem uma mulher conduzindo um ônibus fez com que elas sentissem vontade de fazer o mesmo e fossem em busca de preparação e capacitação. Esta percepção converge para o argumento de Lea Velho e Elena León (1998) acerca da importância dos modelos, de mulheres que estão na atividade para a percepção de que esta é uma carreira possível para as mulheres.

³³ A: Letra que se refere a fala da entrevistadora

³⁴ B: Letra que se refere a fala das entrevistadas

³⁵ Na transcrição das entrevistas se manteve fiel às falas das entrevistadas, sendo desconsiderada a norma culta da Língua Portuguesa no ato das transcrições.

B: *As duas coisas... primeiro eu vi as mulheres dirigindo... tinha uma vizinha minha que era motorista e ela ficava... ela trabalhava na C e ficava com o micro ônibus passando toda hora na minha frente... daí eu fiquei olhando né? pensando poxa... eu também poderia ser motorista né? como ela... e aí começou a chamar minha atenção... só que eu achava que era difícil né? mas aquela vontade aquele desejo enorme... daí um dia eu fui conversar com ela... daí ela falou que não que não era difícil... ela falou assim... você consegue tirar a carteira D em um mês? Eu falei consigo () em um mês eu tirei a carteira D foram trinta dias eu tirei a habilitação...daí ela preparou o currículo a empresa me chamou e eu fui trabalhando lá por um ano... por que eu queria pegar uma experiência pra poder entrar no transporte coletivo... aí depois de um ano eu entrei no transporte coletivo e tô hoje a quatro anos e meio (Flor de Lis)*

B: *Sim... na época a Eliane³⁶ que era... era... encarregada do trafego... minha vizinha (Girassol)*

B: *É que eu sempre tive paixão assim por... por estrada... por... por veículo grande... assim veículo forte... grande... E aí eu vi uma amiga minha Raquel que hoje ainda ela é motorista e eu me espelhei nela e falei taí uma profissão que... que eu quero exercer e vou lutar pra mim conseguir... E hoje sou uma motorista categoria E... posso dirigir os veículos maiores também né... E tamo aí feliz da vida (Rosa)*

Acerca da motivação das entrevistadas para a escolha da profissão de motorista de ônibus, no depoimento de Palma e Jasmim constata-se que consideraram a possibilidade de ascensão profissional e melhora no rendimento financeiro, o que corrobora ao proposto por Carvalho (2015) de que a autonomia financeira contribuiu para a libertação da mulher da dominação relacionada aos estereótipos tradicionais de gênero e financeira o que pode contribuir para posicionamento contrário às dicotomias de gêneros constituídas.

A: *O que te levou a escolher a carreira de motorista de ônibus?*

B: *Ah muita coisa... tipo eu era balconista de padaria e daí eu via os motoristas passar na frente com os ônibus.. eu achava interessante dirigir um carro daquele tamanho e eu tinha carteira de carro e moto mas eu não sabia dirigir carro ainda.. tipo só tinha a carteira e eu ficava pensando nossa deve ser muito interessante dirigir ônibus daquele tamanho... tem que ser muito inteligente e tal... e daí eu falei... sabe o que? Eu vou ser motorista de ônibus... **uma por que ganha mais que balconista** (Palma, grifos nossos)*

B: *No caso o ônibus... eu achei melhor do que o caminhão por que o caminhão eu carregava muito peso e o ônibus não.. é muita responsabilidade com o passageiro mas ele é menos pesado... não tem que carregar caixa nas costas e **pelo salário também que o salário do motoristas de ônibus é melhor** do que o motorista de caminhão(Jasmim, grifos nossos)*

Já para Gardênia a necessidade em aumentar o rendimento financeiro familiar foi de extrema relevância, vez que ela é a única provedora e responsável pelos/as filhos/as, desta maneira o aumento da remuneração e a autonomia financeira lhe permite proporcionar a

³⁶ Todos os nomes utilizados são fictícios.

subsistência e manutenção de toda família, o que, de certa forma, rompe com padrões patriarcais em que cabia somente ao homem ser o provedor do sustento e manutenção da família. Porém não se deve desconsiderar que junto com o avanço das mulheres chefiando suas famílias, há homens que se eximem de arcar com as responsabilidades de pai.

B: Foi a necessidade.... a necessidade e também a vontade né? Que era uma coisa que eu gostava de fazer... de dirigir... e também pela minha necessidade... o salário bom. Se você parar pra analisar... o nosso salário... o salário de motorista... eu sou mãe solteira... de 3 filhos... eu nunca tive pai dentro da minha casa... hoje essa oportunidade de mulher trabalhando como motorista é boa por que... o salário dela é um pouco maior... ela consegue administrar uma casa... ela consegue sustentar os filhos... ela não tem aquela dependência grande do marido... do homem... fez o filho nela... ela tem como sustentar a família isto é muito importante também... (Gardênia, grifos nossos)

Os depoimentos de Antúrio e Violeta acerca da escolha profissional corroboram a desconstrução de estereótipos dicotomizados de gênero e convergem para Lombardi (2006): mulheres atuando em áreas tradicionalmente masculinas, contribuiu para a desconstrução da imagem que os homens faziam das mulheres no campo acadêmico e posteriormente no mercado de trabalho.

B: Sim... pelos colegas de trabalho, eu comecei como cobradora de ônibus. (Antúrio)

B: Ah é que o meu pai antigamente né... antes dele falecer ele dirigia né? Daí eu adorava assim vê ele dirigindo ... adorava... daí (pensou) não... um dia eu vou ser motorista (Violeta)

Ainda, no que se refere a Antúrio, pode-se considerar que a desconstrução dos estereótipos de gênero nesta carreira profissional contribuiu para sua promoção ao cargo de motorista de ônibus.

4.2 CAPACIDADE, CORAGEM e ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Acerca da desproporcionalidade entre mulheres e homens contratado/as para trabalhar como motoristas de ônibus, os depoimentos de Rosa, Margarida e Gardênia demonstram que as mesmas se sentem em plenas condições para o exercício profissional, imbuídas de capacidade e coragem para a atuação profissional.

Nas falas destas motoristas fica evidenciado o sentimento de segurança, capacidade e aceitação pela população usuária, o que contribui para o crescimento da inserção feminina na

carreira. De acordo com a reflexão trazida por Carvalho e Casagrande (2011) apesar de toda a dificuldade sentida pelas mulheres ao adentrar em carreiras marcadas pela presença masculina, ultrapassar os limites impostos pela sociedade patriarcal e androcêntrica contribui para a conquista de mais espaços, bem como abre caminho para que outras também se insiram na carreira.

Gardênia ressalta o prazer, a satisfação de ver mulheres ocupando profissões predominantemente desempenhadas por homens. Demonstra estar ciente de que as coisas estão mudando, que mais mulheres tem adentrado aos diversos campos de trabalho.

*B: Eu acho assim que não deveria existir essa diferença... né? por caso que a gente também exerce a mesma profissão... **tanto homem quanto mulher e os dois são capacitados pra essa mesma profissão...** então devia ser... sem ter essa diferença né...(Rosa, grifos nossos)*

*B: Eu acho assim que eles pensam que a mulher não é capaz... né... de fazer o que o homem faz... mas **a gente tá mostrando que a gente é capaz sim** não só como motorista como outras áreas que a gente é capaz... eu acho que qualquer pessoa é capaz de tudo (Margarida, grifos nossos)*

*B: Na época... quando eu entrei trabalhar como motoristas lá atrás eu me sentia assim... é... **uma maçã numa caixa de limão né? Hoje... hoje tá diferente...** hoje em qualquer lugar que você for tem a mulher.. no taxi né? Nos ônibus nas carretas... em tudo tem mulher.. você vai pegar um voo ali quando você vai ver... a piloto... a piloto do avião é uma mulher... entendeu? (Gardênia, grifos nossos)*

O depoimento de Flor de Lis destaca a boa receptividade por parte dos usuários do transporte e que a inserção das mulheres nesse campo de trabalho se dará de forma gradativa o que converge para o relato de Tulipa, no entanto, Tulipa não descarta as tensões durante esse processo para se alcançar igualdade entre motoristas masculinos e femininos.

*B: Eu acho que é uma questão de tempo... logo vai ter muitas mulheres no transporte coletivo... tem aumentado muito... por que é mais homens é por que as mulheres estão se manifestando aos poucos mas elas estão adorando elas estão aderindo a essa profissão... então é uma questão de tempo você só vai ver mulher dirigindo... tá aumentando muito rápido as pessoas tão gostando... **é os próprios usuários passageiros gostam...** se sentem bem né? (Flor de Lis, grifos nossos)*

*B: Ah eu acho que na verdade não faz muito tempo né que **a mulher tá conseguindo esse espaço** assim agora... isso aí é questão de... de tempo pra já ficar um... um nível certo entre os dois né? Mas ainda pra isso a gente vai sofrer bastante ainda... Infelizmente (Tulipa, grifos nossos)*

Constatamos opiniões antagônicas no que se refere a percepção das entrevistadas a respeito da desproporcionalidade entre as mulheres e homens motoristas de ônibus.

Begônia atribui a falta de encorajamento das mulheres pela baixa inserção nessa área,

porém avalia existir igualdade de capacidade para ambos os sexos e vê com otimismo a diminuição da desproporcionalidade, o que converge com a opinião de Jasmim ao considerar que as mulheres também tem a mesma capacidade que os homens para dirigir ônibus.

*B: Eu acho... eu acho que a mulherada tem que se encorajar mais... por que... quem gosta claro... tem que... tem que... **os homens são capazes mas nós mulheres somos muito mais**.... pelo número como vem aumentando daqui a um tempo essa diferença vai tá muito pequena... a cada ano tem aumentando o numero de motoristas femininas... As empresas aparentemente... eu vejo faz uns dois ou três anos... uma grande quantidade de mulheres principalmente a noite... nas empresas vizinhas... um aumento bem maior... mesmo por que o número de cobradoras que querem ser motoristas hoje tá sendo bem maior dentro das empresas.... essa oportunidade era somente para os homens.. por isso o aumento da mulherada também (Begônia, grifos nossos)*

*B: Olha dificuldade... acho que seja elas não ter carteira né? Eu não sei se é coragem.. acho que é gostar.. e acho que não é todas as mulheres que... acha que são capazes de fazer.. acho que é isso que dá essa diferença de muito homem e poucas mulheres né? Acho que seria mais a capacidade de achar que não é capaz... **mas eu acredito que todas são** (Jasmim, grifos nossos)*

Nos depoimentos das motoristas Dália e Rosa atribui-se a falta de coragem o motivo pela assimetria entre os/as motoristas contratados/as para dirigir ônibus e não fazem menção de capacidade nas demais mulheres para adentrar na profissão.

*B: Pois é... eu acredito... a minha empresa mesmo eles contratam mulher sem problema... nós somos duzentos e poucos motoristas... estamos em nove mulheres... eu acho que é mais a falta da mulherada querer mesmo... tipo.. **é uma profissão que você tem que ter meio coragem**... ah umas falam você é corajosa... você tem que gostar de dirigir.... né? Então eu acho que é por isso mas as empresas hoje em dia contratam tranquilamente... tendo a carteira... experiência né? (Dália, grifos nossos)*

*B: A falta de mulheres nessa profissão é que **muitas mulheres não tem coragem** de enfrentar o trânsito e veículos de grande porte... muitas delas me perguntam se eu não tenho medo de dirigir um veículo desse tamanho porque elas falam que não tem coragem de assumir nem carros pequenos... pior os maiores aí eu respondo que é melhor dirigir um ônibus que carro pequeno por isso há um grande número de mulheres que não se habilitam aí se torna um número menor que a quantidade de mulheres nessa profissão. Por isso há uma grande diferença de mais homens que mulheres (Rosa, grifos nossos)*

Por outro lado, nas falas de Girassol, Cravo, Palma e Gérbera, percebe-se que a justificativa pela desproporcionalidade entre os/as motoristas é atribuída às outras mulheres por motivo de falha, culpa, acomodação ou falta de garra.

Destarte, além da falta de coragem que de forma geral todas motoristas verbalizaram, nos relatos de Girassol, Cravo e Palma, evidencia-se a culpabilização das mulheres por

motivo de medo, porém nos depoimentos não é possível determinar as causas do medo.

A: O que pensa a respeito da desproporcionalidade entre motoristas mulheres e motoristas homens?

B: *Olha é uma diferença grande só que eu acho que é **falha das mulheres** por que a maioria tem **medo**... é falha delas mesmo (Girassol, grifos nossos)*

B: *Ah eu acho que eles teriam que ter mais... não sei acho que... as vezes é um pouco **nós mulheres que somos culpada** né? Por que as mulheres não deveriam ter medo mais muitas tem **medo**.(Cravo, grifos nossos)*

B: *Ah... mais na verdade vai das mulheres querer né? As mulheres são muito **medrosas** né? elas falam até queria... mas queria não... pega e vai em frente... mete a cara eu falo pra elas.. pra colegas minhas.. eu falo nossa eu era muito ruim eu não sabia nada eu não tinha noção nenhuma.. eu só queria... eu fui atrás e consegui... acho que falta um pouco de persistência né? **Acho que são meio acomodadas** né? (Palma, grifos nossos)*

B: *Não... tendo experiência... tendo experiência é contratada... mas caso contrario... não ah é mulher não não vamo contratar por que é mulher não... isso não impede em nada... eu acho assim que as mulheres tem que tentar mais... como tem poucas mulheres que tem vontade... tem muitas que tem vontade mas não tem coragem... então tem que tentar mais.. **as mulheres tem que ser mais guerreiras** (Gérbera, grifos nossos)*

Ainda acerca da assimetria entre os/as motoristas contratados/as, Amarílis e Flor de Lis em seus depoimentos atribuem aos/as trabalhadores/as dos setores de Recursos Humanos (RH) e encarregadas/os pelo processo de seleção dos/as profissionais/motoristas para admissão nas empresas de transporte, em sua maiorias trabalhadoras do sexo feminino, a responsabilidade pela criação de empecilhos e desproporcionalidade entre homens e mulheres contratados/as para exercer o cargo de motorista de ônibus.

A postura dos/as agentes de seleção e do RH das empresas relatadas pelas entrevistadas, ao discriminar as candidatas pela condição de mulher, convergem com as proposições de Lima (2013) sobre um dos obstáculos do labirinto de cristal, neste caso o sexismo, cuja constituição se dá de acordo com as construções culturais que definem papéis e posições de acordo com cada sexo.

B: *Talvez preconceito... não digo a empresa em sí talvez quem esteja lá pra contratar... eu vou falar bem sincera pra você... eu acho assim... **tem a psicóloga** né? **que geralmente é mulher.... tem o RH que as vezes é mulher... e tem mulher que não quer ver uma mulher num ônibus**... eu acredito que preconceito não só por parte dos homens mas também por parte das.... do quadro feminino que toca uma empresa (Amarílis, grifos nossos)*

B: *A princípio pelas mulheres é um pouco mais difícil.. não sei o porquê.... **quando é uma mulher que vai te entrevistar... é... eu não sei se elas tem um pouco de receio** o que que é... mas com homem é bem mais fácil ser contratado.... mas as empresas*

elas vê a gente com bom olhos assim pra dar oportunidade de trabalho... mas no caso sendo uma mulher te entrevistando eu não sei por que que fica difícil eu já... eu recebi não já de mulheres... entendeu? Quando são mulheres que estão me entrevistando mas última vez que eu conversei com a psicóloga ela falou que o trabalho não era pra mim... ela falou pra mim não esse trabalho... não é pra você... você é tão delicada e tal... e começou a dizer por ser uma psicóloga... eu falei não é pra mim sim eu tenho certeza do que eu quero esse é o meu objetivo e se você me fala não aqui agora eu não vou desistir eu vou continuar tentando mas não vou desistir.. aí pronto ela me olhou com aqueles olhos assim saltados e me contratou... foi bem assim... então mostrando pra ela meu objetivo que eu tinha foco e clareza ela se sentiu segura e me contratou (Flor de Lis, grifos nossos)

No depoimento de Flor de Lis pode-se perceber que a determinação dela fez com que a psicóloga mudasse de opinião, ou seja, ela precisou demonstrar, além de capacidade, muita determinação para conseguir a vaga, também é possível atribuir à psicóloga responsável pela seleção um comportamento misógino:

... última vez que eu conversei com a psicóloga ela falou que o trabalho não era pra mim... ela falou pra mim não esse trabalho... não é pra você... (fragmentos do depoimento de Flor de Lis, grifos nossos)

Já no depoimento de Dália fica evidenciado que a desproporcionalidade entre contratados/as é provocada por algumas empresas que são resistentes na contratação de mulheres para o cargo, o que converge com o depoimento de Cravo porém com a ressalva de que a persistência da mulher é preponderante para adentrar na profissão.

B: Na empresa onde eu trabalho não... mas tem empresas por exemplo essa empresa da T. ele já deixou bem claro quando ele comprou a nossa empresa que mulher ele não contrata... ele só tem uma mulher lá por que veio da viação mercês... eu acho que é discriminação né? Por que a gente faz o trabalho tanto quanto o homem até melhor (Dália, grifos nossos)

B: Mas um pouco é a empresa que não dá chance para as mulheres... quantas cobradoras que querem ser motoristas e ficam lá na fila lá.. tão na fila pra passar pra motorista e eles não dão oportunidade... primeiro os homens depois as mulheres.... mas se elas não baterem o pé que querem.. eu comecei numa van.. daí da van eu fui pro micro ônibus e do micro ônibus fui pro ônibus e daí fiquei só no ônibus.. então.. a gente tem que bater o pé.. que cê que por que cê que... mas é difícil conseguir uma vaga. (Cravo, grifos nossos)

4.3 PAPÉIS FEMININOS, PAPÉIS MASCULINOS

Buscaremos desvelar a percepção das entrevistadas acerca do processo de contratação e ocorrência de empecilhos baseados no sexo ou gênero para o acesso e

permanência no trabalho de motorista de ônibus.

No que se refere aos estereótipos dicotomizados de gênero, definir padrões entre papéis masculinos e femininos na concepção de Louro (1997) resultaria em análise redutora e simplista ao desprezar as múltiplas formas que se dão as masculinidades e as feminilidades e promoveria a hierarquização entre os gêneros pelas formas com que as redes de poder atuam.

Na percepção de Girassol o processo de seleção não trouxe dificuldades, por ser igual ao aplicado aos candidatos homens.

*B: Olha... eu não tive dificuldades não... **foi um teste como o dos homens... não é nada fácil né?** Eu já era motorista só que não teve diferença não igual dos homens... mais não foi nada tão sério assim não (Girassol, grifos nossos)*

No depoimento de Cravo ela aponta discriminação no processo de seleção por ser mulher, Cravo atribui ao fator sorte sua contratação como motorista.

*B: **Que nem eu te falei... a gente foi lá a gente fez entrevista com... tinha trinta homens e duas mulheres né... e você tá ali... trabalhando assim... tentar... é tipo assim eu acho uma discriminação né por que é duro... como que eu posso te dizer?... eles não vê a mulher como uma profissional como... eu acho que... foi muita sorte eles terem... por que tinha muito homem e pouca mulher.. né?... eu não sei como te explicar (Cravo, grifos nossos)***

Nos depoimentos de Tulipa e Antúrio evidencia-se a resistência dos/as contratantes na admissão pelo fato de serem mulheres, o que converge com o argumento de Carvalho (2015) de que a separação entre homens e mulheres, bem como o estabelecimento de atributos predeterminados para cada um/a, são frutos de uma construção histórica que se perpetua de modo inflexível e quando estes/as fogem as regras, podem ser vítimas de preconceito e discriminação em ambientes conservadores.

*B: **Na verdade foi bem complicado assim por que eles não queriam pegar devido a idade né? e por ser mulher assim eles ficaram muito com receio no começo assim por que eu era mais nova assim... eles pegavam só a partir dos trinta... trinta e cinco mais ou menos e eu na época tinha vinte e três então pra mim foi bem difícil pra mim entrar... daí a gente sempre conversa de um lado conversa do outro né? e graças a Deus que eu consegui entrar... e eu demorei quase dois anos pra conseguir entrar... eu entrei como cobradora e participei daquele processo do tempo da escolinha³⁷ tudo... daí a gente faz um teste pra ver se tá apto pra passar ou não... (Tulipa, grifos nossos)***

³⁷ A passagem pela escolinha, é a oportunidade, ao funcionário/a que manifestar interesse, de participar do curso para treinamento e teste para promoção ao cargo de motorista de ônibus, desde que já possua a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) com classificação D ou E. (sic)

*B: A Santo A. mesmo não... não não deixou eu ser motorista lá.... fiquei vinte dias como motorista.... lá não é escolinha uma vez por semana.. lá era todo santo dia das duas as cinco horas da tarde a escolinha lá... de segunda a sexta... eles davam escolinha e todo um suporte.. fiquei vinte dias na escolinha... até que o professor falou que.. ele era um pau mandando e **que acima dele não queria nenhuma mulher no volante**.. pediu desculpa pra mim e disse que estava me dispensando... daí... a turma da N. S. L. que me conhecia acharam errado por que né? Nós um grupo do Santo A. fomos para o N. S. L. e teve um motorista que chegou e falou pra mim assim... todo mundo diz que você dirige bem mas o professor dispensou você... vamos vê se é **só por que você é mulher mesmo**... chegou e me entregou o Inter. II na minha mão.. nos tava indo colocar no terminal do Cabral daí ele só mandou eu tirar o boné que toda a vida eu usei boné.. pra ninguém me reconhecer no volante né por que não podia fazer isso... ele só falou assim direita esquerda... entra a direita.. daí antes de chegar no terminal ele mandou eu estacionar o carro eu estacionei... daí ele falou pra mim assim.. é bem que a turma falou... que o errado era o professor não é você não.. **eles não querem você mesmo por que você é mulher**. (Antúrio, grifos nossos)*

Ainda no que se refere a percepção das entrevistadas acerca do processo de contratação e empecilhos baseados no sexo ou gênero para o acesso e permanência na profissão. Nos depoimentos de Cravo e Amarílis, denota-se que posturas discriminatórias das empresas contratantes são recebidas com naturalidade pelas interlocutoras, ao defenderem que os/as contratantes deveriam perguntar se a candidata pode ter filhos? Desta forma a entrevistada está concordando que as mulheres que podem e querem ter filhos, não devem ser contratadas como motorista, ou seja, a maternidade na concepção de Cravo, pode ser utilizada como critério para a não contratação de mulheres.

*B: Eu acho que eles pensam muito por que... **vai engravidar vai ficar fora... eu acho que deveria ter uma pergunta lá.. você pode ter filho?** Você não pode ter filho? Por que acontece não vou dizer que não acontece né? Muitas mulheres estão trabalhando e engravidam é normal né? É normal. tanto em qualquer profissão.. mas eles pensam muito nisso.. eu acho né? Não sei.. na minha opinião... eu falo assim como eu sou operada.. devia ter lá quando você vai fazer o questionário devia ter.. operada? Pode ter filhou não? Por que isso eu acho que já ajudaria por que eles ficam... eu acho que eles tem medo né? (Cravo, grifos nossos)*

*B: Eu acho que sim... assim... eu acho que... **por medo talvez da mulher engravidar... medo de... trazer problemas pra empresa** por que... mulher as vezes eles dizem que é sexo frágil o que não acaba sendo.. as vezes é o homem mesmo que vai lá e... enfia atestado na empresa... mas acho que hoje em dia as empresas de ônibus eles pensam muito nisso... mulher vai engravidar...é... vai ficar afastada... vai ficar enjoada durante a gravidez... e vai ter que ir pra outro lugar e não pode mandar embora (Amarílis, grifos nossos).*

No que se refere as relações de gênero baseadas na subordinação aos homens e nos estereótipos de gênero, os depoimentos de Margarida e Antúrio convergem para Kergoat (2002) a qual assevera que as relações sociais entre homens e mulheres nos diversos campos, são permeadas por tensões que fundam novos modos de viver em sociedade, destarte tais

confrontos são permanentes entre os homens e mulheres. Referidos relatos apontam a postura de homens motoristas que em detrimento das mulheres motoristas, escolhem os melhores itinerários e ônibus para trabalhar, não se preocupando em ser colaborativos com as novas contratadas e sim se aproveitam das dificuldades apresentadas pelas motoristas ou as induzem ao erro para serem demitidas.

A: Margarida comenta a respeito do comportamento dos motoristas que indicam as linhas/itinerários que tem os ônibus mais antigos, para testar a capacidade das mulheres.

B: Ah quando a gente passou né? Pra... motorista a gente não pega linha boa não... a gente pegava ônibus muito ruim tinha ônibus que não subia subida você cheio de gente no ônibus... é.. foi... foi difícil... mas a gente conseguiu sabe? E tá tudo certo agora... mas no começo... é difícil... e você prestar atenção em tudo assim sabe? Nossa... você fica... no começo é difícil mas depois passa.

A: Você acha que eles escolhem a linhas que tem os ônibus mais antigos, para testar a capacidade das mulheres?

B: Ah sim... tem muitos homens motoristas lá na empresa que são velho de casa eles falam... com esse eu não vou trabalhar... eles escolhem... esses num vô trabalhar... e a gente pega e vai

A: De alguma forma eles conseguem ter mais privilégios?

B: Sim tem... principalmente mais velhos né? Que bate o pé e fala que não vai não vai e você tem que ir.. é assim (Margarida)

B: ... já aconteceu dos colegas chegar em mim (...) falar não vai pra tal linha por que tal linha é assim assim... e chegar lá e tava escalada pra tal linha e eu bater de frente com o chefe por que o chefe queria que eu fosse pra aquela linha mas os colegas de trabalho já diziam que pra mim não ia dar certo por que era longe.. se chover você não consegue voltar por que o carro fica parado... não pega telefone não ia ter como avisar.. então era linha fora....(Antúrio)

A: Você acha que por ser mulher eles indicam as piores linhas?

B: Eles tentam colocar pra ver se você dá o erro pra ser dispensado (Antúrio)

No depoimento de Antúrio pode-se perceber que os colegas tentam alertar para as dificuldades de determinadas linhas, demonstram preocupação com a colega, no entanto essa solidariedade não é percebida nos comportamentos dos chefes.

Os depoimentos de Tulipa, Cravo e Amarílis retratam situações em que elas preferem ficar indiferentes às intimidações para evitar conflitos, o que conflui para a fala de Antúrio ao relatar que muitos homens motoristas não aceitam a presença de mulheres na profissão. Porém, estes depoimentos evidenciam que elas percebem o preconceito que sofrem e que desenvolvem estratégias para se proteger e permanecer na profissão.

A: Como é seu relacionamento com os motoristas de ônibus do sexo masculino?

*B: Olha na verdade isso daí... é... esse desrespeito que a gente vê é no trânsito mesmo ou você vê uma conversinha ou outra... uma tiraçãozinha de sarro assim sabe? **mais a gente procura levar na maior tranquilidade né? por que se a gente for levar tudo na ponta do lápis a gente sabe que.... dá confusão né?** (Tulipa, grifos nossos)*

B: *Não assim sempre... é tipo assim... fora as piadinhas né? Eu sempre fui bem respeitada. Vários colegas me conhecem como motorista sabem que eu sou profissional mais é duro você lidar com os motoristas você tem que entrar na deles você não pode baixar a cabeça por que eles tiram sarro... por que ah que você não consegue... tipo assim cê vai limpar fogão... tipo sempre tem as piadinha dos homens né? E não é fácil... cê tem que cê firme ali... tem que fingir que você não escuta né? (Cravo, grifos nossos)*

B: *Alguns vai bem outros não... as vezes eles meio que... querem intimidar sabe? Por ser mulheres eles acham assim que... a gente vai... eles vão intimidar e você vai ter medo... isso acaba criando um atrito.... então alguns eu me dou super bem outros é indiferente pra mim (Amarílis, grifos nossos)*

B: *Noventa por cento hoje é sossegado... mas ainda tem dez por cento ainda que não aceita nós mulheres... próprio colegas de trabalho (Antúrio, grifos nossos)*

Os depoimentos anteriores de Margarida, Antúrio, Tulipa, Cravo e Amarílis corroboram o argumento de Carvalho (2015, p. 18) de que, apesar das transformações sociais e alterações no comportamento nas relações de gênero, ocorridas na sociedade atual, certos estereótipos permanecem como referência para a vida social.

4.4 DIREÇÃO e CUIDADO

A categoria cuidado se faz presente na maioria das falas das entrevistadas no que se refere à atuação profissional e também com relação ao cuidado doméstico e com entes familiares.

Para Tronto (1997) a definição do cuidado de acordo com o grau de importância, serve para ilustrar a forma como o cuidado relacionado ao gênero é entendido através das mais variadas práticas sociais em cada sociedade. Destarte refuta a incumbência dos cuidados somente às mulheres, pois nessa perspectiva, os homens seriam privilegiados a se ocupar de tarefas consideradas mais importantes.

A ênfase ao cuidado é uníssono nos depoimentos da maioria das motoristas, para Camélia, Violeta, Jasmim, Gérbera e Crisântemo, a prática do cuidado é o que as diferencia dos motoristas homens no ato de dirigir. Na percepção delas, o cuidado é uma qualidade que se evidencia no trabalho das motoristas.

A: *Você percebe diferença considerável no exercício profissional entre os motoristas do sexo masculino com as motoristas do sexo feminino?*

B: *Homem dirige mais rápido... assim né? Mas também dirige bem e **mulher dirige com mais cuidado**... mas os dois dirigem bem (Camélia, grifos nossos)*

B: *Ah sim né? Mulher é mais tranquila né? Ela é mais calma... **ela dirige mais***

delicado não é afoita... eu por exemplo não sou... eu vou bem de boa... onde dá pra ir a gente vai onde não dá não vai... vai tranquila.. (Violeta, grifos nossos)

B: *Acho que a **mulher é mais cuidadosa**... sem dúvida... pra mim é essa diferença que tem.. que a gente é mais cuidadosa (Jasmim, grifos nossos)*

B: *Ah... **mulher é mais cuidadosa né**... mulher é mais atenciosa... dirige com mais calma do que homens (Gérbera, grifos nossos)*

B: *[...] **empresas que tem mulheres trabalhando contando os carros que trabalham... são menos quebras são menos problemas que tem de oficina né? Então eu acho que as empresas acham que elas são mais cuidadosas**... [...]* (Crisântemo, grifos nossos)

Nos relatos de Lírio, Rosa e Palma a prática do cuidado vem atrelada aos elogios dos usuários do transporte coletivo urbano, o que para elas é algo a mais que as diferencia dos motoristas homens no ato de conduzir os ônibus.

B: *No jeito de conduzir o que as pessoas comentam é que as **mulheres são mais atenciosas**... dá menos número de acidentes (Lírio, grifos nossos)*

B: *Muita diferença... Eles não querem admitir mas as mulheres tem mais... mais é... delicadeza... **até os passageiros falam** que a mulher ela tem um comportamento mais diferente... a atenção dela também é mais diferente... elas prestam muito mais atenção... não que eles não sejam..., **mais a mulher são muito mais cuidadosa**... tanto é que no Ibope que tem aí... até mesmo o seguro dos carros é mais barato pra mulher por que acidente com mulheres é muito que difícil acontecer e a maioria dos acidente tanto nos ônibus tanto nos carros a maioria e dos homens (Rosa, grifos nossos)*

B: *olha... eu vejo por mim.. **todo mundo me elogia.. todo mundo fala ah que bom que é uma motorista mulher** por que daí não dá soco... não pula lombada... e realmente as vezes eu pego ônibus com homem e sento no fundo quase me quebram.. esses dia nossa eu tive que falar umas boas pra ele por que tava difícil... passava lombada dava aqueles pulos super alto... era freiada... tipo assim uma hora o motorista freiou no ligeirinho a gente foi todo pra frente... quase me machuquei e o pessoal... de repente de novo... daí eu falei puxa vida... uma vez até acontece agora duas vezes três vezes... é falta de atenção do motorista... **se ele viu que deu uma freada brusca já ele tem que cuidar pra não dar a segunda**... né? E daí já pensei... já é falta de atenção da parte dele (Palma, grifos nossos)*

Para além da condução dos ônibus, nos depoimentos de Tulipa, Gardênia e Amarílis, a ênfase está no cuidado dispensado para com os/as usuários/as do transporte coletivo e em especial com a população idosa. Referidos depoimentos denotam que elas conseguem se colocar no lugar do outro. O que converge para Arango (2016) no qual o cuidado são disposições pessoais que fazem menção à responsabilidade que temos com os outros e à nossa capacidade de reconhecer suas necessidades.

B: *Então... o que eu... o que eu percebo bastante é... em relação a **cuidado com arrancada e com buraco**... eu particularmente eu **cuido bastante por que a linha***

que eu faço tem bastante pessoas de idade e tem que ter uma certa paciência e... a maioria dos companheiros não tem essa paciência e eu aprendi a ter essa paciência e gostar disso assim sabe? É... mais em relação eu acho que é isso... mais arrancada em relação a... assim sabe? De... de ser um pouco mais brusco assim certas coisas assim que a gente é um pouco mais delicada e cuidadosa... não que eles não tenham capacidade claro que tem mas a gente consegue enxergar um pouquinho a mais que eles né?(Tulipa, grifos nossos)

*B: Hoje eu tenho bastante elogio principalmente o idoso elogia um monte se deixar eles vem e abraça até... assim querem fica pertinho alí da gente... na verdade a mulher tem uma carisma maior... do que um homem... né?... você bate o olho numa pessoa idosa, numa gestante, criança, mulher com criança... **ai e você já se sente super protetora... tem que proteger por são e eles são né?** ... eles sentem isso, que a gente cuida melhor do que o homem... o homem já põe o pé no volante.. no acelerador ele não quer nem saber quem entrou (Gardênia, grifos nossos)*

B: ... eu mesma gosto de carregar as pessoas de idade... os velhinhos gostam de andar comigo. Na hora de dirigir a mulher é muito mais cuidadosa, assim... é o que eu escuto alí, tem muitas pessoas que entram e diz... principalmente os mais idosos... olha hoje a gente vai ser mais cuidado... por que está dirigindo é uma mulher... tem muita gente que diz... nossa você dirige super bem... vocês tinham que ensinar os homens dar aulas pra eles homens (Amarílis, grifos nossos)

Para Petúnia a peculiaridade do cuidado compõe a essência feminina e contribui para o exercício profissional das mulheres. O que diverge da argumentação de Carvalho (1999) que recomenda que haja qualificação para o exercício do cuidado, vez que o cuidado não é instintivo, as mulheres não são necessariamente maternais e tal qual como ocorre no campo educacional problematizado por Carvalho (1999), não basta saber cuidar de crianças para ensinar é preciso aprender formas de se lidar com elas.

B: Totalmente... totalmente... eu acho que não sei se é por que a mulher ela já tem isso com ela mesmo... mas o cuidado é diferente... a responsabilidade é diferente... a maneira de manejar as coisas é diferente...eu acho que existe essa... até por isso que tá crescendo o mercado de trabalho né? Eles tão vendendo realmente que a mulher tem compromisso com aquilo que ela faz... faz com responsabilidade e isso que tá abrindo as portas pra gente... ela tem aquela responsabilidade de fazer o trabalho dela (Petúnia, grifos nossos)

4.4.1 Espaço doméstico e o cuidado por elas

A questão do trabalho doméstico e o cuidado com entes familiares de acordo com os depoimentos prestados são despendidos somente pelas mulheres, exceto para Camélia que refere contar com a auxílio do esposo, ou seja, a responsabilidade é dela mas o marido ajuda. De acordo com Hirata e Kergoat (2007, p. 597) acerca da divisão sexual do trabalho, as autoras criticam a invisibilidade do trabalho doméstico ao ser efetuado gratuitamente pelas mulheres, vez que esse trabalho não é realizado para elas mesmas e sim para outros “e sempre

em nome da natureza, do amor e do dever materno”

B: A minha casa é normal... (Camélia)

A: Recebe ajuda de alguém no trabalho doméstico?

B: Meu marido me auxilia (Camélia)

As motoristas Antúrio, Cravo e Begônia relatam ser as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico e cuidado com os filhos/as o que corrobora a proposição de Carvalho (2015) de que as questões da desigualdade de gênero no que se refere ao trabalho doméstico e o cuidado, são observadas no interior das famílias ao ficar às expensas da mulher, sendo comum a resistência dos homens para sua realização.

A: Qual é a jornada de trabalho em casa?

*B: Ah em casa é... mãe filha... né? a gente é mãe... filha... **do lar cozinheira lava... motorista particular** (Antúrio, grifos nossos)*

*B: Também a rotina... **é uma rotina normal porque você... que nem eu tenho dois filhos eu tenho que cuidar dos filhos eu tenho que levar pra escola... eu tenho que fazer almoço tenho que tipo... limpar a casa e coisarada que nem até meio dia depois sair pra trabalhar é cansativo né?**(Cravo, grifos nossos)*

*B: Umas dez horas (risos)... **Minha jornada começa cedo, meu filho vai pra aula as 6:30... mãe é mãe né?** (Begônia, grifos nossos)*

Rosa refere exercer todo o trabalho doméstico sem auxílio de outras pessoas, para Violeta a conciliação entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado é tranquilo.

*B: Aí a gente dá continuidade né... **Daí chega em casa... tem tudo pra fazer... digamos que eu vou descansar lá por umas dez e meia onze horas por aí** (Rosa, grifos nossos)*

*B: (Risos) Em casa tem que ajeitar né? tem que... tentar **conciliar as coisas... mas tranquilo...**(Violeta, grifos nossos)*

No depoimento de Palma infere-se que a sobrecarga dos afazeres domésticos está atrelada aos cuidados dispensados à sua mãe que está acamada com sequelas de Acidente Vascular Cerebral (A.V.C). Percebe-se que, na fala de Palma, o marido só chega em casa em sua companhia e depois desaparece. Cabendo somente a ela ter que se dividir para cuidar da mãe e de sua casa, inexistindo qualquer tipo de divisão do trabalho doméstico com o marido.

O relato de Palma converge para os argumentos de Carvalho e Casagrande (2011, p. 27) de que a posição das mulheres na divisão sexual do trabalho está em desvantagem, pois o

movimento das mulheres para o mercado de trabalho não proporcionou “[...] movimento dos homens para dentro da esfera privada, no âmbito dos cuidados com os filhos, doentes, idosos e a realização dos trabalhos domésticos”.

B: Ai em casa... agora no momento tá bem puxadinho... por que deu AVC na minha mãe... e daí eu chego em casa a noite né? eu chego em casa que eu espero meu marido que também é motorista... aí ele chegava em casa nove horas da noite nove e meia... aí eu chego vou trocar a mãe que ela tá usando fralda.. troco a mãe vejo se ela comeu.. faço um pouco de companhia pra ela... daí vejo que tá tudo certinho com ela... que ela mora na frente da minha casa no mesmo quintal... daí eu vou pra casa... tomo meu banho faço janta... vou colocar a roupa pra lavar... roupa pra passar... vou dormir uma hora da manhã... tenho mais irmãs.. só que daí tem uma que mora com a mãe só que pra ela fazer tudo sozinha não dá né? Ela já fica o dia inteiro com a mãe... tem uma irmã minha que mora meio longe ela vem mais no dia da folga dela fazer as coisas.. daí cedo eu acordo sempre... sete oito horas da manhã... pra ir lá trocar a mãe né? Vou troco ela dou café da manhã... daí venho pra casa faço algum servicinho rápido aí tem que lá tentar ajudar fazer fisioterapia nela... em casa... por que a ambulância do sindicato que eu sou sócia tava indo buscar mas faz um mês que estragou.. aí eu que tenho que fazer exercícios na mãe pra não travar os músculos dela né? E daí tomo banho tal... onze horas tô saindo de casa pra vir trabalhar... é bem puxado (Palma, grifos nossos)

Concernente ao cuidado no espaço doméstico, Dália e Gardênia relataram a necessidade de conciliar o trabalho doméstico e cuidados dos filhos pequenos com a carga horária do exercício profissional, o que converge para o argumento de Carvalho (2015) acerca da dupla ou tripla jornada de trabalho enfrentada pelas mulheres que as sobrecarregam e as colocam em posição de inferioridade no mercado de trabalho.

A: Foi influenciada para conquistar a Carteira Nacional de Habilitação D?

B: Na verdade foi ah... mais por causa de carga horária de trabalho na época... eu trabalhava no RH trabalhava das oito da manhã as seis da tarde e motorista de ônibus trabalha só seis horas... e daí como eu tive filho e precisava de alguém pra cuidar pra mim tava difícil aí eu quis mudar fui... meu marido já era motorista de ônibus na época me ajudou me influenciou e foi... tô aí vai fazer onze anos... eu tenho vinte e dois anos de empresa e a própria empresa me deu oportunidade... na minha época não tinha escolinha... daí acredite se quiser eu fui conversei com meu chefe na época ele falou que eu era louca... né? Por que eu era uma das primeiras a dez anos atrás onze... aí eu falei pra ele... já tinha tirado a carteira... falei você me dá a oportunidade... () o motorista meu marido me ensina.. e se o senhor me autorizar ele vai andar comigo aí uma vez por semana... duas... ele me autorizou... hoje acho que não fazem mais isso mas nas época... foi o que eu fiz (Dália, grifos nossos)

A: Há quanto tempo está na profissão?

B: [...] eu senti uma vontade tão grande de mudar não pra caminhão mas pra ônibus.. daí eu já fui lá e troquei de carteira e assim () fiquei lá um tempo dirigindo caminhão durante o dia por que eu tinha criança .. aí na empresa aonde minha irmã trabalhava precisava de um motorista pra entregar marmitta com a Kombi... e minha irmã indicou eu... era pouco tempo durante o dia por que eu tinha criança pequena também.. aí eu ia e só entregava as marmittas e duas e meia

*três horas eu já estava indo embora.. era um serviço rápido mas eu adorava fazer..
(Gardênia, grifos nossos)*

Também no depoimento de Dália destaca-se que além do trabalho doméstico e cuidado dos filhos/as, ela trabalha como cuidadora de uma criança para reforçar o orçamento doméstico.

*B: Casa... filhos e ainda cuido de uma menininha pra ganhar um dinheirinho extra
(risos) (Dália)*

Já no relato de Antúrio houve a necessidade de anular a carreira profissional, devido a impossibilidade em associar o cuidado com a filha doente com o exercício profissional. De acordo Bruschini (2000) as desigualdades nas relações de gênero construídas historicamente pela cultura patriarcal de dominação e subordinação acerca do trabalho na esfera doméstica e familiar é o que mais afeta o trabalho feminino quando há filhos pequenos.

*A: Como se deu o processo de contratação como motorista de ônibus?
B: [...] daí a empresa mudou de dono e eu já estava em processo pra ser motorista.
Tive problema de saúde com a minha filha bem na época, daí eu tive que escolher ou a saúde ou o que eu queria. Daí eu escolhi tratar da minha filha primeiro, quando eu voltei que dava pra conciliar os dois já era tarde, a empresa tinha sido vendida. Eu fui pra outra empresa e na escolinha eu fiquei por vinte dias aí chegou a notícia que eles não queiram mulher no volante ainda, daí eu trabalhei mais um mês e fui lá e pedi a conta. (Antúrio, grifos nossos)*

4.5 ASSÉDIO MORAL

A incidência de depoimentos que remetem à situações constrangedoras, brincadeiras, piadas, ações explícitas ou que denotam assédio moral por parte dos colegas de profissão do sexo masculino foram recorrentes, tal prática é denominada assédio moral horizontal³⁸.

No depoimento de Margarida com relação à chamada escolinha de treinamento ofertada pelas empresas contratantes, fica implícita a situação de assédio vivida, vez que no decorrer da capacitação houve momentos que pensou em desistir em virtude da pressão exercida pelos treinadores.

³⁸ No assédio horizontal, o agressor pratica o ato ilícito, em muitas situações por inveja de seu colega de trabalho que se destaca por alguma habilidade e pelo trabalho, podendo vir a obter uma promoção, ou ainda por discriminação sexual, religiosa, ética, política etc. O assediador expõe a vítima a situações de humilhação mediante comentários ofensivos, boatos sobre a vida pessoal, acusações que denigrem sua imagem com o empregador, minando seus planos de trabalho. Fonte <[www. http://bancariosma.org.br/paginas/noticias.asp?p=9901](http://bancariosma.org.br/paginas/noticias.asp?p=9901)>

Margarida também relatou situações de discriminação sofridas por parte de usuários, que chegam a ser ofensivos e que não são somente os homens que discriminam, há mulheres que também o fazem.

Nos depoimentos de Palma e Rosa há relatos de situações em que a capacidade profissional é subestimada pelas ‘brincadeiras’ e tabus. Palma evidencia que esse tipo de comportamento de alguns/mas usuários/as incomoda, chateia, magoa. Constituem-se em uma dificuldade a mais no dia a dia das motoristas.

B: (...) e tem homem que entra e fala ah mulher no volante perigo constante... sabe? Aquelas brincadeiras sem graça... tipo as vezes eu relevo... finjo que não escuto... mas quando eu estou meio atacadinha assim eu já dou um troquinho né? (risos) não sou grossa com ninguém mas... haja paciência né? As vezes você está naquele dia que nada tá dando certo... já pegou um trânsito filha da mãe... ou as vezes pô na viagem de seis e meia da tarde é a pior viagem que tem... é um trânsito lascado lá em cima... aí chega aqui no ponto o pessoal olha... é... esse ônibus tá atrasado né? Ele achou que eu vim sozinha no trânsito? ele não achou que eu peguei um monte de sinaleiro... um monte de carro na frente...empecilho (Palma, grifos nossos)

B: Assim... é diferença bastante sabe... tem uns que leva pelo lado assim... que são bem legal... mais tem muitos assim que eles tipo... acham que a gente tem que tá na cozinha... lavando roupa... fazendo os afazeres de casa e não tá lá achando que querem eles mesmo exercer essa profissão... não todos né... não é a maioria... mais a minoria pensa assim (Rosa, grifos nossos)

Os relatos de Antúrio, Tulipa e Rosa remetem à situações constrangedoras, brincadeiras ou ações que causam sofrimento, desconforto ou até mesmo assédio moral por parte de colegas de profissão do sexo masculino, empregadores ou usuários.

B: essa empresa que eu tô aqui mesmo quando eu passei pra motorista dentro do terminal.. os próprios colegas da mesma empresa faziam de tudo pra mim não conseguir estacionar o ônibus dentro do terminal... até que um dia eu cheguei.. coloquei o martelo do lado e estacionei o ônibus do lado e falei pro cara.. vem.. vem... daí as passageiras que estavam dentro falo pra mim.. chama que se você não aguentar a gente aguenta... por que o cara tá tirando com a sua cara faz uma semana.. na hora de eu sair ele sai junto.. daí eu parava ele parava... na hora que eu tentava sair do terminal ele também saía junto ao mesmo tempo... já aconteceu várias vezes.... aconteceu de na hora de tá estacionando ele levar o carro mais pra frente pra mim não ter aquela vaga pra mim poder colocar o ônibus... (Antúrio, grifos nossos)

B: Olha eu na verdade já me importei bastante em relação a isso já sofri bastante até hoje ainda pra mim é meio complicado por que nem todos os colegas de trabalho respeitam né? Mais é isso daí (Tulipa, grifos nossos)

B: Já sofri muito.... E muito preconceito que quase cheguei a desistir no começo... mais como a gente luta pelo que a gente deseja... então a gente não pode ser fraco tem que lutar e não pode desistir... então graças a essa persistência minha hoje eu tô onde eu tô... mais se fosse ter que escutar muita crítica assim de algumas pessoas...

que não sei se é por despeito ou não tem coragem de exercer a profissão... daí elas te criticam... te ofendem... te deixam lá embaixo... mais graças a garra da gente e persistência a gente chaga lá (Rosa, grifos nossos)

Ainda nos depoimentos de Antúrio e Girassol evidencia-se desconforto e sofrimento provocado pelos empregadores em virtude da pressão em que se encontram submetidas.

*B: Olha... mudar de profissão não... por que... eu tava a fim de parar mas não devido a... colegas de trabalho... mas sim a administração da empresa... eles deixam muito a desejar... eles.. eles penaliza a gente.. quanto mais a gente trabalha certinho mais eles querem penalizar as pessoas... **Muita pressão do lado da empresa com relação a tudo.** (Antúrio, grifos nossos)*

*B: Eu tô num estado que eu chego em casa eu quero dormir eu levanto pra trabalhar então é uma situação muito complicada eu acredito que tinha que ter mais folgas nos finais de semana... pelo menos sábado e domingo...né? pra descansar a cabeça por que... na verdade não é o corpo que cansa é a cabeça... então tem dia que a gente se sente doente mas não sabe explicar o que que tá acontecendo... então você vai ficando doente assim... silencioso sem saber que que tá acontecendo.. não tem vontade... quando as pessoas tão conversando tão rindo.. a gente... tá triste... é uma situação... ruim.. que não dá nem pra explicar... não dá nem pra contar pro médico que que tá se passando... **pressão... horários... muita pressão** (Girassol, grifos nossos)*

4.6 PRECONCEITO SEM DISFARCES

Nesta seção destacamos relatos das entrevistadas que, no desempenho da profissão de motorista de ônibus, são submetidas por situações que remetem ao preconceito e/ou situações de discriminação por gênero/sexo.

Todos os depoimentos dessa categoria convergem para o proposto por Carvalho (2015) em que algumas manifestações acerca das desigualdades de gênero são carregadas de opressão e violência em virtude da desvalorização da mulher e do machismo.

Nos depoimentos de Antúrio, Girassol e Margarida percebe-se que as situações de preconceito por parte de usuários/as relatadas são frutos das construções sociais que, historicamente, são alicerçadas nos modelos masculinos, e, a presença de mulheres na condução dos veículos causam desconforto, insegurança, repulsa e rejeição, e, estas são manifestadas de forma grosseira causando sofrimento nas profissionais.

*B: Usuário ainda temos os preconceitos ainda... **já aconteceu de passageiro não subir no ônibus... por eu ser mulher e tá no volante...** e não foi no turismo foi no S. F. num ônibus de linha (Antúrio, grifos nossos)*

*B: Já tive dificuldade... as vezes aparece alguém que não quer entrar no ônibus... que entra fazendo comentários... comentário bobo sobre ai é uma mulher... **ai eu vou descer é uma mulher** (Girassol, grifos nossos)*

B: *É difícil... muito difícil... tem alguns educado tem outros que não é educado.... é... fala coisa ruim mesmo (Margarida, grifos nossos)*

Nos depoimentos de Margarida, Palma e Tulipa acerca de preconceito sofrido no exercício profissional, nota-se que a discriminação e os insultos ocorrem também por parte das mulheres usuárias do transporte coletivo. Os depoimentos apontam que a maioria das pessoas que reclamaram foram mulheres.

A: *Você consegue identificar se são mais os homens ou mulheres que faltam com respeito?*

B: *Eu acho que são mais as mulheres, infelizmente (Margarida, grifos nossos)*

B: *É já recebi sim... teve gente que parou no ponto.. aí olhou e falou ah é mulher eu não vou... aí tipo... eu falo sinto muito... espera o próximo... as vezes até a própria mulher já falou isso... o marido dela pegou e puxou ela pelo braço e disse nada a ver... (Palma, grifos nossos)*

B: *Nem todos... tem suas exceções né? mais é... boa parte deles que fez assim preconceito foi a própria mulher mesmo... Agora... os homens são difíceis reclamar mas já... já aconteceu comigo alguns casos de... de mulher não querer pegar o ônibus comigo e pegar o próximo por que era um homem (Tulipa, grifos nossos)*

A: *Você já sofreu preconceito e discriminação baseados no seu sexo ou gênero no exercício da profissão?*

B: *Já... já...já aconteceu de passageiro é... criticar.. que mulher não pode....aconteceu o caso da senhora né? Que pegou o ônibus comigo e falou que mulher tem que ser que nem pétala de rosa... que não pode exercer a função de homem... que mulher fica muito máscula e que mulher tem que ficar em casa cuidando do fogão... cuidando dos filhos e que isso daí não era profissão de mulher (Tulipa, grifos nossos)*

Nos depoimentos de Begônia e Dália infere-se que as atitudes preconceituosas ainda ocorrem, porém estão se dissipando com o passar do tempo.

B: *No início sim.... como eu te falei no início da entrevista... realmente há alguns anos atrás o preconceito era grande... já houve casos de passageiro subir e ver que era mulher e descer... não vou mentir... mas hoje? Tranquilo... isso aí foi ficando lá atrás....hoje em dia não existe mais isto, que eu saiba não tem mais... e se existir é um caso isolado (Begônia, grifos nossos)*

B: *Já bem no começo quando eu passei para motorista... eu estava fazendo Jardim Itália e daí eu cheguei lá na Nestor de Castro e um passageiro veio e falou assim ah eu não vou... é mulher que tá dirigindo eu não vou... daí eu falei puxa amigo sinto muito mas eu não sei como você vai fazer para ir embora... você vai ter que pegar um taxi por que só tem dois Itália na linha e o outro Itália quem tá fazendo também é uma mulher... foi muito legal por que ele não sabia onde enfiar a cara né? Aí... ele acabou quando não tinha o que fazer ele veio e viu que... que a gente é igual a qualquer outra pessoa.. né? Só isso mesmo acho que foi a única vez que isso aconteceu mesmo (Dália, grifos nossos)*

Já para Gardênia a questão da discriminação e preconceito é gerada por parceiros íntimos que não concebem uma mulher atuando em profissão com predomínio masculino.

B: Não... aquele preconceito... não? O único preconceito eu vou comentar é relacionamento... tipo assim o meu relacionamento com namorado... esse aí eu tenho bastante preconceito... tipo se eu começo a namorar uma pessoa... é... ela não me respeita por eu ser motorista mulher... motorista de ônibus... você tá no meio de um monte de homem... você tá tendo contato com muitas pessoas... você pode me trair... você pode fazer isso fazer aquilo... não me respeita ao ponto de que eu mereça ser respeitada (Gardênia)

4.7 CONQUISTAS e DESAFIOS

No decorrer das entrevistas foi possível perceber por intermédio das falas e do posicionamento das mulheres motoristas de ônibus, que a inserção e permanência neste campo de trabalho, ainda que num contexto de precarização e permeada por inúmeros desafios, evidenciou que o grau de satisfação e realização profissional se fez presente na grande parte dos relatos das motoristas.

Os depoimentos de Cravo, Petúnia, Jasmim e Rosa convergem para as manifestações de amor e orgulho pela escolha e atuação profissional.

A: Você se realiza nesta profissão?

*B: Ah eu **me sinto realizada... eu tenho orgulho de ser motorista...** tipo assim nossa tipo você vê... você dirigi... que nem você pegar um carro e você dirigir um onibuzão tipo assim dá diferença... as vezes você passa assim nem percebe e as pessoas ficam... te olhando... né? Então tipo assim eu me sinto orgulhosa.. apesar de a gente ganhar pouco né? Mas eu me sinto realizada (Cravo, grifos nossos)*

*B: Muito... **eu amo essa profissão...** eu acho que é algo assim que... quando você tá lá assim você vê aquele tamanho daquele ônibus você fala assim meu Deus olha eu aqui na frente assim tipo... levando todas aquelas pessoas... é algo muito bom (Petúnia, grifos nossos)*

B: Bastante... muito... muito... eu amo o que eu faço (Jasmim)

A: Você pensa em mudar de profissão?

*B: **Não me vejo fazendo outra coisa...** até tentei já fazer um curso de enfermagem... já tive que parar porque não é aquilo que eu quis entender? Então hoje eu tô mesmo na área certa e se Deus quiser eu pretendo me aposentar nessa profissão porque é o que eu realmente gosto. (Rosa, grifos nossos)*

Os relatos de Amarílis e Palma convergem para os desafios encontrados no cotidiano profissional, com a ressalva de que são acompanhados por conquistas. Ficando evidenciado que referidas conquistas são resultantes da determinação em vencer os obstáculos que se apresentaram.

A: Considerações quanto aos desafios...

B: Acho que **desafios... éee todos os dias você tem que enfrentar um....** quanto mais difícil mais saboroso é né... e mais assim tem colega de trabalho que deveria respeitar mais as mulheres... sabe.... eles ficam observando o que a gente faz de errado pra poder depois ficam falando em rodinha... acho que isso deveria mudar... eles deveriam ter mais consciência ... sabe... por que em casa eles tem esposa, mãe e com certeza filhas... e lembrar que não foi um homem que pariu eles... foi uma mulher (Amarílis, grifos nossos)

B: Então... como eu to a um tempinho já e tipo... **esse trânsito tá ficando cada vez pior...as vezes eu me irrita um pouco com esse trânsito...** é muita barbearagem sabe? Se você não cuidar e não tiver Deus na tua vida... cara você bate o tempo inteiro por que é muita coisa... então você sai daqui sobrecarregada... e assim eu tava pensando em fazer um curso de... socorrista né? Pra ver se eu me dava bem... só que como a mãe ficou doente e o curso era no sábado e ia precisar ficar o dia inteiro no curso eu não pude fazer né? Tirando o estresse do trânsito no fim da tarde é super bom (Palma, grifos nossos)

Como nem tudo são conquistas o fato de Gardênia não atribuir o adoecimento ao exercício da profissão e sim a fatores familiares, pode-se inferir que a rotina estressante pode ter contribuído para o desenvolvimento do quadro depressivo.

B: A pouco tempo atrás eu fiquei afastada pelo INSS um ano e dois meses afastada por depressão... mais por motivos de... de família... até minha filha mais velha chegou pra mim e falou... mãe vamos mudar de profissão? Essa tua profissão tá te acabando... muito estresse... a rotina de trabalho tua é muito grande.. **eu pensei em tudo mas não consegui....** Ainda vou no psiquiatra... converso... só não tomo remédio... pra não ficar sonolenta na direção (Gardênia, grifos nossos)

Ao analisarmos os relatos das entrevistadas com relação ao exercício profissional, constatamos que sua efetivação concede às motoristas as condições básicas para suprir as necessidades fundamentais para sobrevivência de si e de sua prole e construção de suas próprias histórias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação das mulheres em uma profissão carregada historicamente por estereótipos dicotomizados de gênero que as subestimam e tacitamente sugerem que a direção de um automóvel (quicá um ônibus) não lhes seja adequada e que lhe caia melhor a direção de um fogão ou máquina de lavar, ainda se faz presente no cotidiano dessas trabalhadoras e ocorrem de forma velada ou explícita.

Uma das expressões que ilustram este estereótipo é o fato de ainda ser um posto de trabalho marcado pelo predomínio de homens visto que segundo dados de 2015 a quantidade de mulheres motoristas de ônibus que atuavam no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana era muito baixa.

Desta forma analisar a percepção das motoristas de ônibus frente as condições de acesso e permanência, os tabus, as conquistas do exercício profissional no Transporte Coletivo Urbano de Curitiba e Região Metropolitana, vem investida de um grande desafio, tal qual é para elas adentrar e permanecer em profissão construída por homens e para homens.

Para alcançarmos os objetivos propostos realizamos entrevistas semiestruturadas com 20 mulheres motoristas de ônibus, com vistas a analisar a percepção delas frente as condições de acesso e permanência, os tabus, as conquistas os desafios do exercício profissional, bem como, investigar as razões pelas quais estas mulheres buscaram a profissão; avaliar se os critérios postos para o processo de contratação dos/as motoristas de ônibus, são excludentes com relação ao gênero dos/as candidatos/as ao cargo e identificar qual o posicionamento/postura da mulher condutora de ônibus, frente às possíveis situações de discriminação por gênero/sexo, no desempenho da função.

Referente as influências para a conquista da Categoria D ou E na carteira de habilitação, bem como a motivação para a escolha profissional no universo de 20 mulheres participantes, constatamos que 70% ou seja 14 entrevistadas, romperam a reprodução dos padrões estereotipados de gênero, visto que em seus relatos, as influências e motivações ocorreram por vontade própria ou por se espelharem em outras mulheres.

Segundo informações colhidas junto ao sindicato patronal, não há objeção por parte das empresas para admissão de mulheres motoristas. Nos depoimentos das entrevistadas acerca da percepção sobre os critérios postos para contratação, em algumas relatos não há indícios de prejuízo na contratação pelo fato de serem candidatas mulheres ao cargo. No entanto devido a complexidade de posturas e olhares dos/as contratantes houve algumas ocorrências que podem ter dificultado a contratação por práticas discriminatórias que se

perpetuam em ambientes conservadores.

Destacamos relatos em que as entrevistadas atribuem às pessoas encarregadas pelo processo de seleção, majoritariamente formada por mulheres, a responsabilização pelos obstáculos geradores da desproporcionalidade entre homens e mulheres contratados/as para o exercício da profissão de motorista de ônibus, ficando explícita a reprodução do sexismo ao se atribuir papéis e posições de acordo com cada sexo. Este comportamento evidencia que as pessoas responsáveis pela contratação, além do sexismo, manifestam em seu comportamento a misoginia.

Observamos alguns posicionamentos de entrevistadas que endossam as práticas discriminatórias das empresas contratantes ao aceitar com naturalidade ou até mesmo reproduzir a perspectiva do empregador no que se refere a probabilidade da mulher engravidar e ter que se ausentar do trabalho por motivos médicos ou licença maternidade, causando prejuízo na rotina de trabalho.

Ainda no que se refere a percepção das motoristas acerca da desproporcionalidade entre mulheres e homens contratado/as para trabalhar como motoristas de ônibus, verificamos antagonismo em suas opiniões, vez que há um grupo de mulheres com posicionamentos contrários à disparidade existente, se afirmando tão capazes e nas mesmas condições para o exercício da profissão como qualquer motorista masculino.

Por outro lado, também verifica-se posicionamentos de mulheres que, por não perceberem ou até mesmo negarem os obstáculos de desigualdade entre gênero impostos no exercício e inserção desta profissão, se utilizam do discurso da culpabilização e falta de coragem de seus pares atribuindo às outras mulheres o medo e a culpa pela desproporcionalidade existente entre os motoristas homens e as motoristas mulheres.

A respeito das relações sociais/relacionamento com os colegas de profissão, é observável nas falas de algumas mulheres, mesmo que nas entrelinhas, questões que versam sobre a dominação masculina exercida sobre as mulheres, alguns relatos retratam diversas situações desta natureza, que vão desde motoristas que para obter privilégios, se eximem de trabalhar em ônibus e/ou fazer itinerários ruins, induzindo que as mulheres se submetam a este trabalho mais precarizado sob pena de demissão do cargo.

É recorrente nos depoimentos sobre as relações sociais entre os/as motoristas, relatos de piadinhas e até mesmo intimidação e hostilidade contra as mulheres motoristas que, como estratégia de defesa, se utilizam da indiferença, fingindo não ser com elas as investidas indesejadas.

Além das questões que versam sobre a dominação/exploração naturalizadas pela ideologia patriarcal, foram recorrentes as falas de entrevistadas acerca de situações que denotam assédio moral por parte dos colegas de profissão, usuários/as ou empresas contratantes.

Além das situações que denotam assédio moral, se faz muito presente e corriqueiro relatos das motoristas de ônibus que no desempenho da profissão são surpreendidas por situações de discriminação por gênero/sexo que remetem ao preconceito, sexismo e misoginia.

Em contrapartida, ao analisarmos os relatos de dificuldades e obstáculos vivenciados por elas, é possível constatar que as mulheres entrevistadas manifestam contentamento, satisfação e realização profissional. Bem como, inferimos que as entrevistadas definem a coragem como atributo para inserção na profissão.

Constatamos que as conquistas apontadas por estas mulheres são frutos da determinação em vencer os obstáculos que se apresentam no cotidiano profissional, ficando visível o empoderamento de todas.

Destacamos que as objetivações iniciais da dissertação foram atendidas. E de um certo modo ultrapassadas com novas descobertas, dada a ênfase nos depoimentos das motoristas no que tange ao modo de dirigir e a relação de cuidado identificada no exercício profissional para com os/as usuários/as do transporte coletivo e em especial o cuidado com a população idosa usuária do transporte coletivo.

Evidencia-se que o cuidado é peculiar no exercício profissional tornando-se o diferencial destas para com os usuários/as e todo/as que trafegam na malha viária de Curitiba e Região Metropolitana.

Os depoimentos que remetem ao cuidado no exercício profissional das mulheres motoristas, são distintos do cuidado proveniente da divisão sexual do trabalho o que também é fortemente citado pelas mulheres ao executar o trabalho formal concomitante com o trabalho doméstico e de cuidados aos familiares.

No entanto, considerando a inexistência de construções teóricas acerca do cuidado desenvolvido pelas profissionais motoristas de ônibus, nos embasamos nas ideias centrais de Tronto (1997) nas quais o cuidado não deve estar relacionado ao gênero sob pena de incumbir esta tarefa somente às mulheres. Concordamos com Carvalho (1999) quando ela enfatiza a necessidade de reconhecimento da qualificação necessária para o exercício do cuidado, vez que ele não é instintivo. As mulheres não são necessariamente maternais, atenciosas e minuciosas.

Com base nos depoimentos das entrevistadas podemos concluir que com o passar do tempo a tendência será a diminuição do preconceito por parte de seus pares e dos/as usuários/as do transporte coletivo urbano graças a maior inserção das mulheres nesta profissão.

Da mesma forma as mulheres veem com otimismo a diminuição da desproporcionalidade entre os motoristas do sexo masculino com as motoristas do sexo feminino.

A ênfase nas conquistas é referenciada pela ascensão profissional das mulheres que vieram de outras áreas, bem como das que já trabalhavam nas empresas de transporte como cobradoras ou atendentes e foram promovidas para o cargo de motoristas no ônibus.

A reprodução de discriminação e preconceitos contra as motoristas, pelas próprias mulheres usuárias do transporte foi recorrente entre os relatos das entrevistadas. É possível que haja outras situações vividas pelas mulheres motoristas que não foram relatadas nesta entrevista por não serem vistas como assédio moral.

Consideramos pertinente indicar que os posicionamentos de todas as entrevistadas foram contemplados na análise de conteúdo, o que vem demonstrar a multiplicidade de olhares e a prevalência das desigualdades nas relações sociais de gênero no que concerne o cotidiano profissional e pessoal das mulheres motoristas de ônibus participantes.

Enfatizamos que a realização da pesquisa objetivou analisar a percepção das motoristas de ônibus frente às condições de acesso e permanência, os tabus, as conquistas e os desafios do exercício profissional no Transporte Coletivo Urbano de Curitiba e Região Metropolitana, sendo que os objetivos específicos versaram sobre: investigar as razões pelas quais as condutoras de ônibus no transporte coletivo urbano de Curitiba e Região Metropolitana buscaram a profissão; avaliar se os critérios postos para o processo de contratação dos/as motoristas de ônibus são excludentes com relação ao gênero dos/as candidatos/as ao cargo; identificar qual o posicionamento/postura da mulher condutora de ônibus frente às possíveis situações de discriminação por gênero/sexo no desempenho da função. Entendemos tê-los atingido integralmente, vez que a coleta de dados e a análise de conteúdo foram direcionadas para contemplar todas as indagações referentes ao pretendido na presente pesquisa.

Concernente a temática desta pesquisa, ficou evidenciada a invisibilidade por parte dos/as pesquisadores/as em trabalhar esta temática, visto que após levantamento bibliométrico abrangendo o período de 2010 a 2016, identificou-se uma única produção com o tema mulheres motoristas de ônibus, intitulado: *Mulheres ao volante: uma análise de gênero, saúde*

e trabalho em mulheres motoristas de ônibus na cidade do Rio de Janeiro de autoria de Danielle Pires Marques Vellozo (Dissertação de Mestrado – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca).

Destarte fica demonstrada a relevância e ineditismo desta dissertação, por abordar a percepção da condutora de ônibus acerca das condições de acesso e permanência, os tabus, desafios e experiências na operacionalização do trabalho no transporte público de Curitiba e Região Metropolitana.

A tônica desta pesquisa pautou-se na igualdade de direitos, portanto não se buscou argumentar que uns/umas sejam melhores que outros/as e sim analisou a ocorrência de disputas de poder que culminam na desigualdade das relações sociais entre homens e mulheres.

Acreditamos que a realização de produções teóricas que problematizem a atuação das mulheres nas mais diversas profissões, inserindo nos debates as relações de poder existentes nas profissões menos elitizadas, com destaque à profissão de motorista de ônibus, poderá proporcionar maior abertura nos campos de trabalho com predomínio masculino.

Esta dissertação poderá contribuir para a desmistificação da inserção destas mulheres, no sentido de que se construa e se amplie, nos ambientes institucionais, práticas mais inclusivas e se proporcione postos de trabalho mais equânimes, que disseminem o acolhimento destas profissionais por parte de seus pares e usuários.

Considerando a complexidade existente nas relações de poder entre os homens e mulheres, bem como a percepção das motoristas de ônibus frente à inserção e permanência nesta profissão marcada pela presença masculina e o fato de não termos esgotado todas as questões que permeiam esta dinâmica, sugerimos para os trabalhos futuros nesta temática o aprofundamento nas relações de poder no que concerne ao assédio moral e ou sexual, visto que o assédio ficou impresso nos relatos das entrevistadas, embora o foco da pesquisa fosse outro.

Também sugerimos pesquisas que aprofundem as questões do cuidado, tema que também foi amplamente mencionado pelas entrevistas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **O Caracol e sua Concha**: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **Adeus ao Trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho. 11. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

ARANGO, Luz Gabriela. (Cuidados, Emoções e Condições de Trabalho nos Serviços Estéticos no Brasil) **In: Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. Alice Rangel de Paiva Abreu, Helena Hirata, Maria Rosa Lombardi (Orgs). São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

BANCÁRIO MA. Sindicato dos Bancários do Maranhão. **Plantão /Assédio Moral**. Disponível em <[www.http://bancariosma.org.br/paginas/noticias.asp?p=9901](http://bancariosma.org.br/paginas/noticias.asp?p=9901)> Acesso em: 13/10/2017.

Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/component/content/article?id=2164>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. **Revista Debates**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BORGES, Zulmira N. et al. Patriarcado, heteronormatividade e misógina em debate: pontos e contrapontos para o combate à homofobia nas escolas. **Latitude**, vol. 07, nº 01, p61-76, 2013. Disponível em <https://www.academia.edu/23834499/Patriarcado_heteronormatividade_e_misoginia_em_debate_pontos_e_contrapontos_para_o_combate_%C3%A0_homofobia_nas_escolas> Acesso em: 28/12/2017.

BROWNIG, H. C., SINGELMANN, J. (1978) The transformation of the US Labour Force: the interaction of industry and occupation. *Politics and Society*. Springfield: v. 8, n. 3-4, p. 481-509.

BRUSCHINI, Cristina. **Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?** (Brasil, 1985/95). In: M. I. B. da Rocha (Org.). Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. Campinas: ABEP: NEPO: UNICAMP, Ed. 34, 2000, p. 13-58.

BRUSCHINI, Cristina & LOMBARDI, Maria Rosa. **Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 17/18, 2002, p. 157-196.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso *Versus* Análise de Conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 15(4): p. 679-84, out./dez. 2006.

CARVALHO, Marília Gomes de. (A dicotomia masculino x feminino na construção do gênero e suas implicações sociais) **In: Educação & diversidade: a questão de gênero e suas múltiplas expressões**. Nadia Terezinha Covolan; Daniel Canavese de Oliveira (Orgs). Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2015.

CARVALHO, Marília Gomes de; SILVA, Nanci S. **A Tecnologia e a divisão sexual do trabalho**. In: Coletânea “Educação e Tecnologia”. Curitiba: Editora CEFET-PR, 2003.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e Ciência: Desafios e Conquistas. R. Inter. Interdisc. **INTERthesis**, Florianópolis, v.8, n.2, p. 20-35, Jul./Dez. 2011.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. 1. ed. São Paulo: Xamã / FAPESP, 1999

CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Silenciadas e Invisíveis: Relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017.

COSTA, Claudia de Lima. O leito de procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.2, p.141-174, 1994.

ENGELS, Friederich. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>> - Acesso em 10 de abril de 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje**. In: LIMA, Julio Cesar França; NEVES, Lucia Maria Wanderley. Fundamentos da Educação Escolar do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Fiocruz/EPSJV, 2007, p. 241-287.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1982.

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/schhp?hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 25 set. 2016.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

HIRATA, Helena; DEBERT, Guita Grin. Dossiê de Gênero e Cuidado. In: **Cadernos Pagu**, (46), janeiro-abril de 2016:7-15. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n46/1809-4449-cpa-46-0007.pdf>> . Acesso em 10 junho 2017.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho.

In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Tradução de Fátima Murad. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em 09 set. 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - **Censo de 2010**. Disponível em < <http://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em 05 set. 2016.

ITANI, Alice. O trabalho, sua invisibilidade e seu estudo: algumas considerações a partir do trabalho nos serviços dos transportes. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 8(1): 161-194, maio/1996. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v8n1/0103-2070-ts-08-01-0161.pdf>> Acesso em 14 de setembro de 2017.

KERGOAT, Danièle. A Relação Social de Sexo da Reprodução das Relações Sociais à sua Subversão. **Pro-Posições**. V. 13, N. 1 (37), Jan/abr. 2002. Tradução de Alain François. Disponível em <[37-dossie-kergoatd%20-%20Relação%20social%20de%20sexo.pdf](#)>. Acesso em 20 junho de 2017.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na física. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 883-903, set./dez. 2013.

LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheiras Brasileiras: Inserção e Limites de Gênero no Campo Profissional. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 173-202, jan./abr. 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. **In Teoria & Educação**. Porto Alegre: Pannonica, n 6, 1992.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos)

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política** (tradução de Reginaldo Sant'Anna). 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 (Livro 1, Volumes 1 e 2)

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política** (tradução de Reginaldo Sant'Anna). 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996 (Livro 1, Volumes 1)

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Herivelto; CALEFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o pesquisador professor**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 51-66.

NODDINGS, Nel. **Caring: A Feminist Approach to Ethics and Moral Education**. Berkeley, CA: University of California Press, 1984. p. 79-103.

OFFE, Claus. **Trabalho & Sociedade: Problemas Estruturais e Perspectivas para o Futuro da Sociedade do Trabalho**. Tradução de Gustavo Bayer e Margit Martincic. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991, 180 páginas, vol. 2 (Biblioteca Tempo Universitário n. 89, Série Estudos Alemães).

ÔNIBUS DE CURITIBA. Disponível: <<http://onibusdecuritiba.com/historia>>. Acesso em 06 de julho de 2016.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PETROVIC, Gajo. 2001. Práxis. In: Tom Bottomore (Ed). **Dicionário do Pensamento Marxista**. (Trad. Waltensir Dutra) Rio de Janeiro: Zahar, pp. 292-6. 1983.

RICHARDSON, Roberto Jarry (org.). **Pesquisa Social. Teoria: Métodos e Técnicas**. 3ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência. 2ª reimpressão**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?**/Londa Schiebinger; tradução de Raul Fiker. - Bauru, SP : EDUSC, 2001. 384 p. (Coleção Mulher). SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. **SciELO**. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 25 set. 2016.

SCOTT, Joan. Some more reflections on Gender and Politics. In: SCOTT Joan. **Gender and politics of History**. New York: Columbia University Press. 1988, p. 199-255.

SCOTT, Joan. O gênero como uma categoria útil de análise histórica. In Educação e Realidade: **Gênero e Educação**. Porto Alegre, V. 20, n. 2: p. 71-99, jul/dez 1995.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 11-30, janeiro-abril/2005.

SciELO - Scientific Electronic Library Online FAPESP - São Paulo SP - Brasil – Brasil. Disponível em: < <http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 13 set. 2016.

SETRANSP. Disponível em <<http://empresasdeonibus.com.br/>>Acesso em 21 de agosto de 2015.

SILVA, Ricardo Azevedo. Evolução Recente do Terciário (Serviços) no Brasil. Campinas, SP: [s.n.]. 2009. **Tese** (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285625/1/Silva_RicardoAzevedo_D.pdf> Acesso em: 13 setembro 2017.

TORTATO, Cíntia de Souza Batista. Articulações entre gênero, empoderamento e docência: estudo de caso sobre um curso de formação de professores da Universidade Tecnológica

Federal do Paraná. 2014. 245 f. **Tese** (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. Curitiba, 2014.

TRINDADE, Hiago. Os sentidos e as configurações o Trabalho. In AMARO, Sarita et al. (Orgs). **Dicionário crítico de serviço social**. Rio de Janeiro: Autografia, 2015. p. 69-91.

TRONTO, Joan C. Mulheres e cuidado: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (Eds.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p. 186-203.

TRONTO, Joan C.; FISHER, Berenice. Toward a Feminist Theory of Caring. In: ABEL, E.; NELSON, M. (Eds.). **Circles of Care**. Albany, NY, SUNY Press, 1990, pp.36-54.

URBS. Disponível em <<http://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/institucional/urbs-em-numeros>> Acesso em: 17de setembro de 2015.

URBS. Disponível em <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/rede-integrada-de-transporte/37> > Acesso em 06 de setembro de 2017.

VARGAS, Regina Beatriz. Haverá lugar para o olhar de gênero na ciência Brasileira? **Cadernos de Gênero e Tecnologia** / Periódico Técnico- Científico do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da UTFPR. Ano 1. n. 29-30 (Janeiro a junho de 2014 – Trimestral). Curitiba: Editora UTFPR. p 20- 31.

VELHO, Lea; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas, 10, p. 309-344, 1998.

VELLOZO, Danielle Pires Marques. Mulheres ao volante: uma análise de gênero, saúde e trabalho em mulheres motoristas de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. 2010. 100 f. **Dissertação** (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010.

ZOBOLI, Elma Lourdes C.P.. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Rev Esc Enferm USP** 2004; 38(1):21-7. Disponível em <<http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/89.pdf>> Acesso em: 10 junho 2017.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

APÊNDICE I - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS GRAVADAS

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do níves de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razoes ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.	(...)	(...) nós vimos que existem...

Não no seu início, por exemplo.		
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “ O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)
2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o cadenciamento da frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa)
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

APÊNDICE II – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Esta pesquisa tem por objetivo investigar a percepção das mulheres acerca das condições de acesso e permanência na profissão de condutoras de ônibus em Curitiba e Região Metropolitana, vez que historicamente tem-se a preconcepção de se tratar de trabalho predominantemente masculino.

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Com relação a sua cor você se considera:
- 4) Estado Civil:
- 5) Composição familiar
- 6) Média salarial
- 7) Foi influenciada para conquistar a Carteira Nacional de Habilitação D?
- 8) O que te levou a escolher a carreira de motorista de ônibus?
- 9) Há quanto tempo está na profissão?
- 10) Qual é a sua jornada de trabalho na empresa?
- 11) Qual é a sua jornada de trabalho em casa?
- 12) Como se deu o processo de contratação como motorista de ônibus?
- 13) Como é seu relacionamento com os motoristas de ônibus do sexo masculino?
- 14) No exercício de sua profissão, sente se respeitada pelos colegas de profissão?
- 15) No exercício de sua profissão, sente se respeitada pelos usuários do transporte público?
- 16) Você se realiza nesta profissão?
- 17) Você pensa em mudar de profissão?
- 18) O que pensa a respeito da desproporcionalidade entre motoristas mulheres e motoristas homens?
- 19) Você percebe algum empecilho para a contratação de mulheres como motoristas de ônibus?
- 20) Você percebe diferença considerável no exercício profissional entre os motoristas do sexo masculino com as motoristas do sexo feminino?
- 21) Você já sofreu preconceito e discriminação baseados no seu sexo ou gênero no exercício da profissão?

APÊNDICE III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: Atuação das Mulheres Conductoras de Ônibus no Transporte Coletivo de Curitiba: Tabus, Desafios e Experiências na Operacionalização.

Pesquisadora: Ana Maria de Carvalho
Rua Antônio Venski – 198 – São Braz – Curitiba
Fone: 99153-9995

Orientadora: Dra. Lindamir Salete Casagrande

Local de realização da pesquisa: Curitiba e Região Metropolitana

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE**1. Apresentação da pesquisa.**

Esta é uma pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado que está sendo realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. As informações obtidas nesta entrevista serão usadas com fins estritamente acadêmicos.

2. Objetivos da pesquisa.

O objetivo geral será analisar a percepção da condutora de ônibus acerca das condições de acesso e permanência, os tabus, desafios e experiências na operacionalização do trabalho no transporte público de Curitiba e Região Metropolitana.

3. Participação na pesquisa

A sua participação nessa pesquisa ocorrerá com a realização desta entrevista que será gravada e posteriormente transcrita.

4. Confidencialidade.

Os resultados dessa pesquisa serão publicados, porém será garantido sigilo quanto a sua identificação. As informações obtidas com a sua participação serão utilizadas com fins exclusivamente acadêmicos/científicos. A publicação dos resultados será através da dissertação do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, respeitando a confidencialidade e o anonimato das informações.

5. Desconfortos, Riscos e Benefícios.**5a) Desconfortos, Riscos**

Quanto ao desconforto, acredita-se que esse poderá ocorrer em caso de constrangimento com alguma pergunta ou cansaço durante a entrevista. No entanto, ressalta-se que a qualquer momento, você pode recusar-se a responder perguntas que lhe sejam desconfortáveis.

5b) Benefícios:

Os benefícios dessa pesquisa serão indiretos, pois se espera com a realização da mesma, contribuir com a discussão e aprofundamento teórico sobre a divisão sexual do trabalho e gênero no exercício profissional de motoristas de ônibus, incentivando a promoção de ações de igualdade.

6. Critérios de inclusão e exclusão.

6a) Inclusão: Serão incluídas mulheres motoristas de ônibus que atuam em Curitiba e Região metropolitana.

6b) Exclusão: Serão excluídas do processo de entrevista todas as motoristas com impedimento de trabalhar por motivo de afastamento por qualquer motivo.

7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Este termo vem garantir-lhe os seguintes direitos:

- Solicitar a qualquer tempo, mais esclarecimentos sobre essa pesquisa;
- Ampla possibilidade de negar-se a responder quaisquer questionamentos;
- Recusar-se a dar qualquer informação que considere constrangedora e/ou prejudicial à sua integridade física, moral e social;
- Desistir, a qualquer tempo, de participar da pesquisa.

8. Ressarcimento e indenização.

Esclarece-se que não há nenhum tipo de ressarcimento quanto a sua participação. No que se refere à indenização, essa será garantida conforme legislação vigente.

CONSENTIMENTO

Nome Completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Nome completo: _____

Data: ___/___/___

Assinatura pesquisador (a): _____
(ou seu representante)

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Ana Maria de Carvalho, via e-mail: ana.carvalho@ifpr.edu.br ou telefone: 99153-9995.